

Eco dos Pioneiros

NO PODER DO ESPÍRITO



Sermões de
W. W. Prescott



Centro White Press

© 2013 Centro de Pesquisas Ellen G. White
Título do Original: “Manifest Demonstration of the Spirit”
Compilado por Fred Bischoff
Adventist Pioneer Library, um préstimo de:
Light Bearers Ministry
37457 Jasper Lowell Rd
Jasper OR 97438 USA
(877) 585-1111
www.LightBearers.org

Tradução por: Ezequiel Herculano
Revisão por: Uriel Vidal

Centro White, Unasp-EC
Caixa Postal 11,
Engenheiro Coelho, SP
CEP: 13165-970
Telefone: (19) 3858-9033
www.CentroWhite.org.br

Impresso no Brasil
Primeira Edição: Eletrônica

ISBN: 978-1-61455-008-2

Índice

Prefácio.....	5
Sessão 1 – Histórico	
Campal de Armadale.....	9
Citações de Ellen White sobre os Sermões de Prescott.....	15
Sessão 2 – Sermões de W. W. Prescott	
Permanecer em Cristo e Andar em Cristo.....	27
Sermões em Pedra.....	41
O Grande Conflito Entre o Bem e o Mal.....	53
O Verbo Se Fez Carne.....	69
A Fé de Jesus, os Mandamentos de Deus e a Paciência dos Santos.....	83
Deus ou César, Qual dos Dois?.....	97
Cristo Nosso Exemplo.....	119
A Lei em Cristo – Relação Entre a Lei e o Evangelho.....	137
Sessão 3 – Apêndices	
Declarações de Ellen White sobre a União entre a Lei e o Evangelho.....	157
Declarações de Ellen White que Mostram que os Mandamentos de Deus e a Fé de Jesus são Igualmente Importantes.....	167

Prefácio



Os sermões de W. W. Prescott pregados em sua campanha evangelística em Armadale, Austrália, recebeu forte apoio de Ellen White. Ela descreveu esta experiência evangelística da seguinte forma:

- Instrução tão preciosa quanto ouro
- A verdade em novas linhas
- A verdade num estilo simples e claro, todavia rico em alimento espiritual
- As fervorosas palavras da verdade comparadas com as que se propagaram em 1844
- Luz gloriosa e convincente
- Praticamente nenhum sermão que pudesse ser considerado sermão doutrinário
- Cristo pregado em cada sermão
- Enaltecendo sempre e cada vez mais a pessoa de Cristo
- Nada mais do que o evangelho em sua simplicidade

Além dessa descrição elogiosa, Ellen White ressaltou os seguintes temas referentes à pessoa de Cristo apresentados por Prescott:

- Sua preexistência
- Sua dignidade pessoal
- Sua obra como Criador
- Sua relação com o sábado
- Sua relação com o homem como fonte da vida
- Sua lei exaltada
- Sua presença e obra no coração humano
- Sua segunda vinda em glória e poder

Com relação à reação dos interessados nas reuniões evangelísticas, ela declarou o seguinte:

- O povo ficou profundamente interessado
- Ficam pálidos e dizem: “Este homem é inspirado!”
- Ouvem fascinados
- Sentam-se com os olhos paralisados de admiração
- Dizem: “Todas as palavras são preciosas”
- Dizem: “Nunca assisti a reuniões em que Cristo fosse ensinado e pregado de maneira mais clara
- Solicitam uma cópia das palestras

Nesta compilação, o leitor terá a oportunidade de ler mais completamente o que Ellen White declarou sobre essa impressionante experiência evangelística. Acima de tudo, terá o privilégio de ler os próprios sermões de W.W. Prescott, e se beneficiar de suas inspiradoras mensagens cristocêntricas que certamente reavivarão sua experiência religiosa e sua pregação evangelística.

Fred Bischoff

Diretor da Adventist Pioneer Library

Sessão 1 – Histórico

Histórico



Campal de Armadale

Em 1895, W. W. Prescott participou da reunião campal de Armadale, na Austrália, com três semanas de duração. A campal ocorreu no período de 17 de outubro a 11 de novembro. Prescott ficou responsável pela maior parte dos sermões, discursando 31 vezes. Os resultados foram extremamente positivos. Tanto Ellen White quanto Maggie Hare, sua secretária, estavam presentes assistindo e Maggie tomou notas estenográficas dos sermões de Prescott para que fossem publicados pela *Australian Tract Society*, em forma de folhetos, sendo alguns deles publicados no periódico adventista *The Bible Echo*.

Referindo-se a estes sermões, maravilhada com o impacto que haviam produzido e com o poder com que Prescott pregou, Ellen White escreveu:

[...] suas palavras [de Prescott] são pronunciadas com a manifestação do Espírito e com poder, e sua face brilha com a luz do Céu (*Manuscrito 19*, 1895).

O irmão Prescott tem transmitido as ardentes palavras da verdade, tais como as que ouvi de alguns em 1844. A inspiração do Espírito de Deus tem estado sobre ele. Os descrentes afirmam: “Estas são as palavras de Deus. Nunca antes ouvi tais coisas” (*Carta 25*, 1895, escrita a S. N. Haskell).

Gilbert Valentine, autor do livro *The Shaping of Adventism*, publicado pela Andrews University Press em 1992, fornece detalhes que proporcionam ao leitor uma compreensão mais completa dos sermões de Prescott em Armadale, fornecendo o contexto histórico em que foram proferidos:

Como notamos anteriormente, a ênfase teológica de Prescott mudou radicalmente desde 1888. Os eventos que se seguiram a Minneapolis o levaram a uma nova experiência religiosa, centrada numa “relação pessoal com Cristo”. Como resultado, ele via agora as doutrinas da igreja a partir de uma perspectiva diferente. Como explicou anos depois aos delegados na Conferência Bíblica de 1919, a mudança chegou a ele “quase como uma revelação pessoal, como se uma pessoa estivesse falando comigo”. Quando “se engajou” na obra pela primeira vez, ele pensava que sua missão “era provar as doutrinas. [...] Conforme eu havia visto e ouvido”, continuou ele, a tarefa do pregador é “simplesmente demonstrar a veracidade” dos ensinamentos da igreja. Desde sua “nova visão”, contudo, tinha “deixado tudo de lado e começado a apresentar a Cristo da forma mais simples possível”. Agora acreditava que as doutrinas da Igreja deveriam ser apresentadas como “simplesmente o evangelho de Cristo compreendido corretamente”. Elas deveriam “ser uma decorrência de uma crença em Jesus Cristo como Salvador pessoal vivo”. [...]

A história da campal em Armadale, Melbourne, no final de 1895, ilustra bem o tipo de impacto produzido pelo novo impulso na pregação de Prescott. Armado no centro de um subúrbio de classe média, completamente à vista de uma grande linha ferroviária da cidade, o acampamento de 65 tendas representou uma novidade incomum para a comunidade. No decorrer dos encontros, a congregação regular de 200 membros de igreja, que se encontravam ali acampados, cresceu em número, nas noites e fins de semana de reuniões, com a presença de um público curioso. O evangelista John Corliss e Ellen White eram pregadores também, mas a participação de Prescott era predominante nas reuniões, não só com sua organização, mas também com seu carisma. Sem dúvida, a lendária voz do professor atraiu alguns colonos, mas, de acordo com os que estavam presentes, foi o conteúdo cristocêntrico de seus sermões que fez afluir às reuniões um número cada vez maior de interessados.

Obreiros da igreja ficaram surpresos com o interesse, principalmente conhecendo o preconceito desenvolvido na comunidade contra os adventistas. O livro de Uriah Smith, *Thoughts on Daniel*

and Revelation, havia sido amplamente distribuído por colportores, e sua inclinação ariana sobre a pré-existência de Cristo levou muitos a ver os adventistas como seita sub-cristã herética que negava a divindade de Cristo. Prescott respondeu às críticas pregando a pura doutrina cristã. “Seu tema do início ao fim, e sempre, é Cristo”, relatou, pasmo, W. C. White. “A maneira como o professor Prescott pregou sobre Jesus”, acrescentou A. G. Daniells, “parece ter desarmado completamente o preconceito do povo”. Na opinião de Daniells, a imagem pública dos adventistas havia sido “completamente revolucionada” pelo professor.

Prescott conseguiu até mesmo transformar a tradicional polêmica adventista acerca do sábado/domingo em uma notável apresentação do evangelho. Semanas após a apresentação sobre a doutrina do sábado, o experiente mas estupefato W. C. White ainda se maravilhava. Prescott tinha pregado “com uma clareza e poder que excede qualquer coisa que já ouvi na minha vida”, relatou ele. A verdade tinha sido apresentada “com um frescor e brilho” nunca visto nela antes. Ele lembrou que nenhuma vez sequer chegou a ouvir Prescott pregar “o que estamos acostumados a chamar de sermão doutrinário” nos “moldes antigos”. Ele ressaltou ainda que “as antigas abordagens adotadas na obra” de suscitar “interesse” mediante a “apresentação das profecias” deveriam “ser abandonadas”, e “toda a estrutura” deveria receber “uma nova configuração”. Ele desejava ver “todos” os ministros imitando Prescott em “pregar a Cristo e Este crucificado”.

Ellen White ficou também entusiasmada com os sermões de Prescott e o nível das pessoas que foram atraídas por sua “exaltação de Jesus”. Elas provinham da “fina flor” da sociedade. “Incrédulos ficam pálidos e afirmam: este homem é inspirado”, relatou ela a seu filho Edson. Ela viu neste evangelismo centralizado em Cristo um modelo para toda a igreja. Testemunhos foram escritos incentivando outros a seguir o exemplo do professor.

A nova estratégia de solicitar que secretários tomassem notas estenográficas dos sermões e os transcrevessem para publicação e distribuição nas casas das pessoas, durante a semana seguinte, também se

mostrou muito bem sucedida. Foi considerado um grande avanço que tinha o benefício adicional de suprir o campo australiano com folhetos e livretos muito necessários ao evangelismo. A Austrália estava “com anos de atraso” nesse sentido, segundo W. C. White. Outros no centro da obra em Battle Creek, embora aplaudissem o progresso, teriam preferido que o mérito fosse de qualquer outra pessoa, menos Prescott. A reação deles destaca a contínua tensão sobre o que muitos julgavam ser uma “nova teologia” na igreja daquela época.

Um panfleto intitulado “A Lei em Cristo” foi uma transcrição do que Prescott considerou um dos melhores sermões de Armadale. Aprovado pelo Comitê Australiano de Publicações, mais tarde foi desenvolvido em uma série de seis [na verdade sete] artigos para o *Bible Echo*, o periódico australiano da igreja. Em outubro de 1895, Prescott enviou o manuscrito à Casa Publicadora de Battle Creek, na esperança de que recebesse circulação mais ampla. A apresentação cristocêntrica da “lei” e da “justificação pela fé” no manuscrito baseava-se em uma nova compreensão de Prescott sobre a “lei em Gálatas”. Dois meses depois, a comissão de Battle Creek informou Prescott de que não seria possível publicar o panfleto, pois continha “erros fundamentais”, disseram eles – uma avaliação que “surpreendeu grandemente” os amigos australianos de Prescott.

Prescott reagiu à notícia dizendo que considerava a recusa um “pouco estranha”. Quase achando tratar-se de uma piada, aventurou-se a pedir uma explicação. A Sra. White, porém, não viu graça nenhuma. Completamente indignada com a Comissão de Publicações, ela declarou abertamente que não tinha confiança neles. Afirmou também que eles não estavam aderindo ao princípio “a Bíblia somente” como a “regra de doutrina”, e repreendeu-lhes por “restringir” a divulgação do evangelho. Meses depois, tendo vívida ainda a memória do episódio, ela declarou que a comissão estava “seguindo os passos de Roma”. Levantando a bandeira em defesa dos mensageiros de Minneapolis, ela declarou que os membros da comissão não deveriam “condenar ou controlar” as produções daqueles que Deus estava usando como “portadores de luz para o mundo”. Ela repetiu sua repreensão de que a comissão estava agindo como o papado.

Alguns meses depois – quando a Sra. White escreveu para S. N. Haskell na África do Sul, pouco antes de Prescott deixar a Austrália para visitá-lo – ela novamente fez alusão ao incidente. Ciente das suspeitas de Haskell contra Prescott, por causa do episódio de Anna Rice, e temendo que ele ainda reagisse negativamente com relação ao zeloso reformador, ela instou com Haskell para receber o professor com confiança. “A verdade” estava “em seu coração”, disse ela, bem como em seus “lábios”. Mostrando com maior intensidade ainda seu apoio a Prescott, ela destacou que “homens em posição de autoridade” na igreja “nem sempre devem ser obedecidos”. Na verdade, “Deus às vezes comissiona homens a ensinar aquilo que é considerado contrário às doutrinas estabelecidas” e nenhum “sacerdote ou autoridade” tem o direito de impedi-los de dar “publicidade” a suas opiniões. Para certificar-se de que as lições não fossem esquecidas pelo conservador Haskell, ela lamentou que “o espírito que causou agitação em Minneapolis” ainda se mantivesse vivo na igreja. Os adventistas corriam “o risco de fechar os olhos para a verdade simplesmente porque contradizia algo que eles anteriormente aceitaram como verdade” (*The Shaping of Adventism: The Case of W. W. Prescott*. Berrien Springs, MI.: Andrews University Press, 1992, p. 87-91).

A pregação Cristocêntrica é a vida da igreja. Nas páginas que se seguem, o leitor terá em mãos os sermões da Campal de Armadale que foram impressos no *Bible Echo*, um tesouro que irá proporcionar um grande reavivamento pessoal, intenso anseio por conhecer mais a Jesus e a relação existente entre a Lei e o Evangelho. A todos os que desejam proclamar a Cristo, os Mandamentos de Deus, a Fé de Jesus, e a Lei *em Cristo*, estes sermões serão de grande valia.

Citações



Citações de Ellen White sobre os Sermões de Prescott

19 de outubro de 1895

Carta w-82, 1895, escrita a seu filho Edson White

Ao anoitecer, o Prof. Prescott pregou um sermão muito poderoso, dando instruções que eram tão preciosas quanto o ouro. A tenda estava cheia, e muitas pessoas ficaram em pé do lado de fora. Todos pareciam estar fascinados com a Palavra de Deus, enquanto o orador apresentava a verdade em novos moldes, separando a verdade de sua associação com o erro, e, pela divina influência do Espírito de Deus, fazendo-a brilhar como joia preciosa. [...]

Deus tem dado ao irmão Prescott uma mensagem especial para o povo. A verdade provém de lábios humanos sob a manifestação do Espírito e poder. [...] Aguardamos e oramos pelo derramamento do Espírito de Deus sobre o povo. cremos que uma excelente classe de pessoas esteja frequentando as reuniões. O interesse despertado ultrapassa tudo que já tivemos aqui em reuniões campais. O grande objetivo dos oradores é acabar com o reduto da falsidade, exaltando Jesus cada vez mais alto. Estamos fazendo o melhor que podemos para conduzir o povo a olhar para o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo. [...]

Raramente posso dar-me ao luxo de ouvir os discursos de nossos irmãos no ministério, mas no sábado de manhã, compareci à reunião e ouvi o Prof. Prescott pregar. Estou certa de que, desde que chegou a este lugar, ele recebeu o derramamento do Espírito Santo e seus lábios foram tocados com uma brasa do altar. Conhecemos e podemos distinguir a voz

do Pastor. A verdade jorrou dos lábios do servo de Deus como o povo nunca antes havia ouvido. Os descrentes ficam pálidos e declaram: “Este homem é inspirado”. As pessoas não ficavam andando pelos arredores, mas iam diretamente para a tenda e ouviam como se estivessem encantadas.

22 de outubro de 1895

Carta 84, 1895, escrita a seu filho Edson White

O Senhor concedeu ao irmão Prescott uma mensagem para o povo, a qual é grandemente apreciada. Sua mente é frutífera na verdade; o poder e a graça de Deus estão sobre ele. Sentimo-nos altamente favorecidos por ter seu apoio nesta reunião campal. Desejo comparecer a cada reunião.

6 de novembro de 1895

Carta 25, 1895, escrita a S. N. Haskell

Neste momento, em nossa campal, estamos tendo um banquete de coisas preciosas. A palavra é apresentada de forma muito poderosa. O Espírito Santo tem sido derramado sobre o irmão Prescott em grande medida. [...] O irmão Prescott tem transmitido as ardentes palavras da verdade, tais como as que ouvi de alguns em 1844. A inspiração do Espírito de Deus tem estado sobre ele. Os descrentes afirmam: “Estas são as palavras de Deus. Nunca antes ouvi tais coisas”.

Tivemos a verdade apresentada em linhas claras. O irmão Prescott nunca teve tal poder ao pregar a verdade como teve desde que chegou a esta reunião. Os descrentes ficam assentados, tendo os olhos fixos nele em admiração, à medida que a verdade é derramada de seus lábios, vitalizada pelo Espírito de Deus. Quando penso na responsabilidade que recai sobre todos os que ouvem esta mensagem vinda do Céu, tremo ante a Palavra do Senhor. Quem receberá a mensagem a eles enviada?

6 de novembro de 1895

Manuscrito 19, 1895, não publicado, grifo nosso

Acabei de ouvir um discurso proferido pelo professor Prescott. Foi um poderoso apelo ao povo. Os que não eram da nossa fé pareciam

profundamente interessados. Eles dizem: “Não há vida em nossas igrejas, tudo é tão frio e seco; estamos famintos pelo pão da vida”. São pessoas da melhor classe da sociedade, de todas as idades; homens de nobre aparência e cabelos grisalhos tomam assento e escutam como se sua vida disso dependesse. Alguns líderes de escolas dominicais ficam muito ansiosos por obter os discursos ao verem nossos estenógrafos tomando nota. Eles declaram: “Não quero perder uma ideia sequer”. Todas as palavras, dizem eles, são preciosas. [...] Todos afirmam: “Nunca tivemos o privilégio de ouvir a Bíblia de forma tão clara e com tamanha simplicidade em sua explanação, de maneira que não nos é possível ficar sem compreendê-la”.

Maggie Hare está registrando os discursos do professor Prescott e as minhas palestras para publicação. Temo que os sermões do professor Prescott nunca pareçam os mesmos apresentados ao vivo pelo pregador, pois suas palavras são pronunciadas *com a manifestação do Espírito e com poder, e sua face brilha com a luz do Céu*. [...] Acho que posso afirmar com segurança: nunca, em minha experiência, vi um número tão grande de pessoas famintas pela verdade e não pertencentes a nossa fé frequentando as reuniões.

7 de novembro de 1895

Carta 51, 1895, escrita ao Irmão McCullagh

Ao entardecer, o pastor Prescott pregou. A tenda estava cheia de forma que muitos, segundo nos é informado, não couberam sob a cobertura e foram embora. [...] Temos visto o poder de Deus em vasos humanos ao apresentarem estes a verdade nessas reuniões. [...] O Senhor está em nosso meio.

17 de novembro de 1895

Carta 113, 1895, escrita a J. H. Kellogg

Tive o privilégio de testemunhar, nas últimas cinco semanas, algo que me deu muita alegria ao ver um povo ansioso, faminto, e dedicado em ouvir a Palavra de Deus apresentada em clara e nova luz. A Palavra de Deus tem sido apresentada com a manifestação do Espírito e com poder. O Senhor enviou-nos o professor Prescott, não como um vaso vazio, mas como um vaso cheio de tesouros celestiais, para que possa dar a cada

homem sua porção de alimento no devido tempo. É isso que o povo de Deus, em toda parte, anseia. [...]

Ao verem a Maggie Hare anotando as preciosas verdades como estenógrafa, agem como se fossem um rebanho de ovelhas famintas, e imploram por uma cópia. Desejam ler e estudar cada ponto apresentado. Almas estão sendo ensinadas por Deus. O irmão Prescott tem apresentado a verdade em estilo claro e simples, porém rico em nutrientes. [...]

Ouvimos muitas pessoas, em diferentes localidades onde nossas reuniões campais têm sido realizadas, expressarem grande surpresa ao verem que cremos em Jesus Cristo, que acreditamos em Sua divindade. Eles declaram: “Foi-me dito que este povo não prega a Cristo; contudo, nunca participei de reuniões onde Cristo fosse mais claramente ensinado e exaltado do que nos sermões e em todo curso de ação destas reuniões”. Como podem os adventistas do sétimo dia pregar qualquer outra doutrina?

18 de novembro de 1895

Carta 83, 1895, escrita a Edson White, grifo nosso

O Senhor visitou o irmão Prescott de maneira extraordinária, e concedeu-lhe o Espírito Santo a fim de que ele O transmitisse a este povo. [...] Aqueles que não estão na verdade declaram: “Aquele homem fala mediante a inspiração do Espírito de Deus”. Temos certeza de que o Senhor dotou-o com Seu Espírito Santo e que a verdade está jorrando de seus lábios em ricas correntes. A verdade tem sido ouvida por pregadores e pessoas que não pertencem a fé. Após a reunião, imploram ao irmão Prescott que lhes forneça uma cópia de seus discursos. [...] O irmão Prescott pregou diversas vezes; e aqueles que não são de nossa fé foram profundamente tocados e alegaram crer que ele estava falando sob a inspiração do Espírito de Deus.

O povo dos subúrbios de Melbourne está fazendo o convite: “Armem suas tendas em nossa localidade e permitam que o povo ouça as coisas que vocês pregaram em Armadale. Todos nós precisamos das palavras que vocês nos anunciaram aqui”. [...]

Inúmeras evidências têm sido dadas de que o Espírito Santo de Deus tem falado aos homens por meio de agentes humanos. [...] Um grande número de pessoas testifica nunca haver ouvido a Palavra ministrada com tal poder e *evidente manifestação do Espírito* como nessa reunião. Nas cortes celestes, disse Deus a Seus seres celestiais: “Haja luz espiritual para brilhar em meio às trevas morais de fábulas e erros acumulados, e para revelar a verdade”. O Mensageiro da aliança chegou, como o Sol da Justiça, para levantar-Se e resplandecer sobre os ávidos ouvintes. Sua preexistência, Sua vinda pela segunda vez em glória e poder, Sua dignidade pessoal e Sua santa lei exaltada são os temas que foram abordados com simplicidade e poder.

21 novembro de 1895

***Review and Herald*, 7 de janeiro de 1896, “A Campal Australiana”**

Nossa terceira campal australiana foi realizada em Armadale, um populoso subúrbio de Melbourne, localizado a quase cinco quilômetros ao sudeste do centro da cidade. Durante o início do ano, nossos irmãos haviam planejado que a reunião fosse realizada em Ballarat, uma cidade de trinta mil pessoas, localizada a cerca de 144 quilômetros ao norte de Melbourne. Há ali uma pequena igreja fiel que precisava de fortalecimento, e como a Associação Australiana estava com dificuldades financeiras, pareceu conveniente realizar a reunião onde seria menos dispendioso do que em Melbourne.

Mas o Senhor me tem dado luz sobre a obra a ser feita em nossas grandes cidades. Os habitantes das cidades precisam ser alertados, e a mensagem lhes deve ser levada já. Chegará o tempo em que não poderemos trabalhar tão livremente nas grandes cidades; mas agora, as pessoas darão ouvidos à mensagem, e este é o nosso momento oportuno de trabalharmos da maneira mais fervorosa pelo povo nos centros populosos. Muitos ouvirão e obedecerão, levando a mensagem a outros.

O interesse que começou a ser despertado pelas campanhas realizadas em Brighton, há dois anos, deve ser levado adiante por campanhas em alguma parte de Melbourne a cada ano. Quando nossos irmãos levaram tudo isso em consideração, decidiram que as reuniões deveriam ser reali-

zadas em Melbourne, e, na busca de um local, foram levados a situar-se em Armadale. O plano inicial era estabelecer o local de reuniões em Northcote, onde seria mais conveniente a nossos irmãos e irmãs. Contudo, o Senhor barrou o caminho de Northcote, e os levou a uma localidade mais conveniente aos subúrbios densamente povoados, onde a mensagem nunca havia sido dada.

Durante a reunião, temos visto inúmeras evidências de que o Senhor tem guiado, tanto na localização, quanto na realização das reuniões. Um novo campo foi aberto, e parece ser encorajador. O povo não se aglomerou no local movido por curiosidade, como se deu em nossa primeira reunião em Brighton e em Ashfield, no ano passado. A maioria veio direto para a grande tenda de reunião, onde ouviram atentamente a Palavra; e quando o encontro acabou, silenciosamente retornaram a suas casas ou reuniram-se em grupos para fazer perguntas ou discutir o que haviam ouvido.

O interesse aumentou continuamente desde o início da reunião. Em todas as palestras noturnas, dadas pelos pastores Prescott, Corliss e Daniells, apresentou-se a verdade como é em Jesus Cristo. Quase nenhum dos discursos apresentados, durante toda a reunião campal, poderia ser chamado de sermão doutrinário. Cristo foi pregado em cada sermão e, à medida que as grandes e misteriosas verdades concernentes a Sua presença e obra nos corações dos homens tornavam-se claras e plenas, as verdades a respeito de Sua segunda vinda, Sua relação com o Sábado, Sua obra como Criador, e Sua relação com a humanidade como fonte da vida, apareciam em uma luz tão gloriosa e convincente que transmitiu convicção a muitos corações. Com solenidade, o povo afirmou: “Nesta noite pudemos ouvir a verdade”.

Geralmente, dava-se um estudo bíblico a cada tarde, às três horas. Esses estudos seguiam a mesma linha dos discursos noturnos, e eram frequentados regularmente por muitas pessoas, além das que estavam no acampamento. O período das manhãs era ocupado principalmente por reuniões da Associação Australiana, da Associação da União, da Sociedade de Tratados, do Departamento de Escola Sabatina e outras relativas aos interesses da obra educacional e de publicações.

A primeira hora da manhã, antes do jejum, era separada e geralmente observada como hora de quietude para o estudo individual e oração. Ocasionalmente, uma reunião geral era realizada nessa hora. Recebemos uma bênção ao separarmos um momento onde cada alma pudesse sentir que havia tempo para orar e estudar a palavra de Deus sem interrupção. Às 8h30 da manhã, os momentos eram dedicados alternadamente às reuniões distritais de oração e reuniões sociais gerais. Apesar de estar um tanto debilitada durante a maior parte do encontro, o Senhor me fortaleceu a fim de dar meu testemunho aqui. Durante as três semanas do encontro, tenho geralmente falado aos sábados, domingos e quartas à tarde, além de pequenas palestras nas reuniões matinais.

Sábado pela manhã, dia 19 de outubro, o pastor Corliss deu preciosas instruções a nosso povo. Na parte da tarde, preguei sobre o quarto capítulo de João, ponderando sobre a conversa de Cristo com a mulher de Samaria, na qual Ele afirmou: “Se conheceras o dom de Deus e quem é o que te pede: dá-me de beber, tu lhe pedirias, e ele te daria água viva” [Jo 4:10]. A seguir houve uma reunião de testemunhos na qual louvor e glória foram dados a Deus por Sua inexprimível bondade e incomparável amor pelo homem caído, ao dar Jesus, seu Filho unigênito, para que todo aquele que nEle crê não pereça, mas tenha a vida eterna. Todos pareciam ter o desejo de exaltar mais e mais a Jesus. Alguns de fora tomaram parte. Certo ministro testemunhou que a bênção de Deus estava naquele encontro e que era bom estar ali. Ficamos muito satisfeitos por ver tão grande audiência, e impressionados com o fato de que mais da metade dela compunha-se de pessoas que nunca antes havíamos visto em reuniões gerais.

No domingo pela manhã, o pastor Wilson, da Nova Zelândia, fez um discurso muito proveitoso, embora simples e claro. Foi belo em sua simplicidade. Quanto mais simples o ensino, tanto melhor o subpastor estará representando o Supremo Pastor. À tarde, a tenda estava a ponto de transbordar. Um grande número ficou do lado de fora, e todos ouviam com profundo interesse, e o Senhor me fortaleceu ao dar um claro testemunho ao povo, ressaltando especialmente nossa obrigação de reconhecer Deus em todos os nossos caminhos, e de buscar, mais e mais, obter um

conhecimento de Deus, conforme apresentado na oração de Cristo no capítulo 17 de João.

À noite o professor Prescott deu uma lição muito valiosa, preciosa como ouro. A tenda estava lotada, e muitos do lado de fora. Todos pareciam estar fascinados com a palavra, ao passo em que ele apresentava a verdade em linhas tão novas para aqueles que não eram de nossa fé. A verdade foi separada do erro, e feita, pelo Espírito divino, brilhar como joias preciosas. Foi mostrado que a perfeita obediência a todos os mandamentos de Deus é essencial para a salvação das almas. Obediência às leis do reino de Deus revela o divino no humano, santificando o caráter.

Enquanto visitava as pessoas com as revistas *Bible Echoe*, e as convidava para os encontros, um dos obreiros conheceu uma mulher que estava guardando o sábado por cerca de 12 meses. Ela nunca tinha ouvido alguém pregar, mas ao estudar a Bíblia, convenceu-se de que estava guardando o dia errado e que o sétimo dia é o verdadeiro sábado da Bíblia. Ela agora está frequentando as reuniões e banquetando-se com a verdade. Estão surgindo muitos casos interessantes em que pessoas estão a ponto de tomar sua decisão.

O Senhor está trabalhando com poder por meio de Seus servos que estão proclamando a verdade, e Ele tem dado ao irmão Prescott uma mensagem especial para o povo. A verdade vem de lábios humanos em demonstração do Espírito e poder de Deus.

As reuniões têm sido bem frequentadas pelo povo de Armadale e Malvern, tanto pela tarde quanto pela noite, e aos domingos e quartas grande número vem de subúrbios distantes. As pessoas dizem: “Vocês não podem imaginar a mudança de sentimentos para com suas reuniões e trabalho. Foi-nos comumente relatado que vocês não acreditam em Cristo. Mas nós nunca ouvimos falar de Cristo como aqui nestas reuniões”. “Não há vida em nossas igrejas. Tudo é frio e seco. Estamos morrendo de fome pelo Pão da Vida. Viemos a este acampamento porque há alimento aqui”. Ao verem nossos estenógrafos registrando os discursos, eles pedem que sejam impressos logo, e colocados à disposição. Um professor de escola dominical tomou muitas notas do discurso do irmão Prescott sobre “Deus

e César”, e, em seguida, fez cópias para dois ministros que estavam interessados no assunto.

Por todos os lados, ouvimos discussão dos temas apresentados na reunião campal. Um dia, ao sair de um trem, o pastor Corliss foi parado pelo condutor, que lhe pediu que explicasse Colossenses 2:16. Eles pararam, e, enquanto as pessoas se achegavam, foi dada a explanação; e, com base em Levítico 23:37 e 38, foi mostrado que havia sábados além do sábado do Senhor. Pedidos ávidos foram feitos para que alguns dos discursos fossem dados no distrito de Melbourne.

Ao virem dois cavalheiros para o culto da tarde no sábado, um comentou para o outro: “Essas pessoas são estranhas. Tudo o que ouviremos será Moisés e Sinai”. Após a reunião, ele veio para o pastor Daniells, e expressou grande surpresa com o que ouvira. Disse-lhe o que haviam conversado, e acrescentou que mal conseguia acreditar em seus ouvidos. Ele não havia escutado nada além do claro evangelho. Outro homem, que tinha consideravelmente se oposto ao trabalho, foi levado a assistir a uma das reuniões, e disse então a um amigo que a partida dos adventistas será uma grande perda aos interesses espirituais da comunidade, pois Cristo certamente foi exaltado nessas reuniões.

Uma família de um ex-pregador local Wesleyano está muito interessada e completamente convicta da verdade. Mesmo as crianças perguntam por que elas devem “guardar o domingo do Papa, quando sabem que não é o verdadeiro Sábado”. Uma senhora que vive um pouco distante tem lido a revista *Echo*, e veio aqui expressamente para assistir a algumas das reuniões. Na primeira de que ela participou, o professor Prescott fez um chamado para que aqueles que quisessem seguir ao Senhor se levantassem. Ela se levantou, e foi então batizada. Uma viúva que tem participado da maioria das reuniões vem guardando o sábado há três semanas. Uma senhora, que foi muito preconceituosa, finalmente veio a uma das reuniões somente para satisfazer os filhos, mas assim que o culto acabou, correu para fora da tenda, não querendo falar com ninguém. No entanto, ela voltou, e aconteceu que o tema era “O Domingo no Novo Testamento”. Em seguida, o coral cantou o hino “A Jesus Seguir Eu Quero”, e ela diz

não poder mais tirar a música de sua mente, e que esta soa continuamente em seus ouvidos. Ela agora está buscando sinceramente a verdade.

Campais são um sucesso em prender a atenção das pessoas. Muitos que frequentaram a reunião de Brighton, há dois anos, estiveram presentes no encontro de Armadale. Eles passaram aquele encontro sem decidir obedecer à verdade, mas aqui estão manifestando um interesse maior, e alguns têm se decidido agora pela obediência à verdade. 20 foram batizados no domingo, 10 de novembro. Melbourne, 21 de novembro.

Sessão 2 – Sermões de W. W. Prescott

Extraídos de *The Bible Echo* [O Eco da Bíblia]

*Os artigos de Prescott, nesse periódico, foram apresentados
com as seguintes palavras:*

“Com este número, começamos uma série de discursos muito valiosos e interessantes, apresentados pelo professor W. W. Prescott na campal de Armadale. As séries aparecerão com o título ‘Palestras Campais’. Aqueles que não puderam participar da reunião sem dúvida considerarão um privilégio ter a oportunidade de ler os discursos nas colunas do BIBLE ECHO”.

The Bible Echo, 2 de dezembro de 1895

Sermão 1



Permanecer em Cristo e Andar em Cristo

The Bible Echo, 2 e 9 de dezembro de 1895,
pregado em 20 de outubro de 1895

“Aquele que diz que permanece nEle, esse deve também andar assim como Ele andou” (1Jo 2:6). Permanecer e andar são as lições deste texto. Como resultado de permanecermos em Cristo, devemos andar como Ele andou. A primeira lição é permanecer em Cristo:

Permanecei em Mim, e Eu permanecerei em vós. Como não pode o ramo produzir fruto de si mesmo, se não permanecer na videira, assim, nem vós o podeis dar, se não permanecerdes em Mim. Eu sou a videira, vós, os ramos. Quem permanece em Mim, e Eu, nele, esse dá muito fruto; porque sem Mim nada podeis fazer (Jo 15:4, 5).

Cristo diz: “Eu sou a videira verdadeira”. Há muitos que professam ser videiras, mas Eu sou a videira verdadeira, Eu sou a videira que tem vida. Nós somos os ramos. Nas Escrituras, porém, Cristo é citado como um ramo (*branch*, na KJV), ou renovo:

Eis que Eu farei vir o Meu servo, o Renovo; Eis aqui o homem cujo nome é Renovo; Ele brotará do Seu lugar e edificará o templo do SENHOR (Zc 3:8; 6:12).

Porque foi subindo como renovo perante Ele e como raiz de uma terra seca; não tinha aparência nem formosura; olhamo-Lo, mas nenhuma beleza havia que nos agradasse (Is 53:2).

“Eu sou a videira, vós, os ramos”. Mas a Escritura fala de Cristo como o ramo. Cristo é um ramo em relação a Deus para que Ele possa ser uma videira para nós. Antes de qualquer ramo poder crescer, é necessário que haja alguma vida no subsolo que não é aparente. Assim, o ramo é, afinal, apenas uma raiz que se tornou visível, a qual, para viver, depende das raízes que extraem vida do solo.

Jesus Cristo, o Ramo

Deus é a fonte de todas as coisas, mas Ele Se torna visível aos homens em Jesus Cristo o Ramo; e Cristo, o Ramo, é também a raiz de Deus, crescendo à vista, para que os homens O vejam, e Deus seja manifestado. Quando Jesus Cristo veio ao mundo, era Deus manifestando a Si mesmo; mas como a raiz saiu do que parecia ser terra seca, pois não se manifestou da maneira que os homens pensavam que deveria, eles não a reconheceram. Consideraram-na como algo indesejado, e, assim, a rejeitaram. Contudo, Ele era um ramo que brotava da raiz da vida, era Deus manifestando-Se ao mundo para que pudesse ser visto. Nuvens e trevas rodeiam o Seu trono; contudo, Ele Se manifestou para que o mundo, caso quisesse, pudesse reconhecê-Lo no Ramo.

Cristo tornou-Se um ramo de Deus, a fim de que fosse uma videira para outros ramos. Mas o ramo só permanece na videira se tiver uma viva ligação com ela. Logo que o ramo se separa da videira, embora volte a ser encostado nela com muito cuidado, já não mais permanece na videira. Nela não poderá permanecer, a menos que seja enxertado; e o sucesso desse enxerto depende de conseguir-se uma conexão tal que a vida da videira flua, novamente, para dentro do ramo.

O ramo está na videira

Nós estamos em Cristo assim como o ramo está na videira, de maneira que a vida de Deus passa a ser a nossa vida. O ramo está repleto de vida, ainda que não tenha vida em si mesmo. Portanto, devemos dispor-nos, a cada dia, a estarmos cheios da vida de Deus. Somente quando a conexão entre o ramo e a videira é rompida é que, neste exato momento, o ramo deixa de viver. Esta é a lição de permanecer em Cristo. Estando

o ramo ligado à videira, cheio de vida, este necessita, mesmo assim, ser constantemente alimentado. Assim, para vivermos, devemos estar ligados a Cristo, totalmente dependentes dEle.

Esta é a lição. Mas qual é a aplicação? “Aquele que diz que permanece nEle, esse deve também andar assim como Ele andou” (1Jo 2:6). Se o ramo estiver ligado à videira, produzirá os frutos da videira. Deus em Cristo é a videira verdadeira, mas o fruto da videira não é encontrado diretamente no caule. O fruto se encontra nos ramos. Cristo é nossa videira, e aqueles que, mediante conexão com Ele, são Seus ramos produzirão o mesmo fruto que Ele produziu quando aqui esteve em forma de ramo. Esse é o significado de andar como Ele andou.

Cristo é nosso exemplo

Isso nos conduz ao pensamento de que Cristo é nosso exemplo: “Aquele que diz que permanece nEle, esse deve também andar assim como Ele andou”. Não como os homens dizem que Ele andou, mas como *Ele realmente andou*. E como saberemos como Ele andou? Ao lermos e estudarmos Sua vida. É assim que descobrimos como Cristo andou e como devemos andar. E andaremos como Ele andou, não unicamente como uma obrigação, mas como um resultado. Se alguém diz que permanece em Cristo e não anda como Ele andou, sua vida é contrária a sua profissão de fé. Não nos conectamos a Cristo ao tentarmos andar como Ele andou; não permanecemos em Cristo ao tentarmos caminhar como Ele caminhou. Primeiro nos conectamos a Cristo, e, então, como consequência, da mesma forma que o ramo produz o fruto da videira, o cristão que realmente permanece em Cristo também produzirá o mesmo fruto que Cristo produziu, andando como Ele andou.

Se permanecermos nEle, andaremos em Seus passos, e Ele nos deixou um exemplo para que pudéssemos seguir suas pegadas. Há muitas pessoas que tomam sobre si a incumbência de determinar quais são as pegadas de Cristo. Contudo, a Palavra de Cristo é o verdadeiro teste, e nela podemos descobrir se essas pessoas estão indicando ou não as pegadas corretas. No mundo atual, há muitos falsos conceitos acerca de Cristo, que fazem, na verdade, com que as pessoas criem num falso Cristo. Não

é nossa ideia acerca de Cristo, mas aquilo que Ele realmente é que nos deve servir de exemplo; não o que nos foi ensinando acerca de Cristo, mas o que a Palavra nos declara que Ele é.

Foi revelado a Simeão “que ele não passaria pela morte antes de ver o Cristo do Senhor” (Lc 2:26); e é isso que também queremos. Não alguma ideia humana acerca do que Cristo deveria ser, mas o próprio Cristo do Senhor. Este é o Cristo da Palavra, e nossa compreensão sobre como Cristo andou deve ser formada totalmente mediante a Palavra.

Um teste prático

E agora vamos testar essa ideia pela Palavra. É bem provável que, tão logo falemos de andar com Cristo, alguém tenha a seguinte ideia: Cristo andou sobre a água, e você certamente não espera que andemos sobre a água. Deixe-me chamar sua atenção para um incidente no início do ministério de Cristo:

Caminhando junto ao mar da Galileia, viu dois irmãos, Simão, chamado Pedro, e André, que lançavam as redes ao mar, porque eram pescadores. E disse-lhes: Vinde após Mim, e Eu vos farei pescadores de homens. Então, eles deixaram imediatamente as redes e O seguiram (Mt 4:18-20).

Antes de Cristo andar *sobre* o mar, Ele andou à beira do mar, sobre a terra; e antes de Jesus ver Pedro andando por sobre a água, viu-o na terra e o chamou para segui-Lo. Pedro deixou as redes e O seguiu. Mais tarde, no ministério de Cristo, descobrimos que, após Ele alimentar cinco mil pessoas, Seus discípulos subiram ao barco a fim de passar ao outro lado do lago. Ele, porém, retirou-Se ao monte para orar:

[...] Em caindo a tarde, lá estava Ele, só. Entretanto, o barco já estava longe, a muitos estádios da terra, açoitado pelas ondas; porque o vento era contrário. Na quarta vigília da noite, foi Jesus ter com eles, andando por sobre o mar (Mt 14:23-35).

Percebam, porém, que, antes de Ele andar sobre o mar, havia passado a noite em oração secreta. “Entretanto, o barco já estava longe, a muitos

estádios da terra, açoitado pelas ondas; porque o vento era contrário”. Assim está nossa embarcação. É bem provável que, neste exato momento, algum barco esteja sendo sacudido pelas ondas da tempestade humana. E, à quarta vigília da noite, Jesus veio até eles após haver encerrado Seu período de oração secreta, andando sobre o mar.

E os discípulos, ao verem-No andando sobre as águas, ficaram aterrados e exclamaram: É um fantasma! E, tomados de medo, gritaram. Mas Jesus imediatamente lhes disse: Tende bom ânimo! Sou Eu. Não temais! (v. 26, 27)

Deixem que Jesus nos diga isto agora: “Tende bom ânimo! Sou Eu, não temais”.

Respondendo-lhe Pedro, disse: Se és Tu, Senhor, manda-me ir ter contigo, por sobre as águas. E Ele disse: Vem! E Pedro, descendo do barco, andou por sobre as águas e foi ter com Jesus. Reparando, porém, na força do vento, teve medo; e, começando a submergir, gritou: Salva-me, Senhor! E, prontamente, Jesus, estendendo a mão, tomou-o e lhe disse: Homem de pequena fé, por que duvidaste? (v. 28-31)

O andar da fé

O andar de Cristo sobre o mar foi o andar da fé, mas Pedro falhou por causa de sua falta de fé. É algo contrário às leis naturais andar sobre a água, e é contrário à nossa natureza andar como Cristo andou; mas o que Ele nos diz é o mesmo que disse a Pedro: “Tende bom ânimo! Sou Eu. Não temais!” Quer seja na terra ou no mar, Sua palavra é uma rocha, e quando Ele a coloca debaixo de nossos pés, constrói para nós uma ponte feita com a rocha, e não faz a mínima diferença se Ele põe essa ponte na terra, na água, ou no céu.

Porém Pedro afundou. E o Pedro que naufragou naquela noite sobre a água é o Pedro que falhou em outra noite, ao deixar de testemunhar por Jesus. O motivo, em ambos os casos, foi sua falta de fé. Em cada passo de Cristo, há uma lição para nós, e assim como é sobrenatural para o homem andar sobre a água, também é sobrenatural para ele andar como Cristo

andou – em obediência ao caráter de Deus. Mas o poder é concedido mediante a fé na Palavra de Deus: “Vinde a Mim” (Mt 11:28).

A crítica dos homens

Embora Cristo fosse Deus encarnado, ainda assim Ele não escapou à crítica dos homens quanto à Sua maneira de andar. Observe o relato:

E sucedeu que, estando ele em casa, à mesa, muitos publicanos e pecadores vieram e tomaram lugares com Jesus e seus discípulos. Ora, vendo isto, os fariseus [...] (Mt 9:10, 11).

O que é um fariseu? É um homem que toma sobre si a tarefa de ser seu próprio salvador, e confia muito em sua própria força para cumprir essa tarefa. Não importa se tal homem viveu há mil e oitocentos anos, ou se vive no presente. E o que é um Cristão? É aquele que depende de Cristo como seu Salvador, e confia inteiramente nEle.

Cristo entrou em contato com fariseus que tentavam se fazer de santos, e o culpavam por comer com publicanos e pecadores:

[...] os fariseus perguntavam aos discípulos: Por que come o vosso Mestre com os publicanos e pecadores? Mas Jesus, ouvindo, disse: Os sãos não precisam de médico, e sim os doentes. Ide, porém, e aprendei o que significa: Misericórdia quero e não holocaustos; pois não vim chamar justos, e sim pecadores *ao* arrependimento (Mt 9:11-13).

Quando acharam falta com Seu modo de andar, Ele declarou: “Estou andando de acordo com as Escrituras, e se vocês seguissem as Escrituras, não achariam falta em Mim”. Esses homens eram os líderes do pensamento religioso da época. Eram considerados mestres do povo, e se orgulhavam dessa posição. No entanto, criticaram os passos de Cristo.

Leiamos mais um relato:

Mas, vendo os principais sacerdotes e os escribas as maravilhas que Jesus fazia e os meninos clamando: Hosana ao Filho de Davi!, indignaram-se [...].

Por qual motivo ficaram eles indignados? – Pelo fato de que as crianças clamavam Hosana a Cristo e não aos escribas e fariseus.

[...] e perguntaram-lhe: Ouves o que estes estão dizendo? Respondeu-lhes Jesus: Sim; nunca lestes: Da boca de pequeninos e crianças de peito tiraste perfeito louvor? (Mt 21:15, 16).

“Eu estou andando de acordo com as Escrituras.”

Neste ponto, vamos abrir no evangelho de Marcos:

Ora, aconteceu atravessar Jesus, em dia de sábado, as searas, e os discípulos, ao passarem, colhiam espigas. Advertiram-no os fariseus: Vê! Por que fazem o que não é lícito aos sábados? (Mc 2:23, 24).

Qual foi a razão de O acusarem dessa vez? Na primeira foi por sentar e comer com pecadores; mas, para Jesus, receber pecadores constituía Sua glória, tanto no passado quanto *agora*. Na segunda vez, eles O tiveram por culpado em razão das crianças cantarem em Seu louvor. Deixemos então que elas cantem agora! Na terceira vez, foi porque Ele não guardou o Sábado de acordo com as ideias deles. E como Ele replicou?

Mas Ele lhes respondeu: Nunca lestes o que fez Davi, quando se viu em necessidade e teve fome, ele e os seus companheiros? (v. 25).

Em outras palavras: Se vocês tivessem lido as Escrituras, certamente não encontrariam culpa em Mim dessa maneira. Os princípios apresentados nas Escrituras são os princípios que governam Minha vida, mas não ando de acordo com a interpretação que vocês fazem das Escrituras.

Para aqueles que anseiam pela verdade, a controvérsia se encerra tão logo a verdade lhes seja apresentada. Agora, aqueles que desejam simplesmente uma discussão irão se esquivar de um ponto a outro, como os fariseus o fizeram com Cristo.

De novo, entrou Jesus na sinagoga e estava ali um homem que tinha ressequida uma das mãos. E estavam observando a Jesus para ver se o curaria em dia de sábado [...].

Novamente a mesma controvérsia:

E disse Jesus ao homem da mão ressequida: Vem para o meio! Então, lhes perguntou: É lícito nos sábados fazer o bem ou fazer o mal? Salvar a vida ou tirá-la? Mas eles ficaram em silêncio (Mc 3:1-4).

E fizeram bem, pois nada havia a ser dito; e Ele curou o paralítico.

A controvérsia no tempo de Cristo e em nosso tempo

Nos tempos de Cristo, a disputa entre Ele e os fariseus era sobre como guardar o sábado. E quando Cristo resolveu essa questão, Ele o fez com base nas Escrituras. A questão nos dias de hoje é: que dia devemos guardar como sábado? Vamos resolvê-la da mesma maneira. Isso é andar como Cristo andou. “Aquele que diz que permanece nEle, esse deve também andar assim como Ele andou”. Não como as pessoas dizem que Ele andou. Se alguém disser que Cristo guardou o primeiro dia da semana, vá à Bíblia, e peça que a pessoa lhe forneça a passagem onde esse fato está registrado. Se alguns alegarem que o sábado foi mudado por Cristo ou pelos apóstolos, em honra à ressurreição, peça por um “Assim diz o Senhor”. A Palavra de Deus é nosso único guia seguro. Ande como Ele andou. Aquele que anda como Cristo andou não andarão necessariamente como andam os principais mestres religiosos de hoje. Cristo não o fez, pois foram os próprios fariseus que acharam falta nEle. Cristo não conformou Sua vida às ideias deles. Ele lhes declarou o que as Escrituras diziam, e afirmou-lhes que andava de acordo com a Palavra. E hoje, deixemos que a Palavra desfaça toda controvérsia.

Cristo – a manifestação do caráter de Deus

Quando Cristo, revendo Sua vida de 33 anos, declarou haver concluído a obra que Seu pai Lhe dera para fazer, como foi que Ele a resumiu?

[...] porque tudo quanto ouvi de Meu Pai vos tenho dado a conhecer. Se guardardes os Meus mandamentos, permanecereis no Meu amor; assim como também Eu tenho guardado os mandamentos de Meu Pai e no Seu amor permaneço (Jo 15:15, 10).

Essa declaração não é tanto um mandamento, mas sim um exemplo; e ao declarar essas palavras, Cristo apresentou Sua biografia completa. Ao

afirmar “Eu Tenho guardado os mandamentos de Meu Pai”, contou-nos a história de Sua vida inteira. E qual é o significado? – Tenho manifestado o caráter de Meu Pai. O que, então, significa guardar os mandamentos? – Significa manifestar o caráter de Deus, como revelado em Jesus Cristo. Guardar os mandamentos não é nada menos que isso. Os fariseus se orgulhavam de que estavam guardando os mandamentos, mas Cristo disse: “Vocês não conhecem as Escrituras” [cf. Mc 12:24]. O que eles conheciam sobre as Escrituras havia sido aprendido com o intelecto. O que aprendemos sobre as Escrituras, devemos aprender com o coração: “iluminados os olhos do vosso coração, para saberdes [...]” (Ef 1:18). Isso significa que devemos conhecer realmente e verdadeiramente com o *coração*.

Quando Cristo lhes declarou que havia guardado os mandamentos de Seu Pai, disse ser Ele mesmo a manifestação de Deus na Terra. Com estas palavras, disse-lhes que Deus estava em Cristo, reconciliando consigo o mundo; afirmou-lhes que não falava Suas próprias palavras, mas as palavras de Seu Pai: “O Pai, que permanece em mim, faz as Suas obras” (Jo 14:10). Falou-lhes que Ele era a Palavra de Deus na Terra porque estava proclamando o caráter de Deus. Afirmou-lhes ser Jesus Cristo. Tudo isso Ele lhes falou nestas palavras: “Eu tenho guardado os mandamentos de meu Pai”. Cristo era um homem, o Filho do homem. Houve, então, um homem que andou nesta terra e guardou os mandamentos de Deus. Ele é nosso exemplo. Devemos andar como Ele andou.

Será que podemos guardar os mandamentos?

Quando lemos nas Escrituras que guardar os mandamentos significa manifestar o caráter de Deus, podemos pensar: para nós, isso é algo impossível de fazer. Esse é um bom começo. Nós não podemos fazê-lo, é verdade. Mas quem foi que guardou os mandamentos? – Jesus Cristo. Quem pode guardá-los novamente, mesmo em carne pecaminosa? – Jesus Cristo. E como andaremos como Ele andou?

Que ligação há entre o santuário de Deus e os ídolos? Porque nós somos santuário do Deus vivente, como Ele próprio disse: Habitarei e *andarei entre eles*; serei o seu Deus, e eles serão o Meu povo (2Co 6:16).

Deus habitou em Cristo e andou em Cristo. Cristo era o ramo em relação a Deus para que pudesse ser videira para nós, a fim de que a vida, por meio dEle, pudesse fluir para dentro de nós como ramos, a fim de que pudéssemos produzir o fruto da videira.

“Aquele que diz que permanece nEle, esse deve também andar assim como Ele andou”. Deixem que as Escrituras nos digam como Ele andou: “Eu Tenho guardado os mandamentos de meu Pai”. A vida de Deus permanece naquele que permanece em Cristo; e cumpre-se a Escritura: “Habitarei e andarei entre eles”. Deus, em Cristo, por meio do Espírito Santo habitando no homem, anda nele. Isso revela como podemos andar como Cristo andou.

Em primeiro lugar, porém, aceite o que diz a Palavra de Deus. Não aceite o que o homem diz. Deixe que a luz de Deus brilhe sobre Sua palavra. Deixe que Seu Espírito Santo nos ensine a bendita e viva verdade de Sua Palavra, e o próprio Deus cumprirá Sua Palavra em todo aquele que a receber.

Vamos continuar com a leitura:

Dar-vos-ei coração novo e porei dentro de vós espírito novo; tirarei de vós o coração de pedra e vos darei coração de carne. Porei dentro de vós o meu Espírito e farei que andeis nos meus estatutos, guardeis os meus juízos e os observeis (Ez 36:26, 27).

Esta é a promessa de Deus. Mas quando Ele diz: “Meu filho, este é o caminho”, e eu escolho seguir outro caminho, Ele não nos obriga a andar em Seu caminho. Nesse assunto, Ele não nos obriga a agir contrário a nossa vontade. Mas quando alguém diz: “Ensina-me, SENHOR, o caminho dos teus decretos” (Sl 119:33), Ele lhe mostra o caminho e o faz andar nele. É assim que Deus trabalha.

A Bíblia Sagrada nos ensina a mesma verdade em centenas de formas diferentes. Vamos, então, supor que nós abrimos numa página do que poderíamos chamar de o livro de ilustrações de Deus. A fim de auxiliar as crianças em sua compreensão, damos a elas gravuras para ilustrar o que lhes queremos ensinar. Nós também somos crianças, e Deus frequentemente nos ensina algumas verdades colocando perante nós alguma ilustração. Aqui está uma delas:

E vieram a ele muitas multidões trazendo consigo coxos, aleijados, cegos, mudos e outros muitos e os largaram junto aos pés de Jesus; e ele os curou.

Será que alguém poderia estar em condição muito pior? A situação deles era terrível; contudo, “Ele os curou”.

De modo que o povo se maravilhou ao ver que os mudos falavam, os aleijados recobravam saúde, os coxos andavam e os cegos viam. Então, glorificavam ao Deus de Israel (Mt 15:30, 31).

Nós somos aleijados: não podemos andar como Cristo andou. A caminhada de Cristo foi nobre. Não conseguimos andar dessa forma. Então, o que Ele faz por nós? Ele curou aquelas pessoas. Será que não nos pode curar?

Aqui está outra ilustração dada por Deus, que já consideramos muitas vezes: a do homem que era aleijado de nascença. Aceite o texto bíblico tal como se apresenta. Qual era o problema desse homem? Ele era aleijado. E por quanto tempo havia sido aleijado? A vida toda. O que Pedro lhe disse? “Não possuo nem prata nem ouro, mas o que tenho, isso te dou: em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, anda!” E o que aconteceu? “E, tomando-o pela mão direita, o levantou; imediatamente, os seus pés e tornozelos se firmaram”. E ao ser fortalecido, o que ele fez? “De um salto se pôs em pé, passou a andar e entrou com eles no templo, saltando e louvando a Deus”. Porém, precisou receber força em nome de Jesus de Nazaré antes de poder andar. E todas as pessoas “se encheram de admiração e assombro por isso que lhe acontecera”. “À vista disto, Pedro se dirigiu ao povo, dizendo: Israelitas, por que vos maravilhais disto?” Vós que acreditais no Deus de Israel, por que vos maravilhais disto? Não acreditais num Deus poderoso? “Por que fitais os olhos em nós como se pelo nosso próprio poder ou piedade o tivéssemos feito andar? (At 3:6-12).

Andando como Cristo andou

Ninguém pode fazer com que outra pessoa ande como Cristo andou se não possuir força para andar dessa maneira. Isso só pode ocorrer mediante a fé em Jesus de Nazaré:

Pela fé em o nome de Jesus, é que esse mesmo nome fortaleceu a este homem que agora vedes e reconheceis; sim, a fé que vem por meio de Jesus deu a este saúde perfeita na presença de todos vós (At 3:16).

O Deus de Israel está vivo hoje, e o mesmo poder que tocou aquele homem que nunca tinha andado e o habilitou a andar pode pegar o pior pecador, que nunca andou nos caminhos de Cristo, e fazê-lo andar como Cristo andou. “Em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, levanta-te e anda” (At 3:6, ARC).

Aqui está mais uma ilustração para nos mostrar que podemos andar como Ele andou, por meio da fé em Seu nome: “Em Listra, costumava estar assentado certo homem aleijado, paralítico desde o seu nascimento, o qual jamais pudera andar”. Mas ele tinha ouvido Paulo pregar, e a mensagem havia tomado posse de seu coração. Paulo percebeu que ele tinha fé para ser curado e “disse-lhe em alta voz: Apruma-te direito sobre os pés! Ele saltou e andava” (At 14:8-10). Andou como uma pessoa saudável. Foi curado para que pudesse andar. Essa é a obra de Jesus Cristo. E hoje, por meio de Seu poder, *nós* podemos andar como Ele andou. “Ora, como recebestes Cristo Jesus, o Senhor, assim andai nele” (Cl 2:6). E a única forma de andarmos como Ele andou, é se andarmos *nEle*.

“E andai em amor, como também Cristo nos amou e Se entregou a Si mesmo por nós como oferta e sacrifício a Deus, em aroma suave” (Ef 5:2). Muitas pessoas têm uma ideia muito errada sobre o que significa andar em amor. Pensam que isso significa atingir um estado de êxtase, a ponto de não saberem onde estão ou o que estão fazendo. Para elas, isso significa se posicionar acima das coisas comuns da vida. Contudo, essa não é a visão correta. As Escrituras definem exatamente o que significa andar em amor. “E o amor é este: que andemos segundo os Seus mandamentos” (2João 1:6). “Porque este é o amor de Deus: que guardemos os Seus mandamentos” (1Jo 5:3).

“Se Me amais”, disse Cristo, “guardareis os Meus mandamentos”. “Se guardardes os Meus mandamentos, permanecereis no Meu amor; assim como também eu tenho guardado os mandamentos de Meu Pai e no Seu amor permaneço” (Jo 14:15, 15:10). O amor de Deus não é uma emoção sentimental, não é uma experiência de delírio fanático. Cristo trabalhou na bancada de carpinteiro durante a maior parte de Sua vida.

Ele nasceu em Nazaré e era sujeito a Seus pais. Sua caminhada como jovem é a caminhada de todo jovem. Cristo nos declara a forma pela qual iremos amá-Lo. Ele não aceita algo diferente disso.

Uma compreensão correta sobre Cristo

É de grande importância que tenhamos uma idéia correta sobre Jesus Cristo. Se alguém tiver uma ideia errada acerca de Cristo, devotará sua vida a esta ideia falsa, e sacrificará as vidas de todos os que não veem seu Cristo como ele O vê. Vamos exemplificar essa ideia com a vida de Paulo. Ele estava em busca do Messias: mas buscava o *seu* messias, e não o Messias do Senhor. Assim, quando chegou o Messias do Senhor, ele não O reconheceu. Alguns O reconheceram, e acreditaram nEle, mas Paulo começou, imediatamente, a persegui-los porque não acreditavam no *seu* cristos. “Porque ouvistes qual foi o meu proceder outrora no judaísmo, como sobremaneira perseguia eu a igreja de Deus e a devastava”. “No judaísmo”. A religião de Deus nunca perseguiu a ninguém. É a religião do homem que leva à perseguição daqueles que não veem Cristo como ele O vê. A religião de Deus jamais age assim. “E, na minha nação, quanto ao judaísmo, avantajava-me a muitos da minha idade”. Observe o que era o judaísmo: “Sendo extremamente zeloso das tradições de meus pais” (Gl 1:13, 14). Ele era zeloso das tradições de seus pais, e não da Palavra de Deus. Paulo continua:

Quando, porém, ao que me separou antes de eu nascer e me chamou pela sua graça, aprouve revelar seu Filho em mim, para que eu o pregasse entre os gentios, sem detença, não consultei carne e sangue, nem subi a Jerusalém para os que já eram apóstolos antes de mim, mas parti para as regiões da Arábia e voltei, outra vez, para Damasco. Decorridos três anos, então, subi a Jerusalém para avistar-me com Cefas e permaneci com ele quinze dias; e não vi outro dos apóstolos, senão Tiago, o irmão do Senhor. Ora, acerca do que vos escrevo, eis que diante de Deus testifico que não minto. Depois, fui para as regiões da Síria e da Cilícia. E não era conhecido de vista das igrejas da Judéia, que estavam em Cristo. Ouviam somente dizer: Aquele que, antes, nos perseguia, agora, prega a fé que, outrora, procurava destruir. E glorificavam a Deus a meu respeito (Gl 1:15-24).

É muito importante que tenhamos uma ideia correta de Cristo.

Cristo é tudo e em todos

Para andarmos como Ele andou, precisamos conhecê-Lo em Sua capacidade de adaptar-Se a nós. Para que possamos nos apropriar do amor de Deus, as Escrituras O apresentam da seguinte forma:

“Eu sou a porta” (Jo 10:7). Esta é a entrada. Ninguém pode entrar a não ser por Cristo.

“Eu sou o caminho” (Jo 14:6). Eu sou a porta e o caminho por onde andar.

“Eu sou a luz do mundo” (Jo 8:12) Eu sou a porta, o caminho, a luz. Este é um mundo de trevas e precisamos de uma luz.

“Eu sou o pão da vida” (Jo 6:48). Precisamos de forças para andar no caminho. “Eu sou o pão da vida”.

“Eu sou o bom pastor” (Jo 10:11). É Ele quem acompanha as Suas ovelhas na jornada.

“Eu sou [...] a vida” (Jo 14:6). Esta é a força para a jornada.

“Eu sou a ressurreição” (Jo 11:25). Este é o fim da jornada.

Eu sou a porta, Eu sou o caminho, Eu sou a luz, Eu sou o pão, Eu sou o Bom Pastor, Eu sou a vida, Eu sou a ressurreição. Isto é: eu sou a entrada, a estrada, a iluminação do caminho, a força para andar, o companheiro na viagem, o poder na jornada, o fim do percurso. E Davi, no Salmo 23, verso 4, diz:

Ainda que eu andasse pelo vale da sombra da morte, não temeria mal algum, porque tu estás comigo; a tua vara e o teu cajado me consolam (ARC).

A caminhada de Jesus Cristo se estende não apenas até a tumba, mas para além dela. E, por causa disso, podemos passar pelo vale da sombra da morte sem sermos deixados lá. “Eu sou a ressurreição e a vida”, e aquele que permanece em Cristo – o qual é a porta, o caminho, a luz, o pão, o Bom Pastor, a vida e a ressurreição – anda “assim como Ele andou”.

Sermão 2



Sermões em Pedra

The Bible Echo, 16 e 23 de dezembro de 1895,
pregado em 23 de outubro de 1895

Certo poeta mencionou ter visto sermões em pedra, e esse será o nosso estudo de hoje – veremos “sermões em pedra”.

José é um ramo frutífero, ramo frutífero junto à fonte; seus galhos se estendem sobre o muro. Os flecheiros lhe dão amargura, atiram contra ele e o aborrecem. O seu arco, porém, permanece firme, e os seus braços são feitos ativos pelas mãos do Poderoso de Jacó, sim, pelo Pastor e pela Pedra de Israel (Gn 49:22-24).

E, chegando-vos para ele, a pedra viva, reprovada, na verdade, pelos homens, mas para com Deus eleita e preciosa, vós também, como pedras vivas, sois edificados casa espiritual e sacerdócio santo, para oferecerdes sacrifícios espirituais, agradáveis a Deus, por Jesus Cristo (1Pe 2:4, 5, ARC).

Veremos diversos casos em que, na experiência de um ou de outro, num relato ou outro, aparece a ideia de “pedra viva”.

Então veio Amaleque, e pelejou contra Israel em Refidim. Com isso, ordenou Moisés a Josué: Escolhe-nos homens, e sai, e peleja contra Amaleque; amanhã, estarei eu no cimo do outeiro, e o bordão de Deus estará na minha mão. Fez Josué como Moisés lhe dissera e pelejou contra Amaleque; Moisés, porém, Arão e Hur subiram ao cimo do outeiro. Quando Moisés levantava a mão, Israel prevalecia; quando, porém, ele abaixava a mão, prevalecia Amaleque. Ora, as

mãos de Moisés eram pesadas; por isso, tomaram uma pedra e a puseram por baixo dele, e ele nela se assentou (Êx 17:8-12).

O fato de que Moisés se assentou sobre a rocha transmite um significado um pouco maior do que ele simplesmente ter algo sobre o que se assentar. Indica que o Deus de Israel, “a Rocha de Israel”, era quem lhe daria a vitória.

A pedra nas mãos do jovem pastor de Israel

Temos, também, o caso de Davi e Golias. Não precisamos tomar tempo agora para ler sobre como os Filisteus haviam derrotado o exército de Israel, e como Golias saía, manhã após manhã, a fim de desafiá-los. Davi, que não passava de um jovem pastor naquela época, desceu para visitar a seus irmãos. Eles, porém, o desprezaram. “E acendeu-se a ira de Eliabe contra Davi, e disse: porque desceste aqui? E com quem deixaste aquelas poucas ovelhas no deserto?” (1Sm 17:28). Davi tinha vindo de sua tarefa de guardar as ovelhas. Um pastor é alguém que guarda as suas ovelhas; ele não é alguém que as perde. Cristo é o Bom Pastor.

Davi, após falar com Saul, obteve o seu consentimento para sair e lutar com Golias, e “Saul vestiu a Davi com suas vestes e lhe pôs sobre a cabeça um capacete de bronze, e vestiu-o de uma couraça” (1Sm 17:38). Ele pensou que, se Davi fosse lutar contra Golias, precisaria de armadura. O relato continua:

Disse Davi a Saul: Não posso andar com isto, pois nunca o usei. E Davi tirou aquilo de sobre si. Tomou o seu cajado na mão, e escolheu para si cinco pedras lisas do ribeiro, e as pôs no alforje de pastor, que trazia, a saber, no surrão; e, lançando mão da sua funda, foi-se chegando ao filisteu. O filisteu também se vinha chegando a Davi; e o seu escudeiro ia adiante dele. Olhando o filisteu e vendo a Davi, o desprezou, porquanto era moço ruivo e de boa aparência. Disse o filisteu a Davi: Sou eu algum cão, para vires a mim com paus? E, pelos seus deuses, amaldiçoou o filisteu a Davi. Disse mais o filisteu a Davi: Vem a mim, e darei a tua carne às aves do céu e às bestas-feras do campo. Davi, porém,

disse ao filisteu: Tu vens contra mim com espada, e com lança, e com escudo; eu, porém, vou contra ti em nome do SENHOR dos Exércitos, o Deus dos exércitos de Israel, a quem tens afrontado. [...] Sucedeu que, dispondo-se o filisteu a encontrar-se com Davi, este se apressou e, deixando as suas fileiras, correu de encontro ao filisteu. Davi meteu a mão no alforje, e tomou dali uma pedra, e com a funda lha atirou, e feriu o filisteu na testa; a pedra encravou-se-lhe na testa, e ele caiu com o rosto em terra. Assim, prevaleceu Davi contra o filisteu, com uma funda e com uma pedra (1Sm 17:38-50).

Davi saiu em nome do Senhor, e Jesus foi com ele para dar-lhe a vitória simplesmente por meio de uma pedra. Não foi apenas a força e a precisão de Davi que fizeram com que a pedra afundasse na testa do filisteu. Era o poder de Deus que pelejava a batalha por ele. Isto foi registrado para nós. Temos batalhas a enfrentar contra inimigos do exército do Senhor, e prevaleceremos contra eles com uma pedra. Davi, sem armadura, sem implementos ou arte de guerra, seguiu com fé no Senhor dos Exércitos – esse é o exemplo para nós. Ele prevaleceu com uma pedra. Jesus Cristo, a pedra viva, é a nossa força e poder para as batalhas contra o inimigo.

Um edifício de pedras preparadas

Em 1 Reis 6, temos um relato da construção do templo de Salomão. No verso 7, encontra-se a descrição da casa:

Edificava-se a casa com pedras já preparadas nas pedreiras, de maneira que nem martelo, nem machado, nem instrumento algum de ferro se ouviu na casa quando a edificavam (1Re 6:7).

As pedras do templo eram cortadas e lavradas, e cada pedra encaixava-se em um lugar específico no templo, antes de serem montadas; e então quando eram trazidas da pedreira, cada pedra encaixava-se em seu lugar. O edifício foi montado, pedra após pedra, e não se ouvia qualquer som de machado ou martelo. “E preparavam a madeira e as pedras para se edificar a casa”. Mas toda a preparação foi feita antes de serem encaixadas afinal.

Uma casa espiritual

Também vós mesmos, como pedras que vivem, sois edificados casa espiritual para serdes sacerdócio santo, a fim de oferecerdes sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por intermédio de Jesus Cristo. Pois isso está na Escritura: Eis que ponho em Sião uma pedra angular, eleita e preciosa; e quem nela crer não será, de modo algum, envergonhado. Para vós outros, portanto, os que credes, é a preciosidade; mas, para os descrentes, A pedra que os construtores rejeitaram, essa veio a ser a principal pedra, angular e: Pedra de tropeço e rocha de ofensa. São estes os que tropeçam na palavra, sendo desobedientes (1Pe 2:4-8).

Cristo é a pedra viva; e, logo que entramos em contato com Ele, tornamo-nos pedras vivas. Separados dEle, estamos mortos; mas ao entrarmos em contato com Ele, somos para Ele edificados casa espiritual, “a qual casa somos nós, se guardarmos firme, até ao fim, a ousadia e a exultação da esperança” (Hb 3:6) – “sendo ele mesmo, Cristo Jesus, a pedra angular” (Ef 2:20). “Porque vós sois o templo do Deus vivente” (2Co 6:16, ARC). E a casa toda, adequadamente estruturada, cresce como santo templo no Senhor. Somos edificados juntamente, a fim de sermos uma habitação para Deus. Cada crente é um templo de Deus; e, então, os crentes são edificados juntamente, e isso forma a Igreja, a qual é o templo do Deus vivo. Ele, por Seu Santo Espírito, faz dali o lugar de Sua habitação.

Tornamo-nos pedras vivas porque Ele é uma pedra viva, e somos edificados sobre Ele. Homem algum pode assentar outro fundamento além do que já foi assentado. “Voltarei e reedificarei o tabernáculo caído de Davi; e, levantando-o de suas ruínas, restaurá-lo-ei” (At 15:16). Ele novamente ajuntará um povo com o qual irá construir Sua Igreja. Agora mesmo Ele está trabalhando, preparando as pedras para Seu templo. Elas estão sendo cortadas e lavradas, cada uma delas, a fim de ocupar seu devido lugar no templo de Deus. Quando esse templo estiver completo, a obra estará terminada.

Preparando as pedras

Novamente, em Oséias, ressaltamos a ilustração da preparação:

Que te farei, ó Efraim? Que te farei, ó Judá? Porque o vosso amor é como a nuvem da manhã e como o orvalho da madrugada, que cedo passa. Por isso, os talhei por meio dos profetas (Os 6:4, *KJV*).

Quando O Senhor nos tira lá da pedreira, somos como pedras brutas e não lapidadas. Este é o início de nossa experiência. Cada indivíduo deve ser lapidado a fim de se encaixar em seu devido lugar no templo de Deus. E quando o templo for montado, isso acontecerá sem que haja som de machado ou martelo, pois esta parte já foi feita antes. Ele, então, dirá: “Vinde, benditos de Meu Pai”. Mas não devemos esperar até aquele momento para nos preparar. A obra de preparo dessas pedras brutas e sem forma deve ser efetuada antes disso. Certa vez, visitei um cemitério no qual havia uma belíssima estátua de um homem em pé, ao lado de uma cadeira. Era muito grande. O guia então chamou minha atenção para o fato de que a estátua havia sido feita de uma só pedra. Quando começou a tarefa, o escultor viu uma enorme pedra, mas também nela viu o homem e a cadeira. Contemplando-a, o escultor perde de vista as quinas brutas, e vê em seu lugar um homem de porte gigante, em pé, ali, perfeito. Tudo mais deve ser cortado fora, e ele se lança ao trabalho com suas ferramentas. Ele deseja que o mundo veja o que ele está vendo; então, corta tudo fora, menos o homem e a cadeira.

Deus nos recebe como pedras brutas e não promissoras. Contudo, percebe em nós uma expressão de Seu caráter, e nos enxerga, não como pedras brutas, mas como aquilo que podemos nos tornar. Mesmo sendo ainda pedras brutas, Ele vê a Jesus Cristo em nós. Dá início, então, à tarefa de cortar e polir. Mas o que faz Ele? Alguns poderiam pensar que estivesse destruindo tudo. Ele tem, porém, um lugar determinado para essa pedra, e quer que seja cortada de maneira específica. A obra de lapidação consiste nas experiências difíceis da vida, quando parece que Cristo nos irá fazer em pedaços. No entanto, Ele não vai arruinar Sua pedra. Sabe exatamente o lugar que ela deve ocupar em Seu templo, e a corta de maneira a nele se encaixar. O Senhor prossegue em Sua obra de lapidação a fim de preparar um povo, cada um ocupando seu devido lugar no templo celestial; e cada

indivíduo se torna uma Pedra Viva em razão de seu contato com Cristo, a Pedra viva. Deus desenvolverá em cada pessoa exatamente o aspecto de caráter que irá melhor se encaixar no lugar que Ele quer preenchido. Quando voltar, declara: que a obra de preparação se encerre. “Quem é injusto faça injustiça ainda; e quem está sujo suje-se ainda; e quem é justo faça justiça ainda; e quem é santo seja santificado ainda (Ap 22:11, ARC).

Quando recebemos Jesus Cristo, Deus vê em nós aquela perfeição de caráter que podemos alcançar. Ele sabe o que pretende fazer conosco. Concede-nos o caráter de Cristo, e, então, olha para este caráter. Dessa forma, “os fez aceitos no Amado” (Ef 1:6, tradução Reina Valera). Ele nos aceita, não pelo que somos, mas pelo que Ele Se propõe a fazer de nós e pelo que Cristo é. Fará de cada um de nós uma pedra para Seu templo. O Construtor-mestre observa uma pedra bruta e enxerga nela Seu modelo de perfeição. Ele nos aceita, não pelo que nós somos, mas pelo que Ele é.

Consideremos outra linha de pensamento:

E, tendo acabado de falar com ele no monte Sinai, deu a Moisés as duas tábuas do Testemunho, tábuas de pedra, escritas pelo dedo de Deus (Êx 31:18).

Em Êxodo 34:28, é-nos declarado o que estava escrito ali. Você deve se lembrar de que, quando Moisés desceu da montanha pela primeira vez, descobriu que os filhos de Israel já tinham quebrado os mandamentos de Deus, e estavam adorando ídolos. Ao vê-los, lançou ao chão as duas tábuas de pedra e as quebrou. Deus, então, lhe ordenou que preparasse duas outras tábuas. Aqui você pode ver a lei sendo reescrita. Primeiro, o homem quebrou a lei. Deus, então, a escreveu nas tábuas de pedra. Depois de havê-la escrito ali, a fim de informá-los, por uso de palavras, o que era Seu caráter, Jesus Cristo veio para exemplificá-la em Sua vida. Foi Jesus Cristo quem proclamou a lei no Sinai; e, ao vir, em carne humana, assentou-Se sobre um outro monte, e, mais uma vez, anunciou a lei. Ela está no sermão do monte. Era a mesma lei, o mesmo Cristo, os mesmos princípios, mas Ele a estava desdobrando. Ele não apenas a desdobrou em palavras, mas Ele mesmo era a lei, a expressão do caráter de Deus. Ele nos declara o que Deus é, não apenas em Sua Palavra, mas sendo o próprio

Deus entre nós. Ele era Deus manifestado na carne. “E o Verbo se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1:14).

Então, Cristo é a rocha, a rocha de Israel. Já desde a primeira vez, Deus escreveu a lei de forma perfeita e completa em tábuas de pedra, e a entregou ao povo. Então, escreveu a mesma lei sobre a Pedra Viva e deu-a ao povo. Assim, você irá perceber, Cristo é a lei viva. Isso significou colocar a lei em pedra pela segunda vez. Aqui, então, temos a lei em pedra duas vezes: sobre as tábuas de pedra, escritas pelo dedo de Deus, e sobre a Pedra viva, Cristo, e apresentada ao povo.

A lei escrita sobre as tábuas de pedra

Consideremos, por um momento, a lei escrita sobre as tábuas de pedra. “Sobreveio a lei para que avultasse a ofensa” (Rm 5:20). A lei veio para tornar conhecido o pecado, e para condenar o pecado. “O aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a lei” (1Co 15:56). O pecado não é considerado onde não há lei. O pecado resulta em morte. “O pecado, uma vez consumado, gera a morte” (Tg 1:15). A lei nas tábuas de pedra, vista simplesmente como as dez palavras de Deus, condena para a morte. “A morte passou a todos os homens, porque todos pecaram” (Rm 5:12). Assim, quando consideramos a lei simplesmente como o código legal de Deus, ela significa para nós morte. Mas Deus pôs esta mesma lei sobre uma Pedra viva, e quando a vemos escrita sobre a Pedra Viva, ela significa para nós vida. Contudo, continua sendo a mesma lei. Devemos encontrá-la escrita em tábuas de pedra, e ser condenados e mortos por ela, ou devemos encontrá-la sobre a Pedra viva, e viver por ela. Porém, de uma forma ou de outra, é necessário que nos encontremos com ela. Deus não nos pergunta se queremos ou não. E não faz diferença o que dizemos. Quer sejamos por ela condenados ou vivificados, ela continua sendo a mesma lei de Deus. É nossa atitude para com ela que faz a diferença.

A Lei do Espírito da Vida

A lei em Jesus Cristo é – a Lei do Espírito da Vida. Ele é a Pedra Viva, a Rocha Eterna. “Todo o que cair sobre esta pedra ficará em pedaços;

e aquele sobre quem ela cair ficará reduzido a pó” (Mt 21:44). Uma dessas duas opções vai acontecer: ou caímos sobre a rocha, ou a rocha cai sobre nós. Se cairmos sobre a rocha, nós é que estamos na parte de cima. Seremos quebrados e Ele nos sarará. Se cairmos do outro modo, a rocha é que está em cima, e nos fará em pó. Todos têm de passar por uma dessas duas experiências. Será que cairemos sobre a rocha viva, ou ela cairá sobre nós e nos tornará pó? Devemos nos encontrar com a lei de Deus estando ausentes de Cristo, ou estando em Cristo. Ao nos encontrarmos com Deus ausentes de Cristo, Ele é um fogo consumidor. Quando O encontramos em Cristo, Ele é nossa glória. Devemos estar escondidos na Rocha a fim de contemplarmos a glória de Deus sem perecer. Eu suplico a vocês que considerem seriamente essa lição. É necessário que nos encontremos face a face com a lei de Deus. Quando o Espírito de Deus traz a lei perante nossa mente, e nos torna convictos, faz isso para que possamos ser perdoados e purificados.

O grande propósito de Deus

Deixem-me chamar sua atenção para outro ponto. O propósito de Deus encontrado na História, nos tipos, nas sombras e nas cerimônias é pregar o evangelho; e, mesmo em algumas situações que nos parecem as mais ameaçadoras, Deus ainda está pregando o evangelho. Não duvido de que, na mente de muitos, tenha havido a impressão de que a morte por apedrejamento fosse uma terrível punição. Quantos olham para isso como uma maneira de pregar o evangelho? Pode ser que vocês se lembrem de que nos dias da teocracia de Deus, quando Sua lei era a lei da nação, qualquer ofensa contra essa lei era punida com apedrejamento. Contudo, nesse método de punição, por se quebrar a lei nacional, Deus estava pregando o evangelho. Se você fizer um estudo desse assunto, e analisar cada um dos dez mandamentos, verá que a punição por quebrá-los, como lei nacional, era o apedrejamento. Então como era o evangelho pregado em tais circunstâncias? Deus estava ensinando ao povo, mediante essa forma de punição, que a lei, sem Cristo, os apedrejaria até a morte. Assim como aquelas pedras literais os matavam, a lei em pedras mortas os mataria. Mesmo com isso Ele os estava ensinando a respeito da Pedra Viva, a Pedra de Israel, a lei em vida, e isto é o evangelho.

Manda que estas pedras se transformem em pães

“Então, o tentador, aproximando-se, lhe disse: Se tu és o Filho de Deus, manda que estas pedras se transformem em pães (Mt 4:3).” É como se Deus colocasse lições para nós até mesmo na boca do diabo. Alguns ensinam Cristo por inveja; no entanto, Cristo é pregado. “Se tu és o Filho de Deus, manda que estas pedras se transformem em pães”. A obra de Cristo nesta Terra era tornar pedras em pães, para que a lei, que sobre as tábuas de pedras condena e mata, fosse nEle — a Pedra Viva— transformada no próprio pão da vida. Sua obra, ao longo de toda Sua carreira, foi transformar pedras em pães, colocar a lei no evangelho, transformar a morte na vida, e tornar-se a vida que vive. Ele disse: “Eu sou o pão da vida”, e, ao mesmo tempo, Ele é a Rocha de Israel. A lei de Deus, vivida por Cristo, torna-se vida, e Ele declara que o mandamento é vida eterna. Assim, embora Cristo recusasse, em Seu Próprio benefício, transformar pedras literais em pães, Sua vida inteira foi gasta transformando pedras em pães para saciar o anseio de almas famintas. Quando recebemos a lei de Deus em Cristo, ela tem poder para nos fazer semelhantes a Ele.

Um edifício cheio de glória

Essa lição sobre as pedras encontra-se em todas as Escrituras. Suponha que consideremos a lição encontrada em 1 Reis 6:14: “Assim, edificou Salomão a casa e a rematou”. Lembre-se de que essa casa foi construída de pedras. Olhando de fora, tudo que se podia ver eram pedras; e você sabe que, às vezes, um prédio feito de pedras tem uma aparência fria e não convidativa.

Assim, edificou Salomão a casa e a rematou. Também revestiu as paredes da casa por dentro com tábuas de cedro; desde o soalho da casa até ao teto, cobriu com madeira por dentro; e cobriu o piso da casa com tábuas de cipreste. Da mesma sorte, revestiu também os vinte côvados dos fundos da casa com tábuas de cedro, desde o soalho até ao teto; e esse interior ele constituiu em santuário, a saber, o Santo dos Santos. Era, pois, o Santo Lugar do templo de quarenta côvados. O cedro da casa por dentro era lavrado de colocíntidas e flores abertas; tudo era cedro, *pedra nenhuma se via* (1Rs 6:14-18).

“Por dentro, Salomão revestiu a casa de ouro puro” (v. 21). Olhando de fora, era um prédio feito de pedras, e nada além de pedras. Mas, do interior, não se via pedra alguma. Coloque-se fora de Cristo, olhe do lado de fora para a vida cristã, e tudo o que verá serão duas tábuas de pedra. Parece amedrontador. Porém, venha agora para dentro. Você não necessita remover as pedras para fazer isso. Venha para dentro, e o prédio estará reluzindo com ouro. Somente os que permanecem do lado de fora reclamam de que a lei que eles têm de guardar seja dura. Venha para dentro. No lado de dentro, não se vê pedra alguma. Contudo, elas não são removidas. O prédio permanece em pé por causa delas. Suponhamos que você as remova. O que será do resto do prédio? Ele irá desmoronar. Remova a lei, e com ela irá o evangelho. Você não pode guardar o puro ouro do evangelho aparte da lei. Venha para dentro. Ali você não verá nada além de ouro puro.

Outra consideração: assim que você entra em um prédio de ouro, sua imagem se refletirá em todos os lugares. Cristo deseja que reflitamos Sua imagem no templo do Deus vivo.

Uma cidade murada

Em toda a Escritura Sagrada, faz-se menção de cidades muradas. Esses muros eram feitos de pedras. Jerusalém era uma cidade murada. O muro tinha por objetivo a proteção. Contudo, mesmo que uma cidade for cercada por muros, não importa quão bem feito ele seja, se nele houver uma brecha, acabou-se a proteção. O inimigo nunca ataca uma cidade que tenha brecha no muro em qualquer outro lugar a não ser na brecha. Você verá que esta ideia do muro é muito proeminente em todas as Escrituras. Podemos notar esse fato na experiência de Neemias. Ele estava triste porque a cidade de seus pais estava destruída, e o muro estava derrubado. Por essa razão, ele se propôs subir e reconstruir a cidade e o muro. Diz ele em seu relato:

Tendo Sambalate ouvido que edificávamos o muro, ardeu em ira, e se indignou muito, e escarneceu dos judeus. Então, falou na presença de seus irmãos e do exército de Samaria e disse: Que fazem estes fracos judeus? Permitir-se-lhes-á isso? Sacrificarão? Darão cabo da obra num só dia? Renascerão, acaso, dos montões de pó as pedras que foram queimadas? (Nm 4:1, 2).

O que eles pensam que vão fazer? As pedras estão soterradas. Será que estes fracos judeus pensam que vão recuperá-las? O relato continua:

Estava com ele Tobias, o amonita, e disse: Ainda que edifiquem, vindo uma raposa, derribará o seu muro de pedra. Ouve, ó nosso Deus, pois estamos sendo desprezados; caia o seu opróbrio sobre a cabeça deles, e faz que sejam despojo numa terra de cativo. Não lhes encubras a iniquidade, e não se risque de diante de Ti o seu pecado, pois Te provocaram à ira, na presença dos que edificavam. Assim, edificamos o muro, e todo o muro se fechou até a metade de sua altura; porque o povo tinha ânimo para trabalhar (Nm 4:3-6).

O muro de Deus para Seu povo

Lemos, no livro de Marcos, que certo homem plantou uma vinha e cercou-a de uma sebe. Para que servia a sebe? Para proteção. O Senhor tirou a Sua vinha do Egito, e a estabeleceu, e construiu uma cerca ao seu redor. Este é o propósito de um muro: servir de proteção e manter o inimigo do lado de fora. O muro, porém, precisa estar completo. Deus construiu um muro para Seu povo. A lei é esta proteção. Mas para que seja uma proteção completa, precisa ser um muro completo. Nossa segurança está em termos um muro completo. Infelizmente, porém, eles haviam derrubado o muro. É propósito de Deus que o muro seja construído novamente. O Senhor diz:

Porventura, não é este o jejum que escolhi, que soltes as ligaduras da impiedade, desfaças as ataduras da servidão, deixes livres os oprimidos e despedaces todo jugo? Porventura, não é também que repartas o teu pão com o faminto, e recolhas em casa os pobres desabrigados, e, se vires o nu, o cubras, e não te escondas do teu semelhante? Então, romperá a tua luz como a alva, a tua cura brotará sem detença, a tua justiça irá adiante de ti, e a glória do SENHOR será a tua retaguarda; então, clamarás, e o SENHOR te responderá; gritarás por socorro, e Ele dirá: Eis-me aqui. Se tirares do meio de ti o jugo, o dedo que ameaça, o falar injurioso; se abrires a tua alma ao faminto e fartares a alma aflita, então, a tua luz nascerá nas trevas, e a tua escuridão será como o meio-dia. O SENHOR

te guiará continuamente, fartará a tua alma até em lugares áridos e fortificará os teus ossos; serás como um jardim regado e como um manancial cujas águas jamais faltam. Os teus filhos edificarão as antigas ruínas; levantarás os fundamentos de muitas gerações e serás chamado reparador de brechas e restaurador de veredas para que o país se torne habitável. Se desviares o pé de profanar o sábado e de cuidar dos teus próprios interesses no meu santo dia; se chamares ao sábado deleitoso e santo dia do SENHOR, digno de honra, e o honrares não seguindo os teus caminhos, não pretendendo fazer a tua própria vontade, nem falando palavras vãs, então, te deleitarás no SENHOR. Eu te farei cavalgar sobre os altos da terra e te sustentarei com a herança de Jacó, teu pai, porque a boca do SENHOR o disse (Is 58:6-14).

Uma brecha a ser reparada

Foi feita uma brecha no muro que Deus desejava estabelecer ao redor de seu povo. Esta deve ser reparada, e o povo de Deus precisa ser cercado por uma lei perfeita; cada mandamento deve ser restaurado. E “serão chamados reparadores de brechas”. Cada um constrói defronte de sua própria casa. Está você construindo defronte de sua casa ao reparar a brecha? Se sim, o muro será novamente construído, mesmo em tempos angustiosos.

Essas considerações constituem apenas uma amostra do que as Escrituras dizem sobre pedras. Deus quer que mantenhamos em mente Suas palavras a fim de podermos viver nelas. Finalmente, que acima de tudo, em tudo e através de tudo vejamos Jesus Cristo, a Rocha de Israel, a Rocha eterna.

Sermão 3



O Grande Conflito Entre o Bem e o Mal

The Bible Echo, 17 e 24 de fevereiro de 1896,
pregado em 23 de outubro de 1895

“**V**enha o teu reino, seja feita a tua vontade, assim na terra como no Céu” (Mt 6:10). Se considerarmos o fato de que a cruz de Jesus Cristo não tem que ver unicamente com esta Terra, talvez isso nos ajude a compreender mais claramente nossa própria relação para com Deus, bem como o significado do serviço a Deus, que, em suma, é o significado da verdadeira religião. Teremos uma visão muito limitada do plano da salvação se confinarmos sua abrangência apenas a este nosso mundo.

Nessa súplica, que lemos no texto de abertura, apresenta-se um contraste entre o Céu e a terra, e o pedido é de que a vontade de Deus seja feita na Terra assim como é feita no Céu. O fato de que a vontade de Deus reina ali suprema faz do Céu o que ele é; e este mundo é o que é pelo fato de a vontade de Deus não ser feita aqui.

O universo está interessado no plano da salvação

Vamos iniciar considerando dois ou três textos que nos chamam a atenção para a ideia de que o Céu foi, e ainda é, afetado pelo plano de Deus da salvação. O pecado afetou mais do que apenas esta Terra. Portanto, não é apenas esta Terra que depende do plano da salvação.

Em sua epístola aos Efésios, Paulo declara:

Desvendando-nos o mistério da Sua vontade, segundo o Seu beneplácito que propusera em Cristo, de fazer convergir nele, na

dispensação da plenitude dos tempos, todas as coisas, tanto as do céu, como as da terra (Ef 1:9, 10).

Porque aprovou a Deus que, nEle, residisse toda a plenitude; e que, havendo feito a paz pelo sangue da Sua cruz, por meio dele, reconciliasse consigo mesmo todas as coisas, quer sobre a Terra, quer nos céus (Cl 1:19, 20).

À primeira vista, pode parecer um tanto estranho existir algo no Céu que necessite reconciliação pelo sangue de Sua cruz, mas é isso mesmo o que está escrito. O plano da salvação abrange mais do que apenas reconciliar os que estão na Terra. Há algo a ser reconciliado com relação às coisas no Céu.

A rebelião no Céu

No Apocalipse, João escreveu: “E houve batalha no céu” (Apocalipse 12:7, ACF). Estamos acostumados a pensar que apenas esta Terra tem permanecido num estado de rebelião. Esse verso, porém, diz que houve guerra no Céu:

Miguel e os Seus anjos pelejaram contra o dragão. Também pelejaram o dragão e seus anjos; todavia, não prevaleceram; nem mais se achou no Céu o lugar deles. E foi expulso o grande dragão, a antiga serpente, que se chama diabo e Satanás, o sedutor de todo o mundo, sim, foi atirado para a Terra, e, com ele, os seus anjos. Então, ouvi grande voz do Céu, proclamando: Agora, veio a salvação, o poder, o reino do nosso Deus e a autoridade do Seu Cristo, pois foi expulso o acusador de nossos irmãos, o mesmo que os acusa de dia e de noite, diante do nosso Deus (Ap 12:7-10).

“Miguel e os seus anjos pelejaram”. Miguel é Cristo. Três versos bem fáceis nos revelam essa verdade:

Contudo, o arcanjo Miguel, quando contendia com o diabo e disputava a respeito do corpo de Moisés, não Se atreveu a proferir juízo infamatório contra ele; pelo contrário, disse: O Senhor te repreenda! (Jd 1:9).

Aí vemos que Miguel é mencionado como o arcanjo. Em Tessalonicenses, Paulo afirma:

Porque o mesmo Senhor descerá do céu com alarido, e com voz de Arcanjo (1Ts 4:16, Almeida Antiga).

O próprio Senhor descerá com a voz do arcanjo. Mas lemos em João 5:25:

Em verdade, em verdade vos digo que vem a hora e já chegou, em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus; [...] e sairão. (Jo 5:25, 28).

Miguel é o arcanjo. O Senhor descerá com a voz do arcanjo; e é a voz do Senhor que chama os mortos de suas tumbas.

“E foi expulso o grande dragão, a antiga serpente”. O termo aqui não é usado no sentido em que usamos a expressão “aquela velha víbora”, mas trata-se da antiga serpente, a mesma que causou perturbação no Éden. Houve guerra no Céu e a antiga serpente, a que causou perturbação no Éden e hoje ainda perturba por aqui, suscitou a rebelião, liderou suas hostes na peleja e foi lançada para a Terra.

O que causou desordem no Céu?

Existe algum modo de descobrirmos o que causou desordem no Céu? Acho que facilmente podemos descobri-lo lendo a experiência de Cristo com Satanás quando esteve nesta Terra:

Estando, pois, o povo reunido, perguntou-lhes Pilatos: A quem quereis que eu vos solte, a Barrabás ou a Jesus, chamado Cristo? Porque sabia que, por inveja, o tinham entregado (Mt 27:17, 18).

Em primeiro lugar, foi a inveja, de parte de Satanás contra Cristo, que causou a guerra no Céu. Assim, os que se opõem a Cristo demonstrarão a mesma disposição ainda hoje. Referindo-se à experiência dos que haviam sido convertidos, e da vida que antes levavam, Paulo declara:

Pois nós também, outrora, éramos néscios, desobedientes, desgarrados, escravos de toda sorte de paixões e prazeres, vivendo em malícia e inveja, odiosos e odiando-nos uns aos outros (Tt 3:3).

A inveja é característica do coração natural, como vemos em Romanos 1:29: “Cheios de toda injustiça, malícia, avareza e maldade; possuídos de inveja”. Foi a inveja que causou oposição a Cristo quando aqui esteve em carne — e a inveja era simplesmente uma continuação desse mesmo sentimento que causara a contenda no Céu. Que é inveja? É o desejo que alguém tem de ocupar uma posição mais elevada do que a que ocupa, é possuir um sentimento exagerado de seu valor próprio. O amor jamais pensa dessa maneira, pois “o amor não é invejoso” (1Co 13:4, ACF).

As Escrituras deixam bem claro que foi o sentimento de inveja, da parte de Satanás, que gerou todo o transtorno no Céu: “Como caíste desde o céu, ó Lúcifer, filho da alva! Como foste cortado por terra, tu que debilitavas as nações! E tu dizias no teu coração: [...]”. Note as próximas cinco afirmações, e veja como cada uma se inicia:

Eu subirei ao céu, acima das estrelas de Deus exaltarei o meu trono, e no monte da congregação me assentarei, aos lados do norte. Subirei sobre as alturas das nuvens, e serei semelhante ao Altíssimo (Is 14:12-14, ACF).

Ezequiel também fala acerca de Satanás:

Assim diz o SENHOR Deus: Tu és o sinete da perfeição, cheio de sabedoria e formosura. Estavas no Éden, jardim de Deus; de todas as pedras preciosas te cobrias: o sárdio, o topázio, o diamante, o berilo, o ônix, o jasper, a safira, o carbúnculo e a esmeralda; de ouro se te fizeram os engastes e os ornamentos; no dia em que foste criado, foram eles preparados. Tu eras querubim da guarda ungido, e te estabeleci; permanecias no monte santo de Deus, no brilho das pedras andavas. Perfeito eras nos teus caminhos, desde o dia em que foste criado até que se achou iniquidade em ti. Na multiplicação do teu comércio, se encheu o teu interior de violência, e pecaste; pelo que te lançarei, profanado, fora do monte de Deus e te farei perecer, ó querubim da guarda, em meio ao brilho das pedras.

Elevou-se o teu coração por causa da tua formosura, corrompeste a tua sabedoria por causa do teu resplendor; lancei-te por terra, diante dos reis te pus, para que te contemplem (Ez 28:12-17).

Com esses versos, vocês podem ver que foi um sentimento de inveja, por parte de Satanás, que causou a discórdia no Céu.

Cristo era o unigênito Filho de Deus, e não um ser criado. Satanás, por sua vez, era criado. Como Filho unigênito, Cristo podia adentrar completamente nos conselhos de Deus. E pelo fato de Satanás não ter o mesmo privilégio de Cristo, a inveja brotou em seu coração, e ele determinou-se no seguinte pensamento: Eu me exaltarei. Começou a incitar a rebelião e a dizer: “Deus é arbitrário”. Dessa forma, começou a ganhar simpatizantes. “Estamos escravizados, mas eu tenho um plano melhor de governo. Escolham-me como líder, me exaltem, e, então, exaltarei vocês”. Você percebe que esse mesmo princípio tem estado presente no mundo desde a queda? Ou seja: Você me exalta, e eu exalto você – talvez.

A insatisfação de Satanás

Satanás conseguiu juntar um número suficiente de seguidores para fazer uma rebelião no Céu. Sendo dali expulso, decidiu estabelecer seu reino nesta Terra, e mostrar ao Universo que ele poderia governar de fato. Gradualmente, estenderia seu governo até arrebatar de Deus o domínio, e, então, “seria como o Altíssimo”, seria Deus.

Começou da mesma forma que havia iniciado no Céu, isto é, criando insatisfação. Ele disse à mulher: “Deus sabe que, no dia em que vocês comerem do fruto da árvore do conhecimento, serão como deuses. A razão apresentada por Deus para que vocês não comam dessa árvore é uma mentira. Ele declarou que vocês iriam morrer, mas isso não vai acontecer. A verdade é: quando vocês comerem dessa árvore, serão como Deus. Ele não deseja isso, e, por esse motivo, está tentando impedi-los. Se vocês me ouvirem e comerem, serão como deuses”. E eles comeram. Fazendo isso, Adão mostrou-se desleal a Deus, e transferiu todas as coisas às mãos de Satanás.

Adão e o seu domínio

Num sentido especial, Adão era o filho de Deus: “Filho de Enos, filho de Sete, filho de Adão, filho de Deus” (Lc 3:38, NVI). Ele era filho de Deus num sentido diferente daquele que nós o somos: “Amados, agora, somos filhos de Deus” (1Jo 3:2). Somos filhos de Deus pela recriação. Adão era filho de Deus pela criação inicial. Ele foi posto aqui para dominar sobre esta parte do Universo como representante de Deus:

Também disse Deus: Façamos o homem à Nossa imagem, conforme a Nossa semelhança; tenha ele domínio sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos, sobre toda a terra e sobre todos os répteis que rastejam pela terra (Gn 1:26).

Deus fez de Adão Seu primeiro-ministro, e confiou o domínio em suas mãos, reconhecendo-o como Seu representante na Terra.

O domínio usurpado pela fraude

Sendo expulso do Céu em razão daquela guerra, o diabo vem para a Terra, e, por meio de engano, induz Adão, o representante de Cristo, a entregar-lhe o domínio da Terra. Ele toma posse da Terra mediante mentiras e fraude, e decide realizar aquilo que havia fracassado em fazer no Céu. As Escrituras reconhecem esse fato. Cristo disse:

Já não falarei muito convosco, porque aí vem o príncipe do mundo; e ele nada tem em Mim (Jo 14:30).

Nos quais o deus deste século cegou o entendimento dos incrédulos (2Co 4:4).

Satanás faz referência a esse fato por ocasião da tentação de Cristo no deserto:

E o diabo, levando-O a um alto monte, mostrou-Lhe num momento de tempo todos os reinos do mundo. E disse-Lhe o diabo: Dar-te-ei a Ti todo este poder e a sua glória; porque a mim me foi entregue, e dou-o a quem quero. Portanto, se Tu me adorares, tudo será Teu (Lc 4:4-7, ACF).

Ele tomou posse deste mundo, estabeleceu seu reino, e hoje diz: “Eu sou rei”.

De que lado estamos?

E a quem pertencemos? E com quem estamos simpatizando neste governo terrestre? Desse ponto de vista, a religião se resolve nesta questão: Serei leal a Deus neste grande conflito que teve início no Céu e agora se transfere para a Terra, ou servirei a Satanás? De quem seremos súditos neste grande conflito?

A essência dos dois reinos

Satanás fundou seu reino por meio de fraude e usurpação, e o mantém mediante a força. Essas são as características dele. Deus, porém, é amor. Seu reino é fundado sobre o amor, e o único poder que Ele usa em Seu reino é o poder do amor.

A acusação que Satanás lançou contra Deus foi a de que Deus era arbitrário, determinado a fazer as coisas do Seu próprio jeito, e que não amava Seu povo. Satanás prometeu que, se os anjos o seguissem, estabeleceriam um reino melhor. Resta, portanto, que essa promessa se realize. Embora Deus possa ver o fim desde o princípio, os seres criados não o podem. Portanto, se Ele houvesse esmagado a rebelião à força, se por mera força bruta a houvesse suprimido, restaria ainda na mente dos seres criados uma interrogação sobre a justiça de Deus. Então Deus permite que Satanás desenvolva seu plano, para que todo o Universo veja o contraste entre o plano de Satanás e o plano de Deus.

Este mundo é o palco

Um drama está sendo representado neste mundo, o qual atrai a atenção do Universo. Somos chamados a ser atores nesse drama. A questão a ser resolvida é: que plano de governo é o melhor, de Satanás ou de Deus? A quem os seres criados por Deus prestarão sua lealdade? Quando Deus envia Seus servos, qual é sua obra? Vejamos:

Livrando-te do povo e dos gentios, para os quais eu te envio, para lhes abrires os olhos e os converteres das trevas para a luz e da potestade de Satanás para Deus, a fim de que recebam eles remissão de pecados (At 26:17, 18).

A questão é de lealdade a Deus. Pode ser que isso ajude você a compreender o significado de certas coisas que, possivelmente, lhe tenham parecido questionáveis.

O caso de Jó

O caso de Jó é marcante, e, provavelmente, tem sido motivo de consideração por todos os que já tiveram a Bíblia em mãos. Abram comigo no primeiro capítulo do livro de Jó, e acompanhem o caso com esse pensamento em mente. “Num dia em que os filhos de Deus vieram apresentar-se perante o SENHOR, veio também Satanás entre eles”. Que direito tinha ele de estar lá? Esses filhos eram representantes de Deus nas diversas partes do Universo. Adão era um filho de Deus, e foi posto nesta Terra a fim de que, sob a tutela de Deus, exercesse domínio sobre a Terra. Contudo, ele traiu seu domínio, e Satanás entrou e tomou seu lugar. Assim, quando o concílio foi convocado, a fim de que os representantes de Deus se juntassem para deliberar quanto à conduta em seu território, veio também Satanás. Ao ser feita a chamada, a Terra respondeu: “Presente”. Mas foi Satanás, e não Adão, quem respondeu.

Então, perguntou o SENHOR a Satanás: Donde vens? Satanás respondeu ao SENHOR e disse: De rodear a terra e passear por ela (Jó 1:7).

Sede sóbrios e vigilantes. O diabo, vosso adversário, anda em derredor, como leão que ruge procurando alguém para devorar (1Pe 5:8).

O Filho do Homem não veio para destruir as almas dos homens, mas para salvá-las. *Ele* andava fazendo o bem.

Perguntou ainda o SENHOR a Satanás: Observaste o meu servo Jó? Porque ninguém há na terra semelhante a ele, homem íntegro e reto, temente a Deus e que se desvia do mal (Jó 1:8). Então, respondeu

Satanás ao SENHOR: Porventura, Jó debalde teme a Deus? Acaso, não o cercaste com sebe, a ele, a sua casa e a tudo quanto tem? A obra de suas mãos abençoaste, e os seus bens se multiplicaram na terra. Estende, porém, a mão, e toca-lhe em tudo quanto tem, e verás se não blasfema contra Ti na Tua face (Jó 1:9-11).

Essas são as próprias características de Satanás.

Você percebe? Deus diz a Satanás: “Meu servo Jó, apesar de estar em teu território, permanece leal a Mim”. “Oh, sim”, diz Satanás, “mas isso não prova nada. Qualquer pessoa agiria assim pela estima que tu demonstras para com ele. Não é o amor que faz com que Jó permaneça unido a Ti. Ele Te está servindo pela recompensa que terá. Qualquer um faria isso”. Deus para perceber o motivo pelo qual Satanás se queixa? Você o cercou de um muro. Isso não é justo! Ele está no meu domínio. Tenho a impressão de que qualquer pessoa seria leal a Ti em circunstâncias assim”. E isso foi dito num concílio onde se encontravam os representantes de todo o Universo. Ali fez ele a mesma acusação que havia feito no Céu. E, ao invés de decidir a questão ali mesmo de forma arbitrária, o Senhor disse: “Eis que tudo quanto ele tem está em teu poder; somente contra ele não estendas a mão” (Jó 1:12). Sabemos o que sucedeu. As posses de Jó, uma após a outra, lhe foram tomadas, e, para finalizar, seus filhos foram mortos e ele ficou totalmente só. Foi, então, aconselhado a desistir de tudo. “Porém, em tudo isto Jó não pecou, nem atribuiu a Deus falta alguma” (Jó 1:22).

Satanás novamente se apresenta perante Deus

O livro de Jó menciona um segundo concílio no Céu:

Num dia em que os filhos de Deus vieram apresentar-se perante o SENHOR, veio também Satanás entre eles apresentar-se perante o SENHOR. Então, o SENHOR disse a Satanás: Onde vens? Respondeu Satanás ao SENHOR e disse: De rodear a terra e passear por ela. Perguntou o SENHOR a Satanás: Observaste o meu servo Jó? Porque ninguém há na terra semelhante a ele, homem íntegro e reto, temente a Deus e que se desvia do mal. Ele conserva a sua integridade, embora Me incitasses contra ele, para o consumir sem causa (Jó 2:1-3).

Seria de imaginar que o relatório de Deus daria por encerrado o conflito, mas você nunca vai conseguir resolver nada com Satanás, mesmo usando o argumento certo.

Então, Satanás respondeu ao SENHOR: Pele por pele, e tudo quanto o homem tem dará pela sua vida. Estende, porém, a mão, toca-lhe nos ossos e na carne e verás se não blasfema contra Ti na Tua face. Disse o SENHOR a Satanás: Eis que ele está em teu poder; mas poupa-lhe a vida (Jó 2:6).

A integridade de Jó

Você se lembra da experiência de Jó depois disso, de como sua esposa o incitou a amaldiçoar a Deus e a morrer. Mas nem assim ele cedeu. “Ainda que ele me mate,” disse ele, “eu nele confiarei” (Jó 13:15). Ele disse ainda:

Tão certo como vive Deus, que me tirou o direito, e o Todo-Poderoso, que amargurou a minha alma, enquanto em mim estiver a minha vida, e o sopro de Deus nos meus narizes, nunca os meus lábios falarão injustiça, nem a minha língua pronunciará engano. Longe de mim que eu vos dê razão! Até que eu expire, nunca afastarei de mim a minha integridade (Jó 27:2-5).

A lição

O que isso significou? Aqui ocorreu uma demonstração – não apenas aos poucos que possam saber do caso de Jó, ou a quem quer que tenha lido mesmo que de passagem acerca de sua vida, mas perante todo o Universo – de que o poder do amor de Deus foi suficiente para sustentar um homem em sua integridade. Apesar de suas posses, seus filhos e tudo o que era seu terem sido destruídos, ainda assim o amor que Deus tinha para com ele e o amor que havia florescido em seu coração para com Deus foram suficientes para o sustentar, a ponto de ele dizer: “mesmo que eu morra, não abandonarei a minha integridade”. Jó estava mostrando perante todo o Universo quanto poder havia no amor de Deus.

Muitas vezes passamos por experiências que não podemos entender. Qual a causa desta aflição? Por que veio esta perda? Por que

vêm esses problemas? Você percebeu que Jó estava perante o Universo como um homem em quem se podia confiar para revelar como o poder do amor de Deus podia mantê-lo firme em sua confiança, demonstrando que, no amor de Deus, há um poder suficiente para nos sustentar nas tribulações?

Você já se perguntou por que um homem como João Batista encerrou sua vida como o fez? Um grande profeta; contudo, encerrou sua vida preso numa masmorra. Sua cabeça foi decepada e o seu tronco enterrado pelos seus discípulos; e “eles foram e contaram a Jesus”. Que significava aquilo para Jesus? Tanto para Ele, quanto para todo o Universo expectante, significou o seguinte: houve alguém que foi fiel até a morte. “Sê fiel até à morte, e dar-te-ei a coroa da vida” (Ap 2:10). As páginas da História estão repletas de exemplos como esse. Os mártires de todas as eras têm testificado do poder do amor de Deus. E lembrem-se de que mártires podem ser encontrados em lares bem humildes. Nem sempre os feitos mais heroicos são realizados nos palácios mais nobres. Deus e Seu Universo olham e observam essas testemunhas de Seu amor, veem que elas não se desviam de sua integridade pelos sofismas e maquinações de Satanás, mas são fiéis até a morte.

O dom de Cristo desmente as acusações de Satanás

Na própria experiência de Cristo sobre esta Terra, temos um exemplo de como funciona o plano do governo de Deus. A acusação que Satanás trouxera ao princípio era quanto a Deus ser arbitrário, determinado a estabelecer Seu próprio caminho, e de não amar ninguém. Contudo, quando Satanás levou o homem a se desviar do caminho da verdade, mantendo-o cativo, mesmo assim “Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigênito, para que todo o que nEle crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3:16). Pelo entrega de Seu Filho, Deus provou que havia amor em Seu governo, e que desejava que Sua vontade fosse cumprida por amor. Pelo amor que tinha para com Seus seres criados, entregou Seu único Filho a fim de tornar possível que Sua vontade se cumprisse na Terra. Cristo veio ao mundo a fim de executar esse plano de maneira que o homem possa ser leal a Deus se assim o quiser.

O clímax do conflito

Você percebe então que, quando Cristo veio, tal evento foi o clímax do conflito entre Ele e Satanás. Se Satanás, de alguma maneira, fosse capaz de desviar Cristo, o segundo Adão, o representante da raça humana que começava; se ele pudesse de alguma forma vencê-Lo, ele triunfaria e estabeleceria seu reino aqui. Assim, sobre Cristo, foi trazida toda tentação que pudesse existir, e todo o poder da malignidade que estava atuando em Satanás por milhares de anos. E para efetuar seu propósito, ele seguiu Cristo a cada passo do Seu caminho, da manjedoura até a cruz. Ele estava decidido a fazer com que Cristo não fosse leal a Deus enquanto estivesse em seu domínio. Quando chegou a ocasião de Cristo ir à cruz, Satanás instigou os homens a praticar tudo o que a sua malignidade pôde inventar. Ele os incitou a derrotar a natureza humana de Cristo de modo a fazê-lo desviar-Se do caminho da lealdade. Tentou suborná-Lo. “Reconheça meu direito ao reino da Terra”, disse ele, “e a Ti darei todos estes reinos”. Mas Cristo não podia fazer isso, pois era justamente o ponto do conflito.

Chegamos ao clímax do combate na morte de Cristo. Satanás havia acusado Deus de que Seu governo era arbitrário e severo, e declarou que promoveria para seus súditos um governo melhor. O Universo observava como isso se desenrolaria. A maldição da desobediência repousava sobre a Terra, mas Cristo veio redimi-la, “fazendo-se maldição por nós”. Satanás incitou os judeus até que tiraram Sua vida, e, assim, Satanás tornou-se o assassino do Filho de Deus. Mediante Seu dom a este mundo, Deus demonstrou que desejava que Sua vontade – a lei do amor e de obediência incondicional – se cumprisse na Terra assim como o é no Céu. Para tornar isso possível, estava disposto a dar Seu único Filho para morrer. Satanás revelou que estava tão disposto a fazer as coisas a seu próprio modo que estava disposto a tornar-se o assassino do Filho de Deus. Tudo isso aconteceu à vista do Universo. E qual foi a consequência? O governo de Deus foi vindicado perante o Universo.

Vindicação do governo de Deus

Ora, havia alguns gregos, entre os que tinham subido a adorar no dia da festa. Estes, pois, dirigiram-se a Filipe, que era de Betsaida

da Galiléia, e rogaram-lhe, dizendo: Senhor, queríamos ver a Jesus. Filipe foi dizê-lo a André, e então André e Filipe o disseram a Jesus. E Jesus lhes respondeu, dizendo: É chegada a hora em que o Filho do homem há de ser glorificado. [...] Agora é o juízo deste mundo; agora será expulso o príncipe deste mundo. E Eu, quando for levantado da terra, todos atrairei a Mim (Jo 12:20-32, ACF).

Jesus Cristo, levantado entre o Céu e a Terra sobre a cruz, atraiu para Si tanto a Terra como o Céu. Por meio da morte, destruiu aquele que tinha o poder da morte, a saber, o diabo. Não é frequente um rei ganhar seu reino morrendo, mas Jesus Cristo ganhou tanto Seu Reino quanto Seus súditos mediante a morte, e, por meio dela, destruiu Seu inimigo.

A cruz selou o destino de Satanás

“Agora será expulso o príncipe deste mundo. E Eu, quando for levantado da terra, todos atrairei a Mim”. Quando Ele foi levantado na cruz e disse “Está consumado”, entregando o espírito, esse grito foi ouvido por todo o Céu e por todo o Universo. Assim, onde quer que ainda houvesse pensamentos de rebelião e persistente simpatia por Satanás, aquela cena sobre a cruz revelou que o governo de Satanás significava que nada poderia interpor-se em seu caminho. E que, para realizar seu propósito, ele estava disposto até mesmo a matar o Filho de Deus. Assim, eles foram atraídos a Deus por Seu grande amor. Foi, então, selado o destino de Satanás. Ele foi expulso, e foi demonstrado que Deus é amor, e que Ele estava governando pelo poder do amor.

Conclusão

Você acha que, se Satanás não hesitou em tirar a vida do Filho de Deus, hesitaria em tirar a sua? Você acha que o plano de governo dele melhorou? Consegue perceber que tudo é uma questão de lealdade a Deus ou a Satanás? Percebe que devemos nos colocar ou sob a liderança de Satanás – e lutar contra Cristo – ou sob a liderança de Cristo e lutar contra Satanás? De que lado você está? Que lado está escolhendo agora mesmo? “Somos feitos espetáculo ao mundo, aos anjos, e aos homens” (1Co 4:9, ACF). No livro de quem está inscrito seu nome? Está você alistado como combatente sob a bandeira ensanguentada do

Cordeiro, como um leal súdito de Deus? Ou como combatente sob a bandeira negra de Satanás, lutando contra o governo de Deus?

Essa questão dos dois reinos continuará até que Cristo volte pela segunda vez para receber Seu reino. Estamos muito próximos desse momento. Tudo o que ser feito é ler as Escrituras e observar os sinais dos tempos para saber que está próximo. Pouco argumento é necessário para mostrar a alguém que lê as Escrituras e observa os sinais dos tempos que o Dia do Senhor está próximo e se apressa grandemente. O conflito está em seu ápice. Um tremendo poder está sendo exercido a fim de prender os súditos ao reino de Satanás. Ele está usando todo artifício para manter o povo preso nas garras do pecado, a fim de desviar-lhes a mente de perceberem a proximidade da vinda de Cristo, mantendo-os ocupados em busca de prazeres e interesses egoístas. Mas Cristo está trabalhando ativamente na Terra, selecionando os que Lhe serão leais. E o que significa ser leal a Ele? Significa obedecer às leis de Seu Reino.

Obediência à Lei de Deus é lealdade a Deus

Cristo proclamou as condições pelas quais podemos nos tornar súditos de Seu reino. Enviou Seus servos pelo mundo todo, dizendo:

Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado (Mt 28:19, 20).

Hoje esses servos estão pregando que a vinda do Seu reino está próxima, e estão reunindo aqueles que serão leais a Deus.

Ser leal a Deus hoje tem um preço. Custou algo para Jó. Mas há um poder no amor de Jesus Cristo que nos sustenta. Há algo em Seu amor que irá satisfazer toda alma sedenta, e nutrirá todos os que se achegarem a Ele. Hoje é feito o chamado: “Retirai-vos do meio deles, separai-vos”.

Uma mensagem especial

Os dois reinos não se podem unir. Contudo, parece existir uma tentativa de fazê-los correr juntos. Isso não pode ser feito. Eles são

perfeitamente opostos um ao outro; luz e trevas não se misturam. O amor e o ódio são características opostas e não se podem misturar. Na crucificação, a cruz de Jesus Cristo fez uma separação entre os penitentes e os impenitentes, e hoje ela causa a mesma divisão. E, agora, Deus está enviando uma mensagem especial de lealdade à Sua lei. Ele chama todos os que quiserem a se dedicar à obediência às leis do Seu reino. E mais do que isso, Ele preparou, nesta última geração, um notável sinal de lealdade. Há uma convocação especial para a parte de Sua lei que tem sido posta de lado:

Santificai os meus sábados, pois servirão de sinal entre Mim e vós, para que saibais que Eu Sou o SENHOR, vosso Deus (Ez 20:20).

Nesta geração o Senhor estabeleceu o Seu sábado como um sinal especial de que Ele criou os Céus e a Terra por meio de Jesus Cristo.

No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus. [...] Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e, sem ele, nada do que foi feito se fez (Jo 1:1-3).

O sábado foi estabelecido como um sinal especial de lealdade para com Deus, de obediência à Sua lei, de nossa crença no poder criador e na divindade de Jesus Cristo, nosso Senhor. Será que vamos escolher a Ele como nosso Senhor, passando do reino das trevas para o reino da luz? Em breve Ele voltará, e quando voltar, Aquele a quem pertence o direito de reinar irá reinar. Ele redimiu a Terra, e, quando vier, salvará todos os que forem obedientes às Suas leis e se reconhecerem como estando sob a liderança de Cristo.

Vi o céu aberto, e eis um cavalo branco. O seu cavaleiro se chama Fiel e Verdadeiro e julga e peleja com justiça. Os Seus olhos são chama de fogo; na sua cabeça, há muitos diademas; tem um nome escrito que ninguém conhece, senão Ele mesmo. Está vestido com um manto tinto de sangue, e o Seu nome se chama o Verbo de Deus; e seguiam-no os exércitos que há no céu, montando cavalos brancos, com vestiduras de linho finíssimo, branco e puro. Sai da Sua boca uma espada afiada, para com ela ferir as nações; e Ele mesmo as regerá com cetro de ferro e, pessoalmente, pisa o lagar do

vinho do furor da ira do Deus Todo-Poderoso. Tem no Seu manto e na Sua coxa um nome inscrito: REI DOS REIS E SENHOR DOS SENHORES (Ap 19: 11-16).

É Ele nosso Rei e nosso Senhor? Os que o reconhecem agora como Rei dos reis e Senhor dos senhores estarão prontos para dizer quando Ele for revelado:

Eis que este é o nosso Deus, em quem esperávamos, e ele nos salvará; este é o SENHOR, a quem aguardávamos; na sua salvação exultaremos e nos alegraremos (Is 25:9).

Sermão 4



O Verbo Se Fez Carne

The Bible Echo, 6 e 13 de janeiro de 1896,
pregado em 31 de outubro de 1895

“**N**o princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus” (Jo 1:1). “E o verbo Se fez carne, e habitou entre nós” (Jo 1:14). A Revised Version diz: “A Palavra tornou-Se carne”. O tema da redenção será a ciência e o cântico de eras sem fim, e é muito proveitoso que ocupe a mente durante nossa curta estadia aqui. Nenhuma outra porção desse grandioso tema desafia tanto nossa mente na busca de qualquer grau que seja como o assunto que estudaremos nesta noite – “O Verbo Se fez carne, e habitou entre nós”. Tudo se fez por meio dEle; agora, Ele mesmo Se fez. Aquele que tinha toda a glória com o Pai, agora a deixa de lado e Se faz carne. Deixa de lado Seu modo divino de existência, e assume o modo humano, e Deus torna-Se manifesto na carne. Esta verdade é o próprio fundamento de todas as verdades.

Uma verdade auxiliadora

Jesus Cristo tornando-Se carne, Deus sendo manifesto na carne, constitui uma das verdades mais auxiliadoras, uma das mais instrutivas, a verdade acima de todas as verdades com a qual a humanidade se deve alegrar.

Desejo, nesta noite, estudar este assunto para nosso benefício pessoal e presente. Vamos tentar nos concentrar ao máximo, pois, a fim de compreender que o Verbo Se tornou carne e habitou entre nós, exige-se que empenhemos toda nossa capacidade mental. Primeiro, consideremos

que tipo de carne foi essa. Com efeito, esse é o próprio fundamento da questão, pois está pessoalmente relacionado conosco. Vejamos o que as Escrituras dizem:

Visto, pois, que os filhos têm participação comum de carne e sangue, destes também ele, igualmente, participou, para que, por sua morte, destruísse aquele que tem o poder da morte, a saber, o diabo, e livrasse todos que, pelo pavor da morte, estavam sujeitos à escravidão por toda a vida. Pois ele, evidentemente, não socorre anjos, mas socorre a descendência de Abraão. Por isso mesmo, convinha que, em todas as coisas, se tornasse semelhante aos irmãos, para ser misericordioso e fiel sumo sacerdote nas coisas referentes a Deus e para fazer propiciação pelos pecados do povo. Pois, naquilo que ele mesmo sofreu, tendo sido tentado, é poderoso para socorrer os que são tentados (Hb 2:14-18).

Para que Ele, mediante a morte, tendo sido feito sujeito à morte, tomando sobre Si a carne do pecado, pudesse, por meio de Sua morte, destruir aquele que tinha o poder da morte.

A King James Version diz: “Certamente Ele não tomou sobre Si a natureza dos anjos; mas tomou sobre Si a semente de Abraão” (Hb 2:16, KJV). A leitura da margem dessa mesma versão diz: “Ele não tomou posse de anjos, mas da semente de Abraão”. A Almeida Revista e Corrigida (ARC) diz: “Ele não tomou os anjos”; e a Almeida Revista e Atualizada (ARA) traduz da seguinte forma: “Ele, evidentemente, não socorre anjos”. Entendemos a razão nos versos a seguir:

Por isso mesmo, convinha que, em todas as coisas, Se tornasse semelhante aos irmãos, para ser misericordioso e fiel sumo sacerdote nas coisas referentes a Deus (Hb 2:17).

Ora, as promessas foram feitas a Abraão e ao seu descendente. Não diz: E aos descendentes, como se falando de muitos, porém como de um só: E ao teu descendente, que é Cristo (Gl 3:16).

Ora, verdadeiramente, Ele socorre a semente de Abraão, tornando-Se, Ele mesmo, semente de Abraão. Deus, enviando Seu único filho à

semelhança de carne pecaminosa, e pelo pecado, condenou o pecado na carne, para que a justiça da lei fosse revelada em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito (cf. Rm 8:3, 4).

Assim, vocês podem perceber que o que as Escrituras afirmam claramente é que Jesus Cristo teve exatamente a mesma carne que nós – a carne de pecado, carne na qual *nós* pecamos, na qual, entretanto, Ele não pecou; mas carregou *nossos* pecados nessa carne de pecado.¹ Não deixem de lado esse ponto. Sem levar em conta o modo como você considerou esse assunto no passado, considere agora como o exprime a Palavra; e quanto mais você enxergar o tema dessa maneira, mais razão terá para agradecer a Deus por assim haver ocorrido.

O pecado de Adão como tipo

Qual era a situação? Adão havia pecado, e sendo ele o cabeça da família humana, seu pecado era um pecado típico, ou seja, tinha um caráter representativo. Deus fez Adão à Sua própria imagem, mas, devido ao pecado, aquela imagem se perdeu. Adão então gerou filhos e filhas, mas os gerou à sua própria imagem, e não à imagem de Deus. Assim, descendemos dessa linhagem, porém todos nós somos feitos à imagem de Adão.

Durante quatro mil anos foi assim. Então veio Jesus Cristo, feito de carne, e na carne, nascido de mulher, nascido sob a lei; nascido do Espí-

¹ Ao discutir esse assunto, W. W. Prescott estava seguindo de perto os conceitos presentes no guia de estudos bíblicos *Bible Readings for The Home*, amplamente divulgado em sua época, e traduzido em língua portuguesa em 2006 sob o título *Estudos Bíblicos: Guia Completo de Orientação e Estudo das Escrituras Sagradas* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2006). Na verdade, este parágrafo do sermão de Prescott é quase uma transcrição exata dos comentários sob a pergunta de número seis do estudo “Vida sem Pecado”. A pergunta indaga: “Até que ponto partilhou Jesus de nossa humanidade comum?” Após citar Hebreus 2:17, o estudo tece os seguintes comentários: “Em Rom. 8:3 e 4, Paulo declara corretamente que Jesus Cristo possuía a mesma carne que nós, carne de pecado, carne na qual pecamos, na qual, entretanto, Ele não pecou; mas carregou nossos pecados nessa carne de pecado. Por haver nascido na mesma família humana, Jesus é meu irmão na carne; ‘por cuja causa não Se envergonha de lhes chamar irmãos’ (Heb. 2:11)” (p. 66).

rito, porém estando na carne.² E que carne poderia Ele tomar a não ser a carne da época? Além disso, essa foi exatamente a carne que Ele planejou assumir, pois a questão era ajudar a tirar o homem da dificuldade na qual ele havia caído; e o homem é um agente moral livre. Ele deve ser socorrido como agente moral livre. A obra de Cristo não devia ser destruir o homem, criando uma nova raça, mas sim recriar o homem, restaurando nele a imagem de Deus.

Vemos, todavia, aquele que, por um pouco, tendo sido feito menor que os anjos, Jesus, por causa do sofrimento da morte, foi coroado de glória e de honra, para que, pela graça de Deus, provasse a morte por todo homem (Hb 2:9).

Uma raça perdida e impotente

Deus fez o homem um pouco menor do que os anjos, mas o homem desceu ainda muito mais devido a seu pecado. Agora se encontra bem distante de Deus; contudo, deve ser trazido de volta novamente. Jesus Cristo veio para realizar essa obra; e, a fim de fazê-la, Ele veio, não para

² Esse ponto merece ser ressaltado. W. W. Prescott chama a atenção para o fato de que Cristo era “nascido do Espírito, porém estando na carne”. Em outras palavras, Cristo nasceu sem qualquer mancha de pecado em Sua natureza humana, mas ao mesmo tempo possuía uma “carne de pecado, [...] na qual [...] Ele não pecou” (ver nota 1). A dificuldade para entender esse ponto se deve ao fato de muitos crerem que não é possível viver uma vida santa, sem pecado, em uma natureza humana que possua a “carne de pecado”, ou seja, que possua uma “natureza pecaminosa”, entendida aqui como uma natureza susceptível ao pecado e às suas influências. Essa crença se baseia na premissa de que “carne de pecado” ou “carne pecaminosa” é sinônimo de corrupção moral inata ou inclinação para o mal que caracteriza uma vida de pecado. Se adotarmos esse ponto de vista sobre “carne pecaminosa”, torna-se um sacrilégio afirmar que Jesus Cristo possuía esse tipo de carne. No entanto, se entendermos o assunto de uma perspectiva puramente bíblica, ou seja, de que é possível viver uma vida de justiça apesar de se estar vivendo numa carne pecaminosa, não causamos opróbrio nenhum a Jesus se O reconhecermos como alguém que veio “em semelhança de carne pecaminosa” (Rm 8:3). Para uma discussão ampla sobre o assunto, envolvendo diferentes pontos de vista, ver Robert W. Olson, *A Humanidade de Cristo: Excertos dos Escritos de Ellen G. White* (São Paulo, SP: Centro de Pesquisas Ellen White, 1990); Woodrow W. Whidden, *Ellen White e a Humanidade de Cristo* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2009).

onde o homem se encontrava antes da queda, mas para onde este se achou após cair. Esta é a lição da escada de Jacó. Estava colocada sobre o terreno onde Jacó se encontrava. Contudo, sua parte mais alta alcançava o céu. Quando Cristo vem para tirar o homem do poço, Ele não chega à beira do poço e diz: “Suba até aqui, e Eu lhe ajudarei a retornar”. Se o homem pudesse se ajudar a retornar ao ponto de onde havia caído, poderia fazer todo o resto. Se pudesse socorrer-se a si mesmo um único passo, poderia socorrer-se na questão toda. Porém, pelo fato de o homem estar completamente arruinado, fraco, ferido e despedaçado, ou seja, completamente impotente, Jesus Cristo vai lá em baixo, onde o homem está, e o encontra ali. Ele toma a sua carne e Se torna seu irmão. Jesus Cristo é nosso irmão na carne, na carne: Ele nasceu nessa família.

“Um Filho se nos deu”

“Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigênito”. Ele tinha apenas um único Filho, e Ele O entregou. E para quem Ele O entregou? “Um menino nos nasceu, um filho se nos deu” (Is 9:6). O pecado causou uma mudança até mesmo no Céu, pois Jesus Cristo, por causa do pecado, tomou sobre Si a natureza humana, e hoje Ele veste essa natureza humana, e o fará por toda a eternidade. Jesus Cristo tornou-Se o Filho do Homem bem como o Filho de Deus. Ele nasceu em nossa família. Ele não veio como um ser angélico, mas nasceu na família, e cresceu nela; Ele foi uma criança, um adolescente, um jovem, um homem no completo vigor da vida, em nossa família. Ele é o Filho do homem, nosso parente, tendo a carne que nós temos.

Adão era o representante da família humana. Portanto, seu pecado foi um pecado representativo. Ao vir Jesus Cristo, veio para tomar o lugar em que Adão havia fracassado. “Pois assim está escrito: O primeiro homem, Adão, foi feito alma vivente. O último Adão, porém, é espírito vivificante” (1Co 15:45). O segundo Adão é o homem Cristo Jesus, e Ele desceu para unir a família humana com a família divina. Deus é mencionado como o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, de quem toma o nome toda família, tanto no Céu como sobre a terra. Jesus Cristo, o Filho do Deus vivo, veio, Ele próprio, para esta parte da família de Deus, a terrestre, a fim de que pudesse reavê-la, de modo que houvesse uma família reunida no Reino de Deus.

A família reunida

Ele veio e tomou a carne de pecado, a qual, devido ao pecado, a família terrestre trouxera sobre si, e operou, em favor deles, a salvação, condenando o pecado na carne.

Adão fracassou em sua posição e, pela ofensa de um, muitos foram feitos pecadores. Jesus Cristo Se entregou, não apenas por nós, mas para nós, unindo-Se à família, a fim de tomar o lugar do primeiro Adão, e reaver, como cabeça da família, o que havia sido perdido pelo primeiro Adão. A justiça de Jesus Cristo é uma justiça representativa, do mesmo modo como o pecado de Adão foi um pecado representativo. Jesus Cristo, como segundo Adão, reuniu em Si toda a família, a celestial e a terrestre.

Contudo, houve uma mudança desde que o primeiro Adão tomou sua posição, e a humanidade tornou-se uma humanidade pecaminosa. O poder da justiça foi perdido. Para redimir o homem do lugar onde caíra, Jesus Cristo vem e toma a própria carne possuída então pela humanidade. Ele vem em carne de pecado, ou seja, em carne pecaminosa e assume a situação onde Adão foi provado e falhou. Ele Se tornou, não simplesmente homem, mas tornou-Se carne; tornou-Se humano, e reuniu para Si próprio toda a humanidade, abraçando-a em Sua própria mente infinita e pondo-Se como representante de toda a família humana.

A primeira coisa em que Adão foi tentado foi a questão do apetite. Cristo veio e, após um jejum de quarenta dias, o Diabo O tentou a usar Seu poder divino para prover alimento para Si. Notem que foi em carne pecaminosa que Ele estava sendo tentado, e não na carne na qual Adão caíra. Esta verdade é maravilhosa, e fico maravilhado e feliz que seja assim. Segue-se, portanto, que, por nascimento, por haver nascido na mesma família humana, Jesus Cristo é meu irmão na carne, “por isso, é que ele não se envergonha de lhes chamar irmãos” (Hb 2:11). Ele entrou para a família, identificou-Se com a família, e é tanto o pai quanto o irmão da família. Como pai da família, Ele a defende. Veio redimi-la, condenando na carne o pecado, unindo a divindade com a carne de pecado. Jesus Cristo fez a conexão entre Deus e o homem para que o Espírito Divino pudesse descer sobre a humanidade. Ele preparou o caminho para a humanidade.

Ele carregou as nossas dores

Cristo veio para bem junto de nós. Não está a um passo de distância sequer de qualquer um de nós. Ele “tornando-se em semelhança de homens” (Fl 2:7). Agora, encontra-Se na semelhança do homem, e ao mesmo tempo mantém Sua divindade. Ele é o divino Filho de Deus. Consequentemente, pelo fato de Sua divindade ter se unido à humanidade, Ele irá restaurar o homem à semelhança com Deus. Jesus Cristo, tomando o lugar de Adão, tomou nossa carne. Tomou completamente o nosso lugar, a fim de que pudéssemos tomar o Seu lugar. Ele tomou nosso lugar com todas as consequências – e isso significou a morte – para que pudéssemos tomar o Seu lugar, com todas as consequências – e isto significa a vida eterna.

“Aquele que não conheceu pecado, Ele O fez pecado por nós; para que, nEle, fôssemos feitos justiça de Deus” (2Cor 5:21). Ele não era pecador, mas pediu a Deus que o tratasse como se fosse pecador para que nós, que éramos pecadores, pudéssemos ser tratados como se fôssemos justos. “Certamente, Ele tomou sobre Si as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre Si; e nós O reputávamos por aflito, ferido de Deus e oprimido” (Is 53:4). As dores que Ele tomou foram as nossas dores, e Ele Se identificou com a nossa natureza humana de forma tão real que levou sobre Si todas as dores e todas as enfermidades de toda a família humana. “Ele foi traspassado pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre Ele, e pelas Suas pisaduras fomos sarados” (Is 53:5). Aquilo que O feria nos curava, e Ele foi ferido para que fôssemos curados. “Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo caminho, mas o SENHOR fez cair sobre Ele a iniquidade de nós todos” (Is 53:6). Então Ele morreu, pois sobre Ele foi posta a iniquidade de todos nós. NEle não havia pecado algum, mas os pecados do mundo inteiro foram postos sobre Ele. Vejam o Cordeiro de Deus, que carrega os pecados do mundo inteiro: “E Ele é a propiciação pelos nossos pecados e não somente pelos nossos próprios, mas ainda pelos do mundo inteiro” (1Jo 2:2).

O preço pago em favor de cada pessoa

Gostaria que a mente de vocês captasse a verdade de que, quer a pessoa se arrependa ou não, ainda assim, Cristo levou suas enfermidades,

seus pecados, suas dores, e ela é convidada a colocá-los sobre Cristo. Se cada pecador do mundo se arrepender de todo o coração, e se voltar a Cristo, o preço já foi pago. Jesus não esperou que nos arrependêssemos antes de morrer por nós. “Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores”. “Nisto consiste o amor: não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou e enviou o seu Filho como propiciação pelos nossos pecados” (Rm 5: 8, ACF; 1Jo 4:10). Cristo morreu em favor de cada pessoa que se encontra aqui. Ele carregou suas enfermidades e levou suas dores. Ele simplesmente nos pede que as lacemos sobre Ele e deixemos que Ele as carregue.

Cristo, Justiça nossa

Além disso, cada um de nós estava representado em Jesus Cristo quando o Verbo se fez carne e habitou entre nós. Todos nós estávamos lá em Jesus Cristo. Todos nós estávamos representados em Adão segundo a carne; e quando Cristo veio como o segundo Adão, Ele tomou o lugar do primeiro Adão. Assim, todos nós estamos representados nEle. Ele nos convida a entrar para a família espiritual. Ele formou esta nova família, da qual Ele é a cabeça. Ele é o novo homem. NEle temos a união do divino com o humano.

Nessa nova família, cada um de nós está representado:

E, por assim dizer, também Levi, que recebe dízimos, pagou-os na pessoa de Abraão. Porque aquele ainda não tinha sido gerado por seu pai, quando Melquisedeque saiu ao encontro deste (Hb 7:9).

Quando Melquisedeque saiu ao encontro de Abraão, ao este retornar com os despojos, Abraão pagou-lhe a décima parte de tudo que trazia. Levi ainda não havia sido gerado por Abraão, seu pai, mas pelo fato de ser ele seu descendente, aquilo que foi feito por Abraão, as Escrituras nos declaram que Levi o fez, em Abraão. Levi descendeu de Abraão segundo a carne. Ele não era nascido quando Abraão pagou o dízimo. Mas ao Abraão pagar o dízimo, Levi também o pagou. É exatamente assim que acontece nessa família espiritual. O que Cristo fez como o cabeça dessa nova família, nós o fizemos nEle. Ele foi nosso representante. Ele Se tornou carne, Ele Se tornou nós mesmos.

Ele não Se tornou simplesmente um homem, mas tornou-Se carne, e cada pessoa que nascesse em Sua família estava representada em Jesus Cristo quando Ele viveu aqui em carne. Podemos perceber, portanto, que todos os que se unem a essa família recebem crédito por tudo o que Cristo fez, como tendo sido feito por eles em Cristo. Cristo não era um representante separado deles, desconectado deles. Na verdade, assim como Levi pagou o dízimo em Abraão, assim também todos os que haveriam de nascer nessa família espiritual fizeram o que Cristo fez.

O novo nascimento

Veja o que essa verdade significa com referência ao sofrimento vicário (ou substitutivo). Não que Cristo tenha vindo de fora, e tomado nosso lugar como um intruso. Ao unir-Se conosco mediante Seu nascimento, toda a humanidade foi unida sob o Líder divino, Jesus Cristo. Ele padeceu na cruz. Assim, em Jesus Cristo, a família inteira foi crucificada. “Pois o amor de Cristo nos constrange, julgando nós isto: um morreu por todos; logo, todos morreram” (2Co 5:14).

O que precisamos em nossa própria experiência é compreendermos o fato de que realmente morremos nEle. Por outro lado, embora seja verdade que Jesus Cristo pagou o preço total, carregou toda dor, assumiu a própria humanidade, é verdade também que homem algum recebe benefícios da condescendência de Jesus a menos que O receba, a menos que nasça de novo. Apenas os que nascem duas vezes podem entrar no reino de Deus. Todos nós que nascemos na carne, devemos nascer novamente, nascer do Espírito, a fim de sermos beneficiados pelo que Jesus Cristo fez na carne, a fim de que estejamos realmente nEle.

A obra de Cristo é a de colocar em nós o caráter de Deus; e, nesse meio tempo, Deus olha para Cristo e para Seu perfeito caráter em vez de olhar para nosso caráter pecaminoso. No exato momento em que nos esvaziamos, ou permitimos a Cristo nos esvaziar de nosso eu, e cremos em Jesus Cristo e O recebemos como nosso Salvador pessoal, Deus realmente olha para Ele como nosso representante pessoal. Assim, Ele não vê a nós e a nossos pecados; Ele vê a Cristo.

Nosso Representante nas cortes celestiais

“Porque há um só Deus, e um só Mediador entre Deus e os homens, o homem Jesus Cristo” (1Tm 2:5, Almeida Antiga). No Céu, agora, existe um homem – o homem Jesus Cristo – que possui a nossa natureza humana; contudo, não mais com uma carne de pecado, mas a glorificada. Tendo vindo aqui e vivido em carne de pecado, Ele morreu; e no que Ele morreu, morreu para o pecado; e quanto a viver, vive para Deus. Por ocasião de Sua morte, livrou-Se Ele da carne de pecado, e ressuscitou glorificado. Jesus Cristo veio aqui como nosso representante. Ele trilhou Seu caminho de volta ao Céu como membro da família: morreu para o pecado e ressuscitou glorificado. Viveu como o Filho do homem, cresceu como o Filho do homem, subiu como o Filho do homem. Hoje, Jesus Cristo, nosso próprio representante, nosso próprio irmão, o homem Cristo Jesus, está no Céu, vivendo para interceder por nós.

Ele passou por cada uma de nossas experiências. Será que Ele não conhece o significado da cruz? Subiu ao Céu mediante a senda da cruz, e diz: “Venham”. Foi isso que Cristo fez ao tornar-Se carne. Nossa mente humana fica chocada diante dessa questão. Como expressar em linguagem humana o que foi feito por nós, quando “o Verbo Se fez carne e habitou entre nós”? Como expressar o que Deus nos deu? Ao dar Seu filho, entregou o dom mais precioso do Céu, e O entregou para nunca mais tomá-Lo de volta. Por toda a eternidade o Filho do homem levará em Seu corpo as marcas feitas pelo pecado. Para sempre será Ele Jesus Cristo, nosso Salvador, nosso Irmão mais velho. Isso é o que Deus fez por nós ao nos entregar Seu filho.

Cristo Se identificou conosco

Esta união do divino com o humano trouxe Jesus Cristo para bem perto de nós. Não há uma pessoa sequer que esteja tão rebaixada que Cristo não possa estar com ela. Ele Se identificou completamente com esta família humana. No juízo, quando as recompensas e punições forem repartidas, Ele declara: “Sempre que o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes” (Mt 25:40). Cristo olha para cada membro da família humana como sendo Seu. Quando

a humanidade sofre, Ele sofre. Ele é a humanidade. Uniu-Se a essa família. É o nosso cabeça; e quando, em qualquer parte do corpo, há uma pontada de dor, a cabeça a sente. Ele uniu-Se a nós, unindo-nos, assim, a Deus, pois lemos nas Escrituras: “Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho, e Ele será chamado pelo nome de Emanuel (que quer dizer: Deus conosco)” (Mt 1:23).

Unidade em Cristo

Dessa forma, Jesus Cristo uniu-Se à família humana para que pudesse estar *conosco* ao estar *em* nós, da mesma maneira que Deus estava com Ele por estar nEle. A própria finalidade de Sua obra era que Ele estivesse em nós, e que, por ser o representante do Pai, os filhos, o Pai, e o Irmão mais velho pudessem nEle estar unidos.

Vejamos qual era o Seu desejo em Sua última oração:

A fim de que todos sejam um; e como és Tu, ó Pai, em Mim e Eu em Ti, também sejam eles em Nós; [...] Eu lhes tenho transmitido a glória que Me tens dado, para que sejam um, como Nós o somos; Eu neles, e Tu em mim, a fim de que sejam aperfeiçoados na unidade, para que o mundo conheça que Tu Me enviaste e os amaste, como também amaste a Mim. Pai, a Minha vontade é que onde Eu estou, estejam também comigo os que Me deste, para que vejam a Minha glória que Me conferiste, porque Me amaste antes da fundação do mundo. Pai justo, o mundo não Te conheceu; Eu, porém, Te conheci, e também estes compreenderam que Tu Me enviaste. Eu lhes fiz conhecer o Teu nome e ainda o farei conhecer, a fim de que o amor com que Me amaste esteja neles, e Eu neles esteja (Jo 17:21-26).

E as últimas palavras de Sua oração foram: “A fim de que o amor com que Me amaste esteja neles, e Eu neles esteja” (Jo 17:26). E enquanto estava subindo, Suas palavras de despedida a Seus discípulos foram: “E eis que estou convosco todos os dias até o fim do mundo” (Mt 28:20). Estando em nós, Ele está sempre conosco, e para que isto pudesse ser possível – para que pudesse estar em nós – Ele veio e tomou nossa carne.

Essa também é maneira pela qual a santidade de Jesus opera. Ele possuía uma santidade que O habilitou a vir e habitar em carne pecaminosa, bem como glorificar a carne pecaminosa por Sua presença nela. Isso é o que Ele fez. Portanto, ao ressuscitar dentre os mortos, Ele foi glorificado. Seu propósito era que, tendo purificado a carne pecaminosa por nela haver habitado, pudesse então vir e purificar, em nós, a carne pecaminosa, e glorificar, em nós, a carne pecaminosa. Paulo assim se expressa:

[Ele] transformará o nosso corpo de humilhação, para ser igual ao corpo da Sua glória, segundo a eficácia do poder que Ele tem de até subordinar a Si todas as coisas (Fl 3:21).

Porquanto aos que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de Seu Filho, a fim de que Ele seja o primogênito entre muitos irmãos (Rm 8:29).

A eleição da graça

Permita-me dizer que a questão toda da predestinação está vinculada nessa ideia. Existe uma predestinação: é uma predestinação do caráter. Existe uma seleção: é uma seleção do caráter. Todo aquele que crê em Jesus Cristo é eleito, e a totalidade do poder de Deus está por detrás dessa eleição, para que a pessoa receba a imagem de Deus. Recebendo essa imagem, ela está predestinada para toda a eternidade no reino de Cristo. Todos, porém, que não recebem a imagem de Deus estão predestinados à morte. Trata-se de uma predestinação de Deus em Cristo Jesus. Cristo fornece o caráter, e o oferece a quem quer que acredite nEle.

O âmago e o princípio vital do Cristianismo

Experimentemos, pois, o fato de que Deus entregou Jesus Cristo a nós a fim de que habitasse em nossa carne pecaminosa, visando a operar em nossa carne pecaminosa aquilo que Ele operou quando esteve aqui. Aqui veio e aqui viveu para que pudéssemos, por meio dEle, refletir a imagem de Deus. Essa verdade constitui o próprio

âmago do Cristianismo. Qualquer coisa contrária a isso não é cristianismo. Leiamos o que João diz:

Amados, não deis crédito a qualquer espírito; antes, provai os espíritos se procedem de Deus, porque muitos falsos profetas têm saído pelo mundo fora. Nisto reconheceis o Espírito de Deus: todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus; e todo espírito que não confessa a Jesus não procede de Deus (1Jo 4:1-3).

Ora, isso não significa apenas reconhecer que Jesus Cristo esteve aqui e viveu na carne. Os demônios reconheceram esse fato. Eles sabiam que Cristo havia vindo na carne. A fé que vem do Espírito de Deus diz: “Jesus Cristo veio na minha carne; Ele habita na minha carne; eu O recebi”. Este é o âmago e o princípio vital do cristianismo.

O problema com o cristianismo de hoje é que Cristo não habita no coração dos que professam Seu nome. É como um estranho, alguém que é contemplado de longe, como um exemplo. Mas Ele é mais que um exemplo para nós. Ele nos revelou qual é o ideal de Deus para a humanidade, e então, veio e viveu esse ideal aos nossos olhos, para que pudéssemos ver o significa ser à imagem de Deus. Então morreu e subiu para Seu Pai, enviando Seu Espírito, Seu próprio representante para viver em nós, a fim de que a vida que Ele viveu na carne possa ser vivida novamente por nós. Isso é cristianismo.

Cristo precisa habitar no coração

Não é suficiente falar de Cristo e da beleza de Seu caráter. Cristianismo que não tenha Cristo habitando no coração não é cristianismo genuíno. O verdadeiro cristão é unicamente aquele em cujo coração Cristo habita. E somente poderemos viver a vida de Cristo ao Ele habitar em nós. Ele anseia que tomemos posse da vida e poder do cristianismo. Não se dê por satisfeito com nada menos que isso. Nem dê ouvidos a qualquer pessoa que lhe dirija por outro caminho. “Cristo em vós, a esperança da glória” (Cl 1:27). Seu poder, Sua presença habitando no íntimo, isso é Cristianismo. É disso que precisamos agora; e agradeço a Deus por haver corações que anseiam por esta experiência, e que a reconhecerão quando vier. Não faz a mínima diferença qual tenha sido seu nome ou a que

igreja você tenha pertencido. Reconheça a Jesus Cristo e permita que Ele habite em você. Ao seguirmos por onde Ele nos guiar, saberemos o que significa o cristianismo por experiência própria, e o que significa habitar na luz de Sua presença. Garanto a vocês: esta é uma verdade maravilhosa. A linguagem humana é incapaz de adicionar, seja em palavras ou pensamentos, ao que é declarado nesta frase: “O Verbo se fez carne, e habitou entre nós”. Esta é a nossa salvação.

O objetivo deste sermão não é meramente introduzir uma sequência de ideias. Em vez disso, tem como objetivo trazer a nossa alma uma nova vida, expandindo nossas ideias acerca da Palavra de Deus e de Seu dom a fim de habilitar-nos a compreender Seu amor por nós. É disso que precisamos. Nada menos que isso será suficiente em face do que temos de enfrentar – o mundo, a carne, e o diabo. Entretanto, Aquele que é por nós é mais poderoso do que aquele que é contra nós. Tenhamos, pois, em nossa vida diária, a Jesus Cristo – “o Verbo”, que “Se fez carne”.

Sermão 5



A Fé de Jesus, os Mandamentos de Deus e a Paciência dos Santos

The Bible Echo, 20 e 27 de janeiro de 1896,
pregado em 2 de novembro de 1895

“**A**qui está a paciência dos santos; aqui estão os que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus” (Ap 14:12, Almeida Antiga). Neste estudo agora, vamos reverter a ordem e dizer: aqui estão os que guardam a fé de Jesus e os mandamentos de Deus. Aqui está a paciência dos santos. A fim de podermos guardar o que quer que seja, a primeira coisa que precisamos fazer é obtê-lo. Assim, antes de podermos guardar a fé de Jesus, precisamos obtê-la. A fé é o dom de Deus, e ninguém necessita dizer que não pode tê-la. Paulo diz:

Porque, pela graça que me foi dada, digo a cada um dentre vós que não pense de si mesmo além do que convém; antes, pense com moderação, segundo a medida da fé que Deus repartiu a cada um (Rm 12:3).

Ninguém precisa dizer que não consegue ter fé, pois ela lhe foi concedida por Deus. Deus concede a fé, e a parte que nos corresponde consiste em exercitar esta fé. Assim como, no corpo físico, o exercício produz crescimento, se exercitarmos a fé que possuímos, ela crescerá.

Você verá que esta é a mensagem final, pois o próximo evento que João viu foi um “um semelhante ao Filho do homem, que tinha sobre a Sua cabeça uma coroa de ouro, e na Sua mão uma foice aguda” (Ap 14:14, ACF). O que ele viu logo antes de ser revelado o Salvador? Aqueles

que guardam os mandamentos de Deus. Os mandamentos e ensinamentos de homens foram introduzidos para tomar o lugar dos mandamentos de Deus. No entanto, haverá um povo sobre a Terra, justamente antes da volta de Cristo, que guardará os mandamentos de Deus e não será levado pelas tradições e ensinamentos de homens.

O que é a fé de Jesus?

Esse povo também possuirá a fé de Jesus. Nesta época, muito se comenta acerca da fé, mas o assunto ainda não se esgotou. Esta será a fé de Jesus, em claro contraste com a fé do Diabo. Aqui estão os que guardam os mandamentos de Deus em lugar dos mandamentos de homens, e têm a fé de Jesus em vez da fé de Satanás. Que é a fé do Diabo? Ela é mencionada em Tiago 2:19: “Tu crês que há um só Deus? Fazes bem; também os demônios o creem e estremecem” (ARC). Quando Jesus aqui esteve, na carne, os demônios lhe disseram: “Bem sei quem és: o Santo de Deus”. O Diabo crê que Deus existe. Ele sabe que isso é verdade, e treme por isso. Porém, não tem a fé de Jesus. Ele tem a fé que concorda com a verdade sobre determinado fato. Podemos crer que Jesus Cristo é o Filho unigênito de Deus; crer que o sangue de Jesus Cristo é capaz de purificar de todo pecado; podemos crer que todas as afirmações da Bíblia são verdadeiras; e, ainda assim, não ter a fé de Jesus. Podemos crer no credo da Igreja, que diz: “Creio em um só Deus, o Pai Todo-Poderoso, Criador dos Céus e da Terra, e em Seu único Filho, Jesus Cristo nosso Senhor”. Podemos confessar tudo isso, crer nisso como um fato, e, contudo, não ter a fé de Jesus.

O que é a fé de Jesus em contraste com a fé do Diabo? Vamos buscar a resposta na Palavra de Deus. Ao aproximar-Se do túmulo de Lázaro e ordenar ao morto, dizendo: “Lázaro, vem para fora”, Jesus sabia que estava pronunciando a Palavra de Deus. Disso Ele tinha certeza, pois falava continuamente as palavras de Deus. “A palavra que estais ouvindo”, diz Ele, “não é Minha, mas do Pai, que Me enviou” (Jo 14:24). Ele sabia que a Palavra de Deus tinha o poder de realizar o que Ele havia dito, e que Lázaro sairia. Em outras palavras, a fé de Jesus é aquela que crê que a Palavra de Deus cumprirá o que diz. Ela simplesmente permite que a Palavra de Deus seja verdadeira.

Portanto, a Palavra de Deus é verdadeira, quer creiamos ou não. João declara: “Outra vez vos escrevo um mandamento novo, que é verdadeiro nEle e em vós” (1Jo 2:8, ARC). O propósito da Palavra de Deus é ser verdade em nós. A Palavra era verdade em Jesus Cristo, e Ele era o verdadeiro representante da Palavra. Ele *era* o que quer que a Palavra dissesse. E se a Palavra de Deus for verdade em nós, ela nos fará semelhantes a Cristo. Temos fé na Palavra de Deus quando cremos que ela é viva, que tem poder para transformar nosso caráter e operar em nós o que nela está escrito.

Fé na Palavra

Este é o tipo de fé que Jesus aprovou. No evangelho de Mateus, lemos:

Tendo Jesus entrado em Cafarnaum, apresentou-Se-lhe um centurião, implorando: Senhor, o meu criado jaz em casa, de cama, paralítico, sofrendo horrivelmente. Jesus lhe disse: Eu irei curá-lo. Mas o centurião respondeu: Senhor, não sou digno de que entres em minha casa; mas apenas manda com uma palavra, e o meu rapaz será curado. Pois também eu sou homem sujeito à autoridade, tenho soldados às minhas ordens e digo a este: vai, e ele vai; e a outro: vem, e ele vem; e ao meu servo: faze isto, e ele o faz. Ouvindo isto, admirou-Se Jesus e disse aos que o seguiam: Em verdade vos afirmo que nem mesmo em Israel achei fé como esta (Mt 8:5-10).

Ali estava o centurião, um comandante de cem homens no exército romano. Ele diz a Jesus: fale a palavra. Isso é tudo que você precisa fazer.

Digamos que a autoridade romana é o César, que o nome do centurião é Júlio, e o do soldado, Alexandre. Júlio diz a Alexandre: “Vai;” mas Alexandre diz: “Que direito você tem de me mandar ir? Quando estiver pronto, eu vou”. Esse é Júlio conversando com Alexandre, sem levar em conta a questão de autoridade. Mas o centurião Júlio diz ao soldado Alexandre: “Vai,” e o soldado atende prontamente, pois Júlio está falando como representante de César, e, na realidade, é César falando. Então, percebe-se a diferença entre um *homem* falando a outro *homem*, e um *centurião* falando a um

soldado. O soldado vai, porque todo o poder do império romano dá respaldo à palavra do centurião.

E o centurião disse a Cristo: Percebo que você, Jesus de Nazaré, está aqui, e que está sob autoridade, representando Deus. Quando você fala, não é o Jesus filho de José quem está falando, mas o Filho de Deus; e sei que a palavra que você fala é a palavra de Deus, e que nela há poder. Esse é o tipo de fé que Cristo aprova. O centurião estava convicto de que Cristo não era apenas o filho do carpinteiro, mas o Filho do Deus vivo, e cria que toda a autoridade de Deus encontrava-se na palavra por Ele dita.

“A fé vem pelo ouvir”, e não teremos proveito em falar de fé independentemente da Palavra de Deus. O fato de desejarmos algo de todo nosso coração, não constitui a mínima evidência de que isso ocorrerá. Fé é confiança na Palavra de Deus, dependência da Palavra de Deus, deixar que a Palavra de Deus seja verdade. Fé é enxergar Cristo em Sua Palavra como o poder do Deus vivo, e crer de todo o coração que Ele cumprirá o que disse. Fé não é sentimentalismo, não é meramente crer que algo é verdade. A fé inclui submeter-se e ceder completamente à Palavra de Deus. Verifique se você tem a fé de Jesus ou a fé do Diabo. Satanás acredita que a Bíblia é verdadeira, acredita nisso mais plenamente do que muitos que fazem alta profissão de fé! Ele sabe que a Bíblia é totalmente verdadeira. Sabe que ela é verdade, mas não permite que ela seja verdade nele. Ele é uma mentira. Toda sua vida é uma mentira. Ele é mentira do começo ao fim, e assim são todos cujo caráter seja semelhante ao dele, e cuja fé não vai além da dele. Nosso próprio caráter é uma mentira se não estiver em harmonia com a Palavra de Deus.

Antes de ser convertida, a pessoa tem a oportunidade de dizer: “Sou verdadeira, sou justa”, e assim fazer de Deus um mentiroso. Por outro lado, poderá dizer: “Unicamente Deus é verdadeiro”, fazendo de si mesma uma mentirosa. As Escrituras declaram: “Seja Deus verdadeiro, e mentiroso, todo homem” (Rm 3:4). Cada pessoa não convertida deve escolher entre chamar Deus de mentiroso, ou admitir que ela mesma é mentirosa. Pecado é ser falso, e é isso que torna o Diabo completamente falso, pois ele peca desde o princípio. Ele é mentiroso e o pai da mentira. Deus declara que “todos

pecaram e carecem da glória de Deus” (Rm 3:23). Devemos permitir que Ele seja verdadeiro, e devemos dizer: “Eu pequei”. Mas quando experimentamos isso dessa maneira, há algo mais a ser dito. Ao vir Natan a Davi para reprová-lo por seu pecado, dizendo-lhe: “Tu és o homem”, Davi lhe respondeu: “Pequei contra o Senhor. E Natan lhe disse: Também o Senhor te perdoou o teu pecado; não morrerás” (2Sm 12:13). Permita que a palavra de Deus seja verdadeira. Quando o Senhor diz: “Você pecou e carece da glória de Deus”, responda: “Eu pequei”. Ao fazermos essa confissão, Ele nos responde: “Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça” (1Jo 1:9). Ao que devemos responder: “Assim é, e que a Palavra de Deus seja verdade em nós”. Dessa forma, continuaremos a dizer “amém” não apenas em palavras, mas em nossa vida. Isso é fé, uma fé viva, divina.

Fé na Palavra resulta em reforma

Essa fé conduziu à Reforma do século 16. É também a fé que deve operar a reforma do século 19. Nos tempos de Lutero, a igreja havia enterrado a Palavra de Deus, e estava dando ao povo um ensinamento que ela própria criara, do mesmo modo como o faz nos dias atuais de maneira tão abrangente. A obra de Lutero era trazer ao povo a Palavra, e permitir que se alimentassem dela. Em seus escritos, a Palavra de Deus é vista constantemente nos escritos de Lutero. Fé na Palavra de Deus – aquela fé que crê na Palavra de Deus a despeito de qualquer circunstância exterior – resultou na Reforma. Seremos testados nesse mesmo ponto. A Palavra nos afirma que milagres serão efetuados com o fim de sustentar a mentira. Os que dependem de circunstâncias externas, como evidência de sua aceitação para com Deus, são exatamente os mesmos que estão se preparando para se tornarem cativos do Diabo quando este bem o desejar. Ele pode produzir sinais externos. A Palavra afirma que ele fará fogo descer do céu à vista dos homens.

Quando a Terra for removida, sobre o que nos apoiaremos? A Palavra de Deus será o único fundamento seguro. Contudo, se não aprendermos a permanecer inabaláveis sobre a Palavra, não estaremos preparados para nos expor ao perigo naquele dia, e faremos parte do

grupo que se achega perante o Senhor com medo. Precisamos nos acostumar a viver na presença de Deus, a ver Aquele que é invisível, e, assim, quando Ele se tornar visível, não teremos nenhum medo. Esta é a fé de Jesus: a fé que crê que a Palavra de Deus é verdadeira, que permite que a Palavra de Deus opere com todo seu poder em nós, e que se submete inteiramente a esse processo. Nenhum homem pode ter fé em Jesus se não estiver disposto a abandonar tudo por Ele. Ele tudo nos deu, e tudo exige.

Vamos fazer um acróstico com a palavra “fé” [em inglês: *faith*]. Isso pode ajudar a gravar essas ideias em nossa mente:

F – *Forsaking*, Abandonando

A – *All*, Tudo

I – *I*, Eu

T – *Take*, Recebo

H – *Him*, a Ele

A fé de Jesus significa: Abandonando Tudo, Eu Recebo a Ele e permito que Ele seja verdadeiro em mim. Ser uma pessoa santa é simplesmente ser uma pessoa verdadeira. Ser um pecador é simplesmente ser um mentiroso. Cristo é a Testemunha fiel e verdadeira. Cristo é a Videira verdadeira. Tudo de Cristo é verdadeiro. Ser igual a Cristo é ser verdadeiro; ser diferente de Cristo é ser falso.

Guardando os mandamentos

Agora, vamos considerar o outro conceito: “Aqui estão os que guardam os mandamentos de Deus”. Assim como se dá com a fé, o mesmo ocorre com os mandamentos. Em outras palavras, antes de podermos guardá-los, precisamos recebê-los. Como recebemos os mandamentos? Da mesma maneira que recebemos a fé – Deus precisa dá-los a nós. Leiamos o que dizem as Escrituras:

Porque esta é a aliança que firmarei com a casa de Israel, depois daqueles dias, diz o Senhor: na sua mente imprimirei as minhas

leis, também sobre o seu coração as inscreverei; e eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo (Hb 8:10).

Ele precisa nos dar os mandamentos antes que os possamos guardar, e deve dá-los a nós a Seu próprio modo, escrevendo-os em nosso coração. Paulo esclarece esse ponto:

Porque já é manifesto que vós sois a carta de Cristo, ministrada por nós e escrita não com tinta, mas com o Espírito do Deus vivo, não em tábuas de pedra, mas nas tábuas de carne do coração (2Co 3:3, ARC).

Os mandamentos foram primeiro escritos pelo dedo de Deus nas tábuas de pedra, prefigurando assim a obra do Espírito de Deus de escrevê-los no coração. Compare estes dois versos:

Se, porém, eu expulso demônios pelo Espírito de Deus, certamente é chegado o reino de Deus sobre vós (Mt 12:28).

Se, porém, eu expulso os demônios pelo dedo de Deus, certamente, é chegado o reino de Deus sobre vós (Lc 11:20).

Um diz “dedo de Deus”, e o outro “Espírito de Deus”. Deus escreveu com Seu próprio dedo sobre as tábuas de pedra, e declara que escreverá Seus mandamentos em nosso coração, não com tinta, mas com o Espírito do Deus vivo. Isso foi profetizado quando Ele os escreveu sobre pedra. Além disso, assim como Ele os escreveu em pedra, agora os escreve com Seu Espírito. Sua escrita em nosso coração deve ser tão eterna quanto Sua escrita na pedra. Aquele que faz a vontade de Deus permanece eternamente. Aquele que guarda as Suas palavras nunca morrerá.

A Palavra de Deus é a própria vida de Deus; e essa Palavra, estando em nosso coração, nos guardará pela eternidade. A Palavra de Deus, escrita mediante o Espírito de Deus sobre as tabuas do coração, nunca será mudada. É o caráter dEle. Mas Deus jamais coloca alguma coisa em nosso coração – e jamais permite que o Diabo o faça – para que ali fique, a menos que o consintamos. Deus jamais escreverá Sua lei em nosso coração sem o nosso consentimento. Vamos, então, supor que Deus

está fazendo Sua obra de escrever Sua lei em nosso coração. Ele escreve: “Não terás outros deuses diante de Mim” (Êx 20:3), e você diz: “Estou de acordo”. Ele continua escrevendo:

Não farás para ti imagem de escultura, nem semelhança alguma do que há em cima nos céus, nem embaixo na terra, nem nas águas debaixo da terra. Não as adorarás, nem lhes darás culto; porque Eu Sou o SENHOR, teu Deus, Deus zeloso, que visito a iniquidade dos pais nos filhos até à terceira e quarta geração daqueles que Me aborrecem e faço misericórdia até mil gerações daqueles que Me amam e guardam os Meus mandamentos (Êx 20:4-6).

E você diz: “Está certo”. Ele escreve o terceiro mandamento, e novamente você diz: “Eu o aceito”. Então Ele começa a escrever o quarto, e você se assusta e diz: “Ah, não! Não escreva esse. Não posso permitir a entrada desse”. O que acontece então? Ele para de escrever; e por sua recusa em deixar que Ele escreva o quarto mandamento, você apaga aquilo que Ele já escreveu, e a lei de Deus é removida de seu coração. Ele não escreve uma parte de Sua lei em nosso coração se não estivermos de acordo. Devemos estudar a lei em Jesus Cristo, o qual guardou os mandamentos de Seu Pai, e, então, devemos nos submeter a ela, para que a própria vida que foi manifesta em Jesus Cristo também seja manifesta em nós. É mais uma questão de submissão, permitindo que essa vida manifeste-se a si mesma e não que que nós mesmos a manifestemos.

Cristo – a Lei Viva

O escrever a lei no coração consiste simplesmente em ter Cristo habitando em nós. Cristo era a lei viva, a lei em vida. O Espírito de Cristo é o Espírito daquela vida divino-humana que viveu em obediência aos mandamentos de Deus. É esse Espírito que Ele coloca sobre nós, Seu outro eu, habitando em nós. A Lei de Deus é ministrada pelo Espírito de Deus. Ao entrar ela no coração, é o próprio Cristo que está entrando; é “Cristo em vós, a esperança da glória” (Cl 1:27). E quando Cristo entra em nosso coração, Ele é a lei viva, a lei de Deus demonstrada em caráter. Cristo habitando em nosso coração significa introduzir em nossa vida o caráter de Deus. Guardar os mandamentos de Deus significa manifestar o caráter de Jesus Cristo.

Falemos um pouco sobre a obediência aos mandamentos de Deus. Guardar os mandamentos de Deus significa obedecer a eles. Contudo, há incontáveis *esforços* feitos para lhes prestar obediência que não podem ser considerados *guarda* dos mandamentos. A justiça, porém, não vem pela lei. Algumas pessoas penduram a lei na parede, a leem repetidas vezes, e então tentam cumprir o que ela diz. Estes fazem tudo que se possa imaginar, mas não conseguem guardá-la. Por quê? Porque eles a colocam lá em cima. E não é lá que Deus a coloca. Ele declarou que vai colocá-la em seu coração, e é ali que você deve mantê-la. “Do coração procedem as fontes da vida”. Você acha que homicídios podem proceder de um coração onde está escrita a lei de Deus? Jesus nos revelou o que existe no coração natural:

Porque de dentro, do coração dos homens, é que procedem os maus desígnios, a prostituição, os furtos, os homicídios, os adultérios, a avareza, as malícias, o dolo, a lascívia, a inveja, a blasfêmia, a soberba, a loucura (Mc 7:21, 22).

É isso que Deus vê no coração natural, mas será que o homem enxerga tudo isso? “Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e desesperadamente corrupto” (Jr 17:9). Alguém pode dizer: “Não sou um assassino, sou uma pessoa honesta. Vou à igreja regularmente e nada dessas coisas estão em meu coração”. Mas são exatamente essas coisas que estão ali presentes. Se Cristo não estiver no coração, tendo expulsado tais coisas, elas já entraram e profanaram o templo da alma.

Portanto, ao Cristo entrar, sendo Ele a lei viva, essa lei é escrita nas tabuas do coração. Entrando Ele, todos os males do coração natural são lançados fora por Sua santa presença. Ao nos submetermos a Ele, Cristo escreve Sua lei em nosso coração e vida. A religião não pode ser transmitida meramente como uma teoria. Religião é vida. Cristo escreve Sua lei em nosso coração escrevendo-a em nossa vida. Quando isso acontece, homicídios e enganos são expulsos! É isso que significa escrever a lei no coração. Isso significa receber a própria vida de Cristo como nossa vida, de maneira que nossa vida se torna uma manifestação da dEle.

É um grande erro pensar que guardar os mandamentos de Deus significa tomarmos a lei, olharmos para ela, e, então, em nossa mente, resolvermos cumpri-la. Isso só pode resultar em fracasso e desânimo. Unicamente ao

vermos que a divina lei que devemos receber é Cristo, e O recebemos, é que a lei é escrita em nosso coração, e nossa vida entra em harmonia com ela. A lei do Senhor é santa, justa e boa. Não podemos tornar santa nossa vida, mas Cristo pode fazê-lo por nós. Quem dera pudéssemos enxergar, em sua verdadeira luz, o privilégio de vivermos em harmonia com a lei de Deus. É o privilégio de ser como Cristo, de ter uma vida verdadeira, de estar em comunhão com Deus, que criou todas as coisas por meio de Jesus Cristo. O grande privilégio da humanidade é viver em harmonia com a lei de Deus.

O propósito da vida de Cristo na Terra

Todo o propósito de Cristo foi mostrar a perfeição da lei de Deus, e tornar possível que vivêssemos em harmonia com ela. Tendo diante de nós a vida e o ensinamento de Cristo para nos mostrar o significado da lei de Deus, é completamente surpreendente que tantos permitam que o Diabo os engane, privando-lhes de aproveitar o privilégio de viver em harmonia com a lei de Deus. Ser como Cristo, ser como Deus, viver a verdadeira vida, ser elevado, ser posto em comunhão com Deus, isso tudo é realmente um privilégio. Há pessoas que dizem: “Mas se eu viver em harmonia com a lei de Deus, vou perder meu status financeiro, e o que será de minha família?” Convém lembrar, no entanto, que não há nada que possa sobrevir aos que estão em harmonia com a lei de Deus, salvo o que Ele permitir. Se Deus tirar algo de nós, é somente para dar-nos em troca algo melhor. Talvez não signifique que teremos mais dinheiro, mas que importa? Porventura Deus não cuida de Seus filhos? “Buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas” (Mt 6:33). É isso o que Deus diz. “Seja Deus verdadeiro, e mentiroso, todo homem”. A fé faz com que a Palavra de Deus seja verdadeira. Ela crê no que Ele diz, não considerando nada além da Palavra de Deus.

Deus cuida dos que Lhe são leais

Deus está cuidando de Seu povo nos dias atuais. Há abundante evidência de que os que guardam o sétimo dia, mesmo nos dias difíceis atuais, estão mais bem situados financeiramente do que a média da população. Deus cuidará de todos os que são fiéis a Ele. Ele nos prepara uma mesa no deserto a fim de nos mostrar que, se necessário, pode nos trazer pão do Céu e água da rocha. Confie que Deus o fará. O tempo

está bem diante de nós em que precisaremos confiar em Jesus Cristo e em Sua palavra para nos manter vestidos e alimentados, para nos manter temporal e espiritualmente. E unicamente os que estiverem escondidos em Jesus Cristo estarão seguros. Está acontecendo literalmente, e os que não confiam em Jesus Cristo perecerão. Deus está nos alertando, tentando salvar as pessoas da destruição que está por vir. Agora, nossa única salvaguarda está em nos submetermos a Ele em todas as coisas. “Aqui estão os que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus” (Ap 14:12, ACF).

Guardando a Lei em Cristo

Apesar de não podermos guardar os mandamentos até que os tenhamos, isso não significa que os preceitos da lei não serão vividos em nossas vidas. É exatamente isso que ocorrerá. Homem algum é capaz de fazê-lo por si mesmo. Contudo, devemos *receber* a lei de Deus em Jesus Cristo e *obedecer* a ela em Jesus Cristo. Então, Deus habita em nós e a lei é escrita em nosso coração.

“Aqui estão os que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus”. É por guardarem a fé de Jesus que eles guardam os mandamentos. “Escondi a Tua palavra no meu coração,” disse o salmista, “para eu não pecar contra Ti” (Sl 119:11, ARC). E “pecado é a transgressão da lei” (1Jo 3:4). Jesus Cristo é o alfa e o ômega, o A ao Z; e quando O escondemos no coração, escondemos ali a Palavra de Deus; e aquilo que guardamos como uma lei viva fica a nosso favor e nos guarda.

“Venho sem demora. Conserva o que tens, para que ninguém tome a tua coroa” (Ap 3:11). Vivemos numa época que está a poucos passos da segunda vinda de Cristo. Pela fé de Jesus Cristo, seja a palavra de Deus verdade em nosso caráter. Deus deseja que guardemos Seus mandamentos porque são eles que nos guardará. Cristo declarou: “Sei que o Seu mandamento é a vida eterna”. Por isso, Ele disse: “Se alguém guardar a Minha palavra, não verá a morte, eternamente” (Jo 12:50; 8:51). A obra de Cristo converteu em sono a morte que havia vindo como resultado da transgressão de Adão. “Se alguém guardar a Minha palavra, não verá a morte, eternamente” pois tem, dentro de si, a palavra viva. “Aquele [...] que faz a vontade de Deus permanece eternamente”. Pode vir a ador-

mecer, mas jamais verá a morte. Contudo, aqueles que não guardam os mandamentos de Deus verão a morte da qual não há despertar.

A perseverança dos santos

“Aqui está a perseverança dos santos”. “Com efeito, tendes necessidade de perseverança, para que, havendo feito a vontade de Deus, alcanceis a promessa” (Hb 10:36). Precisamos de perseverança. “Porque, ainda dentro de pouco tempo, Aquele que vem virá e não tardará”. Aqueles que têm guardado os mandamentos de Deus e esperado por Ele necessitam de persistência, pois ainda há um pouco de tempo a mais.

“O justo viverá pela fé”. Há três trechos no Novo Testamento onde este verso é usado, e a ênfase dada em cada caso é diferente. “Visto que a justiça de Deus se revela no evangelho, de fé em fé, como está escrito: O *justo* viverá pela fé” (Rm 1:17). Nesse verso se dá ênfase em ser justo.

“E é evidente que, pela lei, ninguém é justificado diante de Deus, porque o justo viverá pela *fé*” (Gl 3:11). Nesse verso, a fé é enfatizada.

“Todavia, o Meu justo *viverá* pela fé; e: Se retroceder, nele não se compraz a Minha alma”. Heb 10:38. Aqui, a ideia principal está no viver. A guarda dos mandamentos está em andamento; contudo, temos aqui um tempo em que Cristo parece demorar. Se vivermos pela fé, permaneceremos vivos em meio a toda destruição a nossa volta. “Mil cairão ao teu lado, e dez mil a tua direita; mas tu não serás atingido”. “O justo *viverá* da fé”. “Somente com os teus olhos contemplarás e verás o castigo dos ímpios”. Esta é a promessa de Deus a nós. Mas Ele também diz: “tendes necessidade de perseverança” (Hb 10:36). “Tendes ouvido da paciência de Jó e vistes que fim o Senhor lhe deu; porque o Senhor é cheio de terna misericórdia e compassivo” (Tg 5:16). Jó foi perseverante, apesar de não enxergar o motivo para aquilo acontecer. Contudo, ao experimentar a Jó, Deus estava demonstrando perante o Universo o fato de que Seu amor pode sustentar a pessoa quando todas as bênçãos temporais sejam dela removidas.

No capítulo 18 de Lucas, lemos o relato da viúva e do juiz injusto, registrado como instrução para nós, com referência à demora da vinda do Senhor. Este é o momento, acima de qualquer outro, bem antes da vinda do Senhor, em que não devemos fraquejar.

Disse-lhes Jesus uma parábola sobre o dever de orar sempre e nunca esmorecer: Havia em certa cidade um juiz que não temia a Deus, nem respeitava homem algum. Havia também, naquela mesma cidade, uma viúva que vinha ter com ele, dizendo: Julga a minha causa contra o meu adversário [ou oponente]. Ele, por algum tempo, não a quis atender; mas, depois, disse consigo: Bem que eu não temo a Deus, nem respeito a homem algum; todavia, como esta viúva me importuna, julgarei a sua causa, para não suceder que, por fim, venha a molestar-me (Lc 18:1-5).

Para se ver livre dela, o juiz a vindicaria contra seu inimigo em juízo. Eis a conclusão:

Não fará Deus justiça aos Seus escolhidos, que a Ele clamam dia e noite, embora pareça demorado em defendê-los? Digo-vos que, depressa, lhes fará justiça (Mt 18:1-7).

Estão chegando tempos de aflição

Estamos vivendo nos tempos angustiosos previstos na palavra de Deus. Esses tempos desoladores que nos circundam são apenas o começo. “Sabe, porém, isto: nos últimos dias, sobrevirão tempos difíceis” (2Tm 3:1). Será que não estamos vendo tempos difíceis, financeiramente e espiritualmente? E esses tempos nos quais temos entrado, apesar de haver momentos em que se tornarão mais claros, ficarão cada vez piores. O leve restabelecimento financeiro nestas colônias não é permanente. Deus enviou Sua mensagem para preparar um povo para Sua vinda, para ajuntar um povo que compreenderá essas coisas. Os corações dos homens já estão desfalecendo de terror. Estão dizendo: o que significam estas coisas? “Pois assim como foi nos dias de Noé, também será a vinda do Filho do Homem”. Veremos violência e morte. Isso é obra do Diabo. Veremos neste mundo uma situação tal que mente humana alguma jamais concebeu. Veremos circunstâncias que causarão terror a todo coração que não conhece Jesus Cristo nem o poder de Sua salvação. Podemos ver isso se aproximando.

Naquele dia, o povo de Deus clama por libertação, mas Ele parece adiar o momento de libertá-los, pois já teremos chegado ao tempo em que a libertação do povo de Deus significará a morte de seus adversários. O livramento do povo de Deus de seus inimigos só pode ser sucedido

pela vinda do Senhor Jesus e pela destruição de seus adversários. Deus Se mostrará tão tardio em derramar Sua ira sobre os que O rejeitaram que chegará a parecer que Ele abandonou Seu povo. Mas Ele irá fazer “justiça aos seus escolhidos, que a ele clamam dia e noite”.

Quando ouvirdes falar de guerras e revoluções, não vos assusteis; pois é necessário que primeiro aconteçam estas coisas, mas o fim não será logo. Então, lhes disse: Levantar-se-á nação contra nação, e reino, contra reino; haverá grandes terremotos, epidemias e fome em vários lugares, coisas espantosas e também grandes sinais do céu. Antes, porém, de todas estas coisas, lançarão mão de vós e vos perseguirão, entregando-vos às sinagogas e aos cárceres, levando-vos à presença de reis e governadores, por causa do Meu nome (Lc 21:9-12).

Perceba perante quem são eles levados. O fato de alguém ser odiado não quer dizer que seja um cristão. Precisa ser odiado por “causa do Meu nome”. O fato de o mundo não gostar de alguém não significa que ele seja um cristão. O mundo precisa odiá-lo pela mesma razão que odiaram Cristo. Os que são cristãos serão insultados por estarem em harmonia com a vida e caráter de Cristo. Cristo admoesta:

E isto vos acontecerá para que deis testemunho. Assentai, pois, em vosso coração de não vos preocupardes com o que haveis de responder; porque eu vos darei boca e sabedoria a que não poderão resistir, nem contradizer todos quantos se vos opuserem. E sereis entregues até por vossos pais, irmãos, parentes e amigos; e matarão alguns dentre vós. De todos sereis odiados por causa do Meu nome. Contudo, não se perderá um só fio de cabelo da vossa cabeça. É na vossa perseverança que ganhareis a vossa alma (Lc 21:13-19).

Ganhem suas vidas por meio da perseverança. Estamos vivendo num tempo bem próximo da vinda do Senhor. “Porque, ainda dentro de pouco tempo, Aquele que vem virá e não tardará”. É em nossa perseverança que ganharemos nossa vida. Antes da vinda do Senhor, haverá um povo que estará cumprindo Sua vontade. Nosso dever é estar entre eles. Temos o dever de estar entre aqueles de quem o Senhor dirá: “Aqui está a perseverança dos santos, os que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus” (Ap 14:12).

Sermão 6



Deus ou César, Qual dos Dois?

The Bible Echo, 2, 9 e 16 de março de 1896,
pregado em 5 de novembro de 1895

“**E**ntão, retirando-se os fariseus, consultaram entre si como O surpreenderiam em alguma palavra. E enviaram-Lhe discípulos, juntamente com os herodianos, para dizer-Lhe: Mestre, sabemos que és verdadeiro e que ensinas o caminho de Deus, de acordo com a verdade, sem Te importares com quem quer que seja, porque não olhas a aparência dos homens. Dize-nos, pois: que Te parece? É lícito pagar tributo a César ou não? Jesus, porém, conhecendo-lhes a malícia, respondeu: Por que Me experimentais, hipócritas? Mostrai-Me a moeda do tributo. Trouxeram-Lhe um denário. E Ele lhes perguntou: De quem é esta efígie e inscrição? Responderam: De César. Então, lhes disse: Dai, pois, a César o que é de César e a Deus o que é de Deus. Ouvindo isto, se admiraram e, deixando-O, foram-se” (Mt 22:15-22).

Os fariseus e herodianos receberam uma resposta completa com essas palavras. Uma clara distinção foi traçada entre as coisas de Deus e as de César, ou seja, as coisas que pertencem a Deus (religião) e as coisas que pertencem a César (governo civil). Não houve qualquer fariseu ou herodiano que tivesse a mínima base para manter sua posição após a resposta de Cristo. Nenhum deles imaginou que seria de qualquer valia dizer: “Esse é um bom princípio geral, mas perceba que há coisas nas quais Deus e César estão em parceria. Que dizer disso?” Não ousaram dizer uma palavra sequer. Ao Cristo afirmar: “Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus”, eles se surpreenderam e se retiraram, porque naquelas poucas palavras Ele havia estabelecido esses eternos

princípios da justiça, respondendo-lhes de forma tão completa que nada mais havia a ser dito.

Foi anunciado que, nesta noite, falaríamos um pouco dos males da legislação religiosa. Deus ou César, qual dos dois? Ou: males que resultam de leis religiosas, que resultam da mistura de Deus com César.

Uma distinção clara

Como princípio básico, quero primeiro fazer uma distinção entre as coisas de Deus e as coisas de César. “César” representa o governo civil. As coisas de César são as que têm que ver com o governo civil. As coisas de Deus são as que têm que ver com Deus, nossa relação para com Deus, nosso dever para com Deus e tudo que pertence a Deus como assunto pessoal entre nós e Deus. Gostaria de apresentar, para nossa consideração, o contraste entre as coisas de Deus e as coisas de César; o contraste entre os seus reinos, seus súditos e suas formas de governo. Por questão de clareza, faremos um simples diagrama descrevendo os domínios de Deus e de César:

DEUS	CÉSAR
Mente	Corpo
Pensamento	Ação
Pecado	Crime
Moral	Civil
Perdão	Penalidade
Amor	Força
Eterno	Temporal

Os dois domínios

Primeiro, falaremos sobre cada domínio regido por Deus e César. Deus, em Jesus Cristo, rege a mente; Cesar, o corpo. Pensemos nisso por um momento. Quando Jesus Cristo veio estabelecer Seu reino, veio esta-

belecer algo diferente do que existia. O poder humano e o reino deste mundo – César – haviam governado o corpo, haviam governado a conduta externa. Contudo, Jesus Cristo vem então estabelecer um reino dentro de outro, possuindo um reino e súditos, e isso justamente neste mundo em que está o reino de César.

Podemos dizer que as pessoas estavam, até certo ponto, satisfeitas; e apesar de nem sempre estarem satisfeitas, era tudo o que César podia fazer para governar o corpo. Jesus Cristo vem então para estabelecer Seu reino na mente, isto é, vem para governar os pensamentos, enquanto César mantém seu domínio sobre o corpo, e rege as ações. Não estou dizendo com isso que Jesus Cristo não rege as ações, mas sim que se coloca por detrás das ações, controlando-as por meio dos pensamentos. Havia leis no mundo, havia a lei de Deus, mas Jesus Cristo veio a fim de mostrar o significado dessa lei, veio para vivê-la em Si mesmo e ensiná-la segundo a importância que ela tem para Deus. Assim, explicou-a como lemos em Mateus 5, onde o próprio Cristo, o mesmo que promulgou a lei no monte Sinai, agora, com Sua divindade escondida na humanidade, sobe ao monte e promulga novamente aquela lei, dando-lhe um significado espiritual.

Ouvistes que foi dito aos antigos: Não matarás; e: Quem matar estará sujeito a julgamento. Eu, porém, vos digo que todo aquele que sem motivo se irar contra seu irmão estará sujeito a julgamento (Mt 5:21-22).

Esse conceito é expresso de maneira mais ampla em 1 João 3:15: “Todo aquele que odeia a seu irmão é assassino”.

Ouvistes que foi dito: Não adulterarás. Eu, porém, vos digo: qualquer que olhar para uma mulher com intenção impura, no coração, já adulterou com ela (Mt 5:27, 28)

E Paulo, falando em nome de Cristo, explica que a cobiça é idolatria:

E andai em amor, como também Cristo nos amou e se entregou a Si mesmo por nós, como oferta e sacrifício a Deus, em aroma suave. Mas a impudícia e toda sorte de impurezas ou cobiça nem sequer se nomeiem entre vós, como convém a santos; nem conversação

torpe, nem palavras vãs ou chocarrices, coisas essas inconvenientes; antes, pelo contrário, ações de graças. Sabei, pois, isto: nenhum incontinente, ou impuro, ou avarento, que é idólatra, tem herança no reino de Cristo e de Deus (Ef 5:2-5).

Essa é a explicação de Cristo sobre a aplicação da lei de Deus. Não se aplica unicamente às ações externas. César rege a conduta externa. Eu posso estar perante um homem, odiá-lo com ódio total, e posso dizer isso na frente dele. Contudo, César não pode me responsabilizar de nada. César não tem nada a ver com meus sentimentos. Mas suponhamos que meu ódio se torne em ação, e eu passe a agir com violência para com o homem. César dirá: “Você deve manter seu ódio dentro de si mesmo; caso contrário, vou chegar e interferir”. No entanto, à vista de Deus, quando odeio meu irmão, sou tão assassino quanto no momento em que lhe tiro a vida. É melhor para a sociedade civil que haja leis para restringir as manifestações externas do ódio, mas, aos olhos de Deus, já sou assassino quando odeio.

Mas suponhamos que César tentasse impor essa lei do modo como Deus a ilustrou. Você conseguiria imaginar quantas pessoas ficariam fora da prisão a fim de guardar os que estivessem dentro dela? Suponha que César entrasse nesta tenda e, tomando a lei de Deus como Ele a ilustrou, dissesse: “Estou aqui para prender todos que já foram assassinos”. Quantas pessoas você acha que ficariam para ouvir o sermão? Deus, em Cristo, rege os corações, e Cristo veio para fazer o que era impossível ao homem fazer: reger os próprios pensamentos do coração. E Ele explica que nenhum serviço Lhe é aceitável a menos que seja um serviço feito de coração.

Os fariseus tinham muita religião de fabricação própria. Gostavam de exibi-la, e estavam sempre alardeando-a. Aproximaram-se de Cristo a fim de exibi-la. Chegaram perguntando-Lhe por que Seus discípulos comiam com as mãos por lavar. Não vou ler o relato, mas Cristo respondeu-lhes, dizendo:

Ouvi e entendei: não é o que entra pela boca o que contamina o homem [...]. Então, Lhe disse Pedro: Explica-nos a parábola. Jesus, porém, disse: Também vós não entendeis ainda? Não compreendeis

que tudo o que entra pela boca desce para o ventre e, depois, é lançado em lugar escuso? Mas o que sai da boca vem do coração, e é isso que contamina o homem. Porque do coração procedem maus desígnios, homicídios, adultérios, prostituição, furtos, falsos testemunhos, blasfêmias. São estas as coisas que contaminam o homem; mas o comer sem lavar as mãos não o contamina (Mt 15:10, 11, 15-20).

O pensamento precede a ação

Toda ação exterior é precedida por pensamentos. Ninguém jamais faz algo que não haja planejado. Mas suponho que muitos, agora, estão pensando: “Discordo dessa declaração, porque já fiz coisas que não pretendia fazer. E as fiz por não pensar”. Quero lhes dizer que a razão de vocês haverem feito sem pensar é que já haviam feito tantas vezes no passado que, de tanto pensar, formaram um hábito. Eu afirmo que todo ato é precedido de pensamentos, e que os pensamentos são a própria natureza de seu ser. É no pensamento mais profundo, no eu interior, que habita o caráter. A pessoa pode ser impedida, mediante formas exteriores, de dar vazão a seus sentimentos. Contudo, pode não passar de um sepulcro caiado. E, se o sepulcro é branqueado por fora, César não tem nada a dizer. Ele não pode entrar no templo do coração e controlar os pensamentos. Jesus Cristo estabelece Seu reino na mente. Seus assuntos constituem os pensamentos do coração; e ninguém é puro, aos olhos de Deus, a menos que seus próprios pensamentos sejam puros. Ninguém está livre de transgressão a menos que seus próprios pensamentos estejam em harmonia com Deus. Assim afirmam as Escrituras:

Anulando nós sofismas e toda altivez que se levante contra o conhecimento de Deus, e levando cativo todo pensamento à obediência de Cristo (2Co 10:5).

Isso é religião, e Jesus Cristo pode fazer isso por nós. Mas quando César procurou invadir o reino da mente, quando saiu de seu lugar e tentou controlar aquilo que apenas Jesus Cristo pode controlar – os pensamentos mais íntimos do coração –, então foram escritas com sangue algumas das páginas mais negras da história humana.

Pecados e crimes

Deus, em Cristo Jesus, lida com o pecado; César lida com o *crime*. As Escrituras afirmam: “O pensamento de tolice é pecado” (Pr 24:9). Não podemos dizer, no entanto, que seja crime. Portanto, habitando Jesus Cristo na mente, regendo os pensamentos, qualquer coisa contrária aos pensamentos dEle é pecado, e Ele lida com o pecado. Pecado é definido nas Escrituras como “transgressão da lei”, e Jesus Cristo, em Seu reino, lida com o pecado. César não tem nada que ver com o pecado – é com o crime que ele lida. Pecado é a transgressão da lei de Deus no pensamento do coração. Pecado é um desvio da santidade, e a santidade habita no mais profundo do coração. Qualquer coisa diferente dela é pecado. César, porém, não pode indagar a respeito disso. Ele aguarda até que o pensamento se torne num ato exterior contrário a sua lei, pois, enquanto Deus tem uma lei para governar o coração, César tem uma lei para governar a ação. Quando alguém transgredir a lei de César, pode ou não haver pecado contra Deus, mas tal ato é crime. Deveríamos fazer uma distinção bem cuidadosa entre pecado e crime. O crime é a transgressão da lei humana; pecado é a transgressão da lei de Deus, conforme explicada por Jesus Cristo. O pecado pode ou não constituir crime. A pessoa pode ser uma assassina da pior classe diante de Deus e não ser culpada de crime. Eu posso ser um idólatra, quebrando diariamente a lei de Deus, e não ter cometido um único crime sequer. Posso estar profundamente manchado com o pecado e não cometer crime algum.

Moralidade e civilidade

O governo de Deus é *moral*; o governo de César é *civil*. Cristo lida com a moralidade. Mas precisamos entender o que constitui a moralidade. Existe um sentido geral da palavra, em que dizemos: “Tal pessoa não é cristã, mas é moral”. Ao considerarmos o sentido estrito da palavra, significa “estar em harmonia com a lei de Deus”. A palavra “civil” tem que ver com as relações existentes entre os seres humanos. A palavra “moral”, por sua vez, tem que ver com a relação existente entre o ser humano e Deus. A pessoa verdadeiramente moral será civil. Não temos dúvida disso. E o único propósito do governo civil é tornar civis aqueles que, não fosse

por ele, não o seriam. Refiro-me a pessoas que não são governadas por uma lei suprema de moralidade, ou seja, pela lei de Deus no coração.

O propósito, o único propósito, do governo de César constitui não o de conceder direitos aos homens – é Deus quem os concede –, mas o de proteger os homens em seus direitos dados por Deus. Nenhum grupo de pessoas pode conferir direitos a outro grupo de pessoas, mas podem protegê-las no uso correto dos direitos que já possuem. Tais direitos lhes pertencem. São concedidos por Deus. Se os homens não quiserem ser morais, César virá com seu poder e forçará, também de maneira apropriada, aqueles que não querem ser morais a ser civis. A conduta externa constitui a civilidade; a conduta interna constitui a moralidade. Deus habita no coração, fazendo dos homens morais ao conferir-lhes o Seu caráter moral. Mas César não consegue fazer isso. Ele é incapaz de entrar na mente e ver quando os homens estão cometendo pecado. Tudo que é capaz de fazer é olhar para o corpo e ver se o homem está ou não cometendo um crime, tornando civis os que não querem ser morais.

Perdão e penalidade

Em Seu governo, Deus, por meio de Cristo, concede o *perdão*. César não conhece o perdão – conhece unicamente a *penalidade*. A pessoa peca contra Deus, peca ao longo da vida inteira, mas vê Cristo exaltado, e ouve a promessa:

Se confessarmos os nossos pecados, Ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça (1Jo 1:9).

Ela aceita a promessa, e, naquele exato momento, seu pecado é perdoado. O peso do crime é completamente removido, e ela permanece diante de Deus como se nunca houvesse cometido algum pecado na vida. Mas se a pessoa cometer um crime, pode se arrepender o quanto quiser e confessar sua culpa a César, mas César declara: “Acerte isto com seu Criador. Não sei de nada além da penalidade”.

Se introduzíssemos no governo civil os princípios que Deus usa em Seu reino, teríamos uma completa confusão. Observe estes princípios:

Então, Pedro, aproximando-se, Lhe perguntou: Senhor, até quantas vezes meu irmão pecará contra mim, que eu lhe perdoe? Até sete vezes? Respondeu-lhe Jesus: Não te digo que até sete vezes, mas até setenta vezes sete (Mt 18:21, 22).

Acautelai-vos. Se teu irmão pecar contra ti, repreende-o; se ele se arrepender, perdoa-lhe. Se por sete vezes no dia pecar contra ti e, sete vezes, vier ter contigo, dizendo: Estou arrependido, perdoa-lhe (Lc 17:3, 4).

Vamos supor que fôssemos aplicar esses princípios ao governo civil. Aqui está um homem preso por roubo de cavalo. Ele é trazido perante o juiz e diz: “Estou muito arrependido, e a Bíblia diz que você precisa perdoar”. O juiz declara: “Você está perdoado”. E ele sai, rouba outro cavalo, é trazido de volta e novamente perdoado. E repete isso sete vezes. Como você acha que o juiz se sentirá? Imagino que, quando chegar a sétima vez, pensará que houve algum erro com a lei. Esses princípios, que constituem a própria glória do governo moral de Deus, a própria glória de Seu caráter, não podemos aplicar ao governo de César. Deus perdoa, até mesmo setenta vezes sete, e o faz por nós, graças a Deus, mas esses princípios não se encaixam aqui; são destinados a um reino diferente. Deus, ao entregar Seu filho, tomou medidas para que possa exercer o perdão e, ainda assim, manter o caráter de Sua lei. Pelo sacrifício de Jesus Cristo, Deus preservou o caráter de Seu governo, mantendo a lei em seu devido lugar. Contudo, oferece perdão a todos os que creem em Seu filho. Por Sua maravilhosa provisão, a fim de manter a estabilidade de Seu governo, Sua lei não é lançada em descrédito quando alguém, que a quebrou vez após vez, volta e diz: “Estou arrependido”.

Concedendo o perdão, o governo civil traria um colapso a todo o sistema de governo. Deus, porém, mantém Sua lei em seu devido lugar e ainda perdoa a todos que se arrependem.

Amor e força

Para exercer Seu governo na Terra, Deus usa o amor, e o amor apenas, como Seu poder. César, porém, nada sabe do poder do amor, e usa apenas a força. Em Jeremias 31:3, Deus diz: “Com amor eterno Eu te amei”; e,

em Romanos 2:4, lemos: “Ou desprezas a riqueza da sua bondade, [...] ignorando que a bondade de Deus é que te conduz ao arrependimento?” “Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigênito”. Ele depende completa e unicamente do poder daquele amor em Jesus Cristo para convencer os homens a se submeterem a Ele.

A maioria dos homens quando morre perde seu reino, e perde o controle de seus súditos. Jesus Cristo, o Rei de Israel, ganhou tanto Seu reino quanto Seus seguidores ao morrer. E assim, é do amor de Deus em Jesus Cristo que Deus depende e, apesar de haver sido acusado de exercer um governo arbitrário, ainda assim, Ele espera e aguarda, e mostra Seu amor vez após vez a fim de atrair os homens a Si mesmo. Mas não força ninguém. Ele concede a cada um a liberdade de escolha para escolhê-Lo ou rejeitá-Lo. Se a pessoa disser: “Não quero que este reine sobre mim”, Deus não reinará sobre ele. Esse é o método de governo de Deus. Mas César desconhece tal governo. Ele simplesmente controla o corpo. Quando o pensamento torna-se ação, César toma o corpo e o subjuga, de modo que a pessoa não tenha mais oportunidade de continuar a expressar seu pensamento. Essa pessoa, porém, mesmo estando presa no calabouço, pode continuar pecando contra Deus a cada fôlego. César nada pode fazer a esse respeito. Pode impedir que a pessoa expresse seus pensamentos de maneira a ferir seus semelhantes; mas Deus enxerga através de paredes e ferrolhos e contempla o coração, e, à vista de Deus, tal pessoa ainda é pecadora, apesar de estar presa e impedida de se manifestar pelo poder da espada.

Coisas temporais e coisas eternas

Além disto, Deus lida com coisas que são eternas. César, com coisas que são temporais. O próprio Deus é eterno. “O Deus eterno é a tua habitação e, por baixo de ti, estende os braços eternos” Foi através do Espírito eterno que Cristo Se ofereceu por nós. A vida eterna é a recompensa que Ele nos aponta. César nada sabe dessas coisas. Não se espera que ele saiba se a pessoa está na estrada para o Céu ou para o inferno. Não se espera que ele pergunte para onde a pessoa quer ir no futuro. Tudo o que ele precisa indagar é: “O que você está fazendo hoje?” A punição infligida por César não tem nada a ver com a eternidade. Ele simplesmente lida com dádivas temporais, punições temporais, recompensas temporais e nada mais.

Então temos o contraste. Deus, em Cristo, lida com a mente; César, com o corpo. Deus lida com os pensamentos; César, com as ações. Deus lida com o pecado; César, com o crime. Deus lida com a moral; César, com coisas civis. Deus concede o perdão; César impõe a punição. Deus usa o amor; César, a força. Deus cuida das coisas eternas; César, das coisas temporais. Essas são distinções muito bem definidas.

As autoridades constituídas

Mas porventura não é verdade que as autoridades que existem são instituídas por Deus? Certamente. Diz o apóstolo Paulo:

Todo homem esteja sujeito às autoridades superiores [perceba cuidadosamente cada palavra, pois cada uma tem um significado. Se a menção é apenas a autoridades superiores, existe algo além delas]; porque não há autoridade que não proceda de Deus; e as autoridades que existem foram por Ele instituídas (Rm 13:1).

Vemos, portanto, que é por instituição divina que haja governos civis na Terra. E devemos prestar obediência a esses governos. Mas você pode dizer: “Então qual é o problema?” Não há problema algum, desde que se considere o outro direito que acompanha esse: “Dai, pois, a César o que é de César e a Deus o que é de Deus”. A própria ideia de um governo civil provém de Deus. Foi Ele que ordenou governos civis sobre este domínio terreno. Contudo, não cabe ao domínio terreno reinar sobre o domínio divino. Deus traçou uma linha de separação entre os dois domínios, e ordenou que as autoridades que existem governem sobre as coisas civis, e deixem que Ele governe as coisas morais. Quando César limita suas ações para agir somente em sua esfera, Deus ordena que todo cristão seja obediente. Essa atitude é parte integrante do Cristianismo. Ninguém deve ser mais leal ao governo civil, quando este se limita à esfera ordenada por Deus, do que o cristão. Ele deveria ser o cidadão modelo. Quando, porém, César tenta se colocar no lugar de Deus, faz um péssimo serviço. Não pode tomar o lugar de Deus. O Senhor declara: “Fique onde Eu o coloquei, e ordenarei que todos os Meus seguidores lhe obedeçam; mas não invada Meu domínio, porque você não é uma extensão do Meu governo. Fique na sua esfera, e terá todos os Meus súditos como seus

súditos. Porém, se invadir Meu domínio, irá arruinar tanto os seus súditos como os Meus”. Deus deixou esse ponto muito claro. Vamos buscar instruções nas Escrituras.

Os três hebreus e a fornalha ardente

O rei Nabucodonosor construiu uma grande imagem de ouro e a erigiu na planície de Dura. Fez uma proclamação convocando os príncipes, os capitães, os governantes e os súditos do reino para a dedicação da imagem. Ao soar da música, todos deveriam se curvar e adorar a imagem – o que, na verdade, significaria adorar o próprio Nabucodonosor. Este havia tido uma visão em que pode observar uma imagem cuja cabeça era de ouro, representando ele mesmo. Foi por essa razão que ele construiu uma imagem toda de ouro e a erigiu como representação de si mesmo. Estavam ali três homens, cativos judeus que Nabucodonosor havia escolhido. Ao ouvir-se o som da música e a multidão se curvar, aqueles três homens ficaram em pé, e isso foi denunciado ao rei. Ele ficou furioso e mandou trazer os homens diante dele, dizendo-lhes:

É verdade, ó Sadraque, Mesaque e Abede-Nego, que vós não servis a meus deuses, nem adorais a imagem de ouro que levantei? Agora, pois, estai dispostos e, quando ouvirdes o som da trombeta, do píforo, da cítara, da harpa, do saltério, da gaita de foles, prostrai-vos e adorai a imagem que fiz; porém, se não a adorardes, sereis, no mesmo instante, lançados na fornalha de fogo ardente. E quem é o deus que vos poderá livrar das minhas mãos? Responderam Sadraque, Mesaque e Abede-Nego ao rei: Ó Nabucodonosor, quanto a isto não necessitamos de te responder. Se o nosso Deus, a quem servimos, quer livrar-nos, Ele nos livrará da fornalha de fogo ardente e das tuas mãos, ó rei. Se não, fica sabendo, ó rei, que não serviremos a teus deuses, nem adoraremos a imagem de ouro que levantaste (Dn 3:14-18).

Com essa resposta, Nabucodonosor se irou grandemente e ordenou que a fornalha fosse aquecida sete vezes mais do que o normal e que os três homens fossem lançados nela. Ora, disse ele, eu sou Nabucodonosor, rei da Babilônia. O próprio Deus me instituiu. Que direito

estes homens têm de me desobedecer? E temos a profecia sobre Nabucodonosor em Jeremias 27:5-7:

Eu fiz a terra, o homem e os animais que estão sobre a face da terra, com o meu grande poder e com o meu braço estendido, e os dou àquele a quem for justo. Agora, eu entregarei todas estas terras ao poder de Nabucodonosor, rei da Babilônia, meu servo; e também lhe dei os animais do campo para que o sirvam. Todas as nações servirão a ele, a seu filho e ao filho de seu filho, até que também chegue a vez da sua própria terra, quando muitas nações e grandes reis o fizerem seu escravo.

O relato continua afirmando que Nabucodonosor

[...] ordenou aos homens mais poderosos que estavam no seu exército que atassem a Sadraque, Mesaque e Abede-Nego e os lançassem na fornalha de fogo ardente. Então, estes homens foram atados com os seus mantos, suas túnicas e chapéus e suas outras roupas e foram lançados na fornalha sobremaneira acesa. Porque a palavra do rei era urgente e a fornalha estava sobremaneira acesa, as chamas do fogo mataram os homens que lançaram de cima para dentro a Sadraque, Mesaque e Abede-Nego. Estes três homens, Sadraque, Mesaque e Abede-Nego, caíram atados dentro da fornalha sobremaneira acesa. Então, o rei Nabucodonosor se espantou, e se levantou depressa, e disse aos seus conselheiros: Não lançamos nós três homens atados dentro do fogo? Responderam ao rei: É verdade, ó rei. Tornou ele e disse: Eu, porém, vejo quatro homens soltos, que andam passeando dentro do fogo, sem nenhum dano; e o aspecto do quarto é semelhante a um filho dos deuses. Então, se chegou Nabucodonosor à porta da fornalha sobremaneira acesa, falou e disse: Sadraque, Mesaque e Abede-Nego, servos do Deus Altíssimo, saí e vinde! Então, Sadraque, Mesaque e Abede-Nego saíram do meio do fogo. Ajuntaram-se os sátrapas, os prefeitos, os governadores e conselheiros do rei e viram que o fogo não teve poder algum sobre os corpos destes homens; nem foram chamuscados os cabelos da sua cabeça, nem os seus mantos se mudaram, nem cheiro de fogo passara sobre eles (Dn 3:20-27).

A lição

Qual era a lição para o rei? Deus estava dizendo a Nabucodonosor: “Você está fora de seu lugar. Você é Meu servo. Eu lhe dei autoridade, mas não para ser exercida sobre o Meu domínio, a Minha jurisdição. Qualquer ordem que for contrária à Minha ordem, Eu a transtornarei”. Essa lição é para nós hoje. Quando César sai do seu lugar e rompe a linha que divide as coisas civis das coisas morais, Deus diz: “Volte para seu lugar”.

O império Medo-Persa sucedeu ao império Babilônico

Como havia sido profetizado, Nabucodonosor, seu filho e seus netos reinaram sobre o império. O relato se encontra em Daniel capítulo 5. “O rei Belsazar deu um grande banquete a mil dos seus grandes e bebeu vinho na presença dos mil”. Belsazar ordenou então que trouxessem os vasos de ouro e prata que seu avô havia tomado do templo de Deus. E, enquanto ocorria a festa, surgiu uma mão não humana e escreveu na parede. Belsazar começou a tremer e mandou chamar seus sábios para que lessem a escrita; porém, não houve, entre eles, quem a pudesse ler. Então, lhe contaram de alguém que, a pedido de seu avô, havia interpretado uma visão. Ele mandou chamá-lo. Daniel foi então introduzido na presença do rei. O relato continua:

Esta, pois, é a escritura que se traçou: MENE, MENE, TEQUEL e PARSIM. Esta é a interpretação daquilo: MENE: Contou Deus o teu reino e deu cabo dele. TEQUEL: Pesado foste na balança e achado em falta. PERES: Dividido foi o teu reino e dado aos medos e aos persas. Então, mandou Belsazar que vestissem Daniel de púrpura, e lhe pusessem cadeia de ouro ao pescoço, e proclamassem que passaria a ser o terceiro no governo do seu reino. Naquela mesma noite, foi morto Belsazar, rei dos caldeus. E Dario, o medo, com cerca de sessenta e dois anos, se apoderou do reino (Dn 5:25-31).

Deus havia suscitado esse novo reino. Em Isaías 21:2, podemos ler a profecia acerca da queda de Babilônia: “Dura visão me foi anunciada: o pérfido procede perfidamente, e o destruidor anda destruindo. Sobe, ó Elão, sitia, ó Média”. Estava, na providência de Deus, que Babilônia caísse.

Na história desse reino temos outra lição.

Daniel na cova dos leões

Depois que Dario tomou o reino, vemos que Daniel continuou tendo a primazia acima dos outros príncipes, e veio a ser o primeiro-ministro do reino. É claro que isso suscitou inveja, e os homens passaram a maquirar como tomar sua posição. Dirigiram-se, pois, ao rei Dario e disseram:

Ó rei Dario, vive eternamente! Todos os presidentes do reino, os prefeitos e sátrapas, conselheiros e governadores concordaram em que o rei estabeleça um decreto e faça firme o interdito que todo homem que, por espaço de trinta dias, fizer petição a qualquer deus ou a qualquer homem e não a ti, ó rei, seja lançado na cova dos leões. Agora, pois, ó rei, sanciona o interdito e assina a escritura, para que não seja mudada, segundo a lei dos medos e dos persas, que se não pode revogar. Por esta causa, o rei Dario assinou a escritura e o interdito. Daniel, pois, quando soube que a escritura estava assinada, entrou em sua casa e, em cima, no seu quarto, onde havia janelas abertas do lado de Jerusalém, três vezes por dia, se punha de joelhos, e orava, e dava graças, diante do seu Deus, como costumava fazer (Dn 6:6-10).

Ele tinha o costume de orar três vezes ao dia; e quando o rei Dario lhe proibiu de orar a Deus, Daniel não se importou com isto. Não fechou a janela e se assentou na poltrona para que que não soubessem se estava orando ou não. Em vez disso, ajoelhou-se e orou como de costume.

Finalmente, esses homens tinham em mãos o que queriam. Escutaram Daniel orar. Sem dúvida, já o tinham escutado antes, mas era *nessa* recente oração que tinham interesse. Dirigiram-se ao rei e disseram:

Esse Daniel, que é dos exilados de Judá, não faz caso de ti, ó rei, nem do interdito que assinaste; antes, três vezes por dia, faz a sua oração. Tendo o rei ouvido estas coisas, ficou muito penalizado e determinou consigo mesmo livrar a Daniel; e, até ao pôr-do-sol, se empenhou por salvá-lo. Então, aqueles homens foram juntos ao rei e lhe disseram:

Sabe, ó rei, que é lei dos medos e dos persas que nenhum interdito ou decreto que o rei sancione se pode mudar. Então, o rei ordenou que trouxessem a Daniel e o lançassem na cova dos leões. Disse o rei a Daniel: O teu Deus, a quem tu continuamente serves, que Ele te livre. Foi trazida uma pedra e posta sobre a boca da cova; selou-a o rei com o seu próprio anel e com o dos seus grandes, para que nada se mudasse a respeito de Daniel. Então, o rei se dirigiu para o seu palácio, passou a noite em jejum e não deixou trazer à sua presença instrumentos de música; e fugiu dele o sono. Pela manhã, ao romper do dia, levantou-se o rei e foi com pressa à cova dos leões. Chegando-se ele à cova, chamou por Daniel com voz triste; disse o rei a Daniel: Daniel, servo do Deus vivo! Dar-se-ia o caso que o teu Deus, a quem tu continuamente serves, tenha podido livrar-te dos leões? Então, Daniel falou ao rei: Ó rei, vive eternamente! O meu Deus enviou o Seu anjo e fechou a boca aos leões, para que não me fizessem dano, porque foi achada em mim inocência diante dEle; também contra ti, ó rei, não cometi delito algum (Dn 6:13-22).

Quê? Não havia ele quebrado a lei? Sim! Mas o rei tinha entrado num campo indevido, e, portanto, não constituía uma ofensa contrariá-lo. E foi isso que Deus mostrou.

Qual é a lição? Deus estava dizendo: “César, não entre em Meu território; fique do seu lado da cerca. No minuto em que você invade aqui, dou aos Meus súditos o direito de desobedecer-lhe. Vou vindicá-los nisso”. E foi isso que Ele fez.

Assim, a disputa entre as ingerências do governo civil no domínio de Deus e a fidelidade a Deus prosseguiu até que veio Jesus Cristo. Nessa época, o império romano dominava o mundo. Referindo-se a isso, Macaulay afirma:

Foi a mais sublime encarnação do poder, um monumento, o maior e mais poderoso [império] já construído por mãos humanas e ao qual foi permitido aparecer neste Planeta.

Quando veio Jesus Cristo, toda atenção que Lhe foi dada se resumiu a anotar Seu nome e cobrar-Lhe o imposto devido, assim como o faziam

com o gado. Mas Ele tinha uma missão neste mundo, que era trazer liberdade à mente, liberdade ao pensamento, libertar os cativos que estavam presos pelo poder do pecado. Estava encarregado de apresentar o caráter de Deus e anunciar o reino de Deus. Podemos ler acerca disso logo no primeiro capítulo de Marcos:

Depois de João ter sido preso, foi Jesus para a Galileia, pregando o evangelho de Deus, dizendo: O tempo está cumprido, e o reino de Deus está próximo; arrependei-vos e crede no evangelho (Mr 1:14–15).

O império romano tinha muitos deuses e muitos senhores, mas o deus que se sobrepunha a todos era o próprio Estado Romano. O povo considerava César o líder do governo, como alguém divino, e o adoravam como a própria encarnação do governo. Raciocinavam assim: “Roma conquistou o mundo. Os deuses de Roma o fizeram, e o principal dentre eles é o Estado romano”. A religião deles não era simples teoria. Era extremamente prática. A esse respeito, quero tirar alguns momentos para ler um breve relato escrito pelo historiador Gibbon:

A religião das nações não constituía mera doutrina especulativa professada nas escolas ou pregada nos templos. As inumeráveis deidades e ritos do politeísmo estavam intimamente ligados a todas as circunstâncias de negócios ou prazeres, da vida pública ou privada; e parecia impossível escapar de sua observância, sem ao mesmo tempo renunciar ao comércio humano e a todas as funções e entretenimentos da sociedade. [...] Os espetáculos públicos constituíam parte essencial da prazenteira devoção dos pagãos, e cumpria aos deuses aceitar como a mais grata das oferendas os jogos que o príncipe e o povo celebravam em honra de seus festivais peculiares. O cristão que, com piedoso horror, evitava a abominação do circo ou do teatro, via-se cercado de armadilhas infernais em todos os entretenimentos em seu convívio, cada vez que seus amigos, invocando os deuses da hospitalidade, vertiam libações à felicidade uns dos outros. Quando a noiva, resistindo com relutância bem notável, era forçada, nos ritos matrimoniais, a transpor o umbral de sua nova habitação, ou quando a melancólica

procissão avançava, a passos lentos, em direção à pira funerária, nessas interessantes ocasiões, o cristão se via obrigado a abandonar as pessoas que lhe eram mais queridas, para não receber a culpa inerente a tais cerimônias religiosas. Toda ocupação ou arte que tivesse o mínimo a ver com a construção e ornamentação de ídolos trazia o estigma da idolatria.

As tentações perigosas, que de todos os lados se escondiam em uma emboscada para surpreender o crente descuidado, o assaltavam com violência redobrada nos dias de solenidades. Tão ardilosamente foram elas acomodadas e distribuídas no decorrer do ano que as superstições sempre se revestiam da aparência de prazer e virtude. [...] Nos dias de festividades populares, era costume dos anciãos adornar suas portas com lamparinas e ramos de laurel, e coroar suas cabeças com grinaldas de flores. Essa prática inocente e elegante era tolerada como mera instituição civil. Mas, infelizmente, acontecia que as portas ficavam sob a proteção dos deuses guardiões; e o laurel era sagrado ao amante de Dáfne. Quanto à grinalda de flores, apesar de frequentemente usada como símbolo tanto de alegria quanto de luto, havia, em sua origem primária, sido dedicada ao serviço da superstição. Os cristãos tementes que eram persuadidos nessas circunstâncias a condescender com os costumes de seu país e com as ordens dos magistrados, labutavam sob deprimente apreensão pela reprovação de sua própria consciência, pelas censuras da igreja e pela ameaça da vingança divina.

E, assim, os cristãos mal podiam se mexer. Não podiam ir ao funeral ou ao casamento de algum amigo devido às práticas idólatras ligadas a essas cerimônias. Seu cristianismo o separava completamente de seus amigos e do governo, pois os romanos não permitiam qualquer interferência com sua religião. De acordo com Neander, havia uma lei que afirmava:

Qualquer que introduzir novas religiões cuja tendência e caráter sejam desconhecidos, e pelas quais a mente das pessoas seja perturbada, deverá, se pertencer aos da classe alta, ser banido, e, se pertencer aos da classe baixa, ser punido com a morte.

Cristo e a lei Romana

Jesus Cristo fazia parte da classe baixa, e andou de um lado para outro na Judéia ensinando uma nova religião. Os fariseus sabiam disso; e apesar de odiarem e desprezarem o governo romano, apesar de conspirarem para subvertê-lo, apesar de nutrirem a expectativa de que Jesus Cristo, quando viesse, fosse liderar uma revolução contra o império, contudo, ao perceberem que esse não era Seu plano, propuseram destruí-Lo usando o império romano. Na hora do julgamento, tentaram conseguir que fosse condenado por Pilatos sob a acusação de blasfêmia, pois diziam: “A Si mesmo Se fez Filho de Deus. Pilatos, ouvindo tal declaração, ainda mais atemorizado ficou, e, tornando a entrar no pretório, perguntou a Jesus: Donde és Tu? Mas Jesus não lhe deu resposta”. Pilatos tentou libertá-Lo, “mas os judeus clamavam: Se soltas a este, não és amigo de César! Todo aquele que se faz rei é contra César!” (Jo 19:7, 9, 12). Pilatos sabia que, se não lhes atendesse ao pedido, alguém diria a Tibério, o cruel: “Pilatos, teu governador, permitiu que aqui houvesse uma insurreição e recusou pronunciar-se contra ela” Assim, Pilatos fez o que eles desejavam. Qual era a acusação? Inimizade a César. Essa foi a acusação pela qual Jesus Cristo foi condenado à morte. Era *contrário à lei* que Ele pregasse uma nova religião, mas Ele o fez. E, por isso, O mataram.

Os apóstolos e as autoridades constituídas

Cristo ressuscitou dentre os mortos, convocou seus discípulos e disse-lhes: “Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura” (Mc 16:15). Em outras palavras, Ide por todo o império romano e pregai o evangelho a toda criatura. No entanto, Ele sabia que isso era diretamente contrário à lei de Roma. Os discípulos saíram e pregaram, da forma como foram instruídos. Diante disso, as autoridades civis passaram a perseguir os discípulos e a prendê-los. Contudo, conforme o relato bíblico,

[...] de noite, um anjo do Senhor abriu as portas do cárcere e, conduzindo-os para fora, lhes disse: Ide e, apresentando-vos no templo, dizei ao povo todas as palavras desta Vida. Tendo ouvido isto, logo ao romper do dia, entraram no templo e ensinavam. Chegando, porém, o sumo sacerdote e os que com ele estavam, convocaram o

Sinédrio e todo o senado dos filhos de Israel e mandaram buscá-los no cárcere. Mas os guardas, indo, não os acharam no cárcere; e, tendo voltado, relataram, dizendo: Achamos o cárcere fechado com toda a segurança e as sentinelas nos seus postos junto às portas; mas, abrindo-as, a ninguém encontramos dentro. Quando o capitão do templo e os principais sacerdotes ouviram estas informações, ficaram perplexos a respeito deles e do que viria a ser isto. Nesse ínterim, alguém chegou e lhes comunicou: Eis que os homens que recolhastes no cárcere, estão no templo ensinando o povo. Nisto, indo o capitão e os guardas, os trouxeram sem violência, porque temiam ser apedrejados pelo povo. Trouxeram-nos, apresentando-os ao Sinédrio. E o sumo sacerdote interrogou-os, dizendo: Expressamente vos ordenamos que não ensinásseis nesse nome; contudo, encheistes Jerusalém de vossa doutrina; e quereis lançar sobre nós o sangue desse homem. Então, Pedro e os demais apóstolos afirmaram: *Antes, importa obedecer a Deus do que aos homens* (At 5:19-29).

De qualquer forma, porém, a campanha evangelística deles era *contrária à lei*.

Paulo, que havia sido ele mesmo um perseguidor, após ser convertido, saiu a pregar com Barnabé – uma atitude *contrária à lei*. Eles passaram pela Ásia menor pregando a palavra. Chegando a Filipos, ali curaram uma mulher possuída de um espírito mau. Diz o relato bíblico:

Vendo os seus senhores que se lhes desfizera a esperança do lucro, agarrando em Paulo e Silas, os arrastaram para a praça, à presença das autoridades; e, levando-os aos pretores, disseram: Estes homens, sendo judeus, perturbam a nossa cidade (At 16:19, 20).

Na verdade, não perturbavam de forma alguma a cidade. Ele simplesmente tirou daquele homem sua esperança de ganhos. Eles os prenderam, mas as portas da prisão foram abertas. Com isso, Deus quis lhes ensinar uma lição.

Novamente, temos a experiência dos apóstolos em Atos 17:

Paulo, segundo o seu costume, foi procurá-los e, por três sábados, arrazouou com eles acerca das Escrituras, expondo e demonstrando

ter sido necessário que o Cristo padecesse e ressurgisse dentre os mortos; e este, dizia ele, é o Cristo, Jesus, que eu vos anuncio. Alguns deles foram persuadidos e unidos a Paulo e Silas, bem como numerosa multidão de gregos piedosos e muitas distintas mulheres. Os judeus, porém, movidos de inveja, trazendo consigo alguns homens maus dentre a malandragem, ajuntando a turba, alvoroçaram a cidade e, assaltando a casa de Jasom, procuravam trazê-los para o meio do povo. Porém, não os encontrando, arrastaram Jasom e alguns irmãos perante as autoridades, clamando: Estes que têm transtornado o mundo chegaram também aqui (At 17:2-6).

E curioso ver que os próprios homens que haviam alvoroçado a cidade tomaram aqueles homens nobres e os trouxeram ao magistrado, e disseram: “Estes homens têm alvoroçado o mundo”.

A cada passo os apóstolos eram perseguidos pela lei. Apesar disso, Cristo disse: “Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura” (Mc 16:15). Eles lutaram, sangraram, morreram e mantiveram a batalha por séculos, até que o império romano foi compelido a ceder.

Liberdade religiosa

E foi isso que trouxe liberdade ao mundo. Deus estava dizendo a César: “Fique do seu lado da cerca. E deixe meus súditos ensinarem no Meu domínio”. Isso precisava ser ensinado repetidas vezes. Essa postura teve de ser aprendida na Reforma. Mas a liberdade pela qual se lutou na Idade Média, e a liberdade que temos hoje, nós a devemos ao estabelecimento do princípio de que César tem que ver com as coisas de César, e Deus, com as coisas de Deus. Deus cuidará de Seus seguidores, e ordena cada um deles a dar a César o que é de César, contanto que ele permaneça nos limites de seu domínio.

Resultados da união da Igreja com o Estado

Deixem-me dizer algo mais: a menos que esses domínios continuem separados como Deus determinou, tanto o Estado quanto a Igreja serão destruídos. Quando os judeus crucificaram Cristo, disseram: “Seu

sangue esteja sobre nós e nossos filhos para sempre”, e assim o foi. De todas as páginas horríveis da história, a pior foi o cerco de Jerusalém, quando mães comiam os próprios filhos. Essas fatalidades vieram sobre eles porque misturaram os assuntos de Deus com os de César, e se aposaram do braço de César para controlar o que era de Deus. Eles sofreram a penalidade. Sua nação foi destruída, e nunca mais se recuperou como nação. A lição é a mesma nos dias de hoje. Permitam-me dizer que toda religião que precisa do apoio de César não é digna de apoio. Não importa que religião seja. Jesus Cristo não precisou contar com César para ajudá-Lo. Ele dependeu do poder e do amor de Deus para Lhe trazer a vitória. E o poder e o amor de Deus têm sido vitoriosos. O império romano foi aniquilado, mas o reino de Jesus Cristo subsiste, pois não é deste mundo. Está fundado sobre princípios eternos. Sempre existirá. Mas qualquer igreja que considere necessária a ajuda de César não é digna de permanecer viva. É melhor que morra. Qualquer igreja que peça ajuda a César, ou que aceite sua ajuda, não é uma igreja cristã: é uma igreja cesariana. Qualquer forma de cristianismo que ache necessário ter apoio do poder civil, tal forma de cristianismo está pronta para morrer.

Lições para nossos dias

Essas lições, escritas nas páginas da história sagrada, em que Deus estabeleceu princípios básicos, são para nós nos dias de hoje. Que significado tem o fato de que em toda a Terra há um crescente desejo de unir as coisas que Deus separou? Eu tenho relatos de várias nações que desejam unir a igreja com o Estado. Existe uma demanda quanto a isso, e lamento dizer que esta demanda vem da parte da igreja. O que isso significa? É um sinal dos tempos. Quero dizer-lhes, meus amigos, que esta procura pela ajuda de César, por parte da igreja, é a confissão pública diante de Deus e dos homens de que a igreja perdeu o poder de Deus. Quando uma igreja tem o poder de Deus, ela rejeita o poder de César e não precisa nem um pouco dele. Quando o poder de Deus e da religião de Jesus Cristo é substituído pelo poder do homem, temos diante de nós a hipocrisia, pois tudo o que César pode fazer é controlar as ações. Deus dotou o homem de uma mente livre. E o próprio Jesus Cristo, que veio salvar o mundo, afirmou:

Se alguém ouvir as Minhas palavras e não as guardar, Eu não o julgo; porque Eu não vim para julgar o mundo, e sim para salvá-lo (Jo 12:47).

Quando a igreja se apossa do poder civil para auxiliá-la em qualquer ponto que pertença às coisas de Deus, ela está fazendo, diante de Deus, de todo o Céu e do homem, uma confissão pública – uma confissão de que a cristandade deveria se envergonhar – de que perdeu o poder que Deus lhe deu. Cristo disse: “É-Me dado todo o poder no céu e na terra” (Mt 28:18, ACF) Quem trocaria esse poder pelo insignificante poder de César? Isso é para nós respondermos. Não façamos parte dessa maldita união entre a igreja e o Estado – uma união que trouxe miséria sobre as nações, e escreveu com sangue milhares de páginas da História, assassinando milhões de mártires. Não vimos já o suficiente da destruição que tal união causa? Não iremos dizer todos juntos: “Deus em vez de César; religião em vez de hipocrisia?”

O governo civil não pode tocar na religião sem produzir uma mistura que trará problemas tanto para a igreja quanto para o Estado. “Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus”. Deus abençoará, susterrá e guardará todos os que assim fizerem. Não importa o sacrifício, não importa a que custo – perda de amigos, casas ou propriedades –, obedeça a Deus e não ao homem. Todos os que desejarem uma religião prática são convocados a manter esses princípios em mente.

Sermão 7



Cristo Nosso Exemplo

The Bible Echo, 3 e 10 de fevereiro de 1896,
pregado em 9 de novembro de 1895

“**V**inde a Mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e Eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o Meu jugo, e aprendei de Mim, que sou manso e humilde de coração; e encontrareis descanso para as vossas almas. Porque o Meu jugo é suave e o Meu fardo é leve” (Mt 11:28-30, ACF).

Quero chamar atenção especial para estas palavras: “Tomai sobre vós o Meu jugo, e aprendei de Mim”. Todo mundo sabe que Cristo é nosso exemplo na vida cristã. Seria inútil tomar tempo para explicar isso. Existem muitos que desejam imitar o exemplo de Cristo e muitos que não sabem como fazê-lo. Assim, o propósito de nosso estudo agora será, se possível, ajudar a como alcançar esse ideal. Estou certo de que todos os cristãos sabem que devem ser semelhantes a Cristo. Esse é o ensino mais claro das Escrituras. Temos a promessa de que, mesmo que o discípulo não seja maior que seu mestre, todos os que forem aperfeiçoados serão semelhantes ao Mestre. Nosso propósito é apresentar algumas lições claras e simples que, esperamos, sejam de grande ajuda para vocês compreenderem melhor como imitar a vida de Cristo.

Três pontos definidos

Podemos nos demorar bastante nesse assunto, ocupar todo nosso tempo, e mesmo assim não conseguir deixá-lo bem definido em nossa mente. Quero, porém, deixar duas ou três lições fixadas em nosso coração,

pois são a base de todas as outras lições. Para deixar claro em nossa mente o que significa aprender dEle, quero apresentar três pontos.

Devemos imitar o exemplo de Cristo, vivendo *em Deus, com Deus e para Deus*. Como viveremos segundo o modelo de Cristo, o qual viveu em Deus, com Deus e para Deus?

Cristo, o Renovo

Cristo foi a revelação de Deus, a vida de Deus na Terra. Em Zacarias 6:12 o profeta fala Dele nos seguintes termos:

Eis aqui o homem cujo nome é Renovo; Ele brotará do Seu lugar [não do lugar errado, mas de onde Ele está – Ele brotará do Seu lugar], e edificará o templo do SENHOR (Zc 6:12, ACF).

Aqui Cristo é citado como renovo, e Ele era o renovo de Deus. Mas sua raiz estava no Céu, sendo, porém, o renovo de Deus neste mundo. Ele é, em outro sentido, o braço de Deus. Deus estava no Céu, mas Ele estava esticando-se através de Jesus Cristo para alcançar este mundo. *Como o renovo*, Cristo cresceu como um broto, para tornar-se visível ao mundo. Deus Se encontra nas nuvens e nas trevas, mas quando Ele quis Se revelar ao mundo que tinha se separado dEle pelo pecado, Cristo veio como um renovo, ou uma ramificação do próprio Deus.

A fonte oculta de vida

Vocês sabem que as raízes de uma árvore estão escondidas sob o solo. No Entanto, elas são a fonte secreta da vida, e o que é visível, que chamamos de árvore, não passa de raiz que se sobressai à vista. Cristo era o renovo para o mundo, mas suas raízes estavam escondidas em Deus, e Ele foi manifestado para que o mundo visse o que Deus é. A vida de Cristo, quando esteve em carne, estava escondida em Deus, e Ele dependia de Deus tanto para a vida quanto para Seu serviço aqui, assim como nos cumpre também depender de Deus. Para ser claro, Ele tinha vida; “Porque assim como o Pai tem vida em Si mesmo, também concedeu ao Filho ter vida em Si mesmo” (Jo 5:26). Mas quando Ele veio para ser a revelação de Deus a este mundo, e um exemplo à humanidade, Ele se colocou no lugar

da humanidade. Visto que a humanidade estava fraca, Ele veio fraco por causa da humanidade. Como a humanidade era dependente de um poder fora de si mesma, assim também Ele tornou-Se dependente. E disse: “Assim como o Pai, que vive, Me enviou, e Eu vivo pelo Pai, assim, quem de Mim se alimenta, também viverá por Mim” (Jo 6:57, ACF).

Ele assumiu uma posição de dependência, de fraqueza para que pudesse passar pela experiência daqueles a quem veio salvar. Sua vida estava escondida em Deus, e Ele dependia completamente de Deus e do ministério de Seus anjos.

A vida de Cristo em Deus

Não pensem que a vida de Cristo aqui era fácil só porque Ele era o divino Filho de Deus. Ele era o divino Filho de Deus, mas velou essa divindade. Contemplem a maravilhosa condescendência de Deus em Cristo. Apesar de ter poder, Ele Se tinha despido desse poder, e tornou-Se dependente. Essa verdade se encontra relatada nas Escrituras. O evangelho de João é o grande evangelho da vida. Vamos a ele quando queremos aprender sobre a vida. Nesse evangelho, Cristo diz:

Se não faço as obras de Meu Pai, não Me acrediteis; mas, se faço, e não Me credes, crede nas obras; para que possais saber e compreender que o Pai está em Mim, e Eu estou no Pai (Jo 10:37).

Apesar de ser verdade que Jesus Cristo era a divindade velada na humanidade, também é verdade que Ele era a humanidade conservada na divindade. Em Sua humanidade Ele se apegava a Seu pai por ajuda, por força, por tudo de que Ele precisava como ser humano. Em Sua divindade, o Pai habitava nEle, e operava através dEle. Ele era a divindade na humanidade, as raízes chegando-se ao Céu. Assim Ele diz em João 14:10:

Não crês que Eu estou no Pai e que o Pai está em Mim? As palavras que Eu vos digo não as digo por Mim mesmo; mas o Pai, que permanece em Mim, faz as Suas obras.

Ele rogou por Seus discípulos para “que todos sejam um, como Tu, ó Pai, o és em Mim, e Eu em Ti” (Jo 17:21, ACF). Cristo era a união do

divino com o humano, e nisso se encontra a perfeição da humanidade, porque a divindade opera dentro e através da humanidade.

“Deus nunca foi visto por alguém. O Filho unigênito, que está no seio do Pai, Esse O revelou” (Jo 1:18, ACF). Notem a afirmação! O texto não diz: “que veio do seio do Pai”, mas: “que está no seio do Pai”. Havia tanta união entre Cristo e Seu Pai que onde Cristo estava, ali estava o Pai. Assim, Ele estava no seio do Pai quando esteve aqui na Terra. Sua vida estava escondida em Deus por causa de nós.

A vida de Cristo com Deus

Vamos considerar agora a vida de Cristo com Deus. Ela, em outras palavras, significava Sua comunhão com Deus, Sua amizade com Deus. Enquanto Sua vida estava com Deus, esta fluía também através da humanidade. Além disso, Cristo, ao pôr-Se na posição de humano, Ele Se torna como vaso vazio que deve ser enchido pelo Pai. Ele Se coloca numa posição em que, através de Sua comunhão com Deus, Ele recebia de Deus o que dava ao mundo. Em Sua última oração Ele disse: “Porque Eu lhes tenho transmitido as palavras que Me deste”; “Eu lhes tenho transmitido a glória que Me tens dado” (Jo 17:8, 22).

Ele ficou entre o homem e Deus, para receber de Deus, do Seu lado divino, e alcançar a humanidade com Seu lado humano, fazendo assim uma conexão completa entre o divino e o humano. Convém ressaltar, porém, que, ao assim fazer, Ele sujeitou-Se às mesmas condições em que nós nos encontramos. Ele não tinha nada em Si mesmo, Ele se esvaziou, e tornou-Se um canal de bênção, luz e poder, vida e glória para o homem. O que Ele trouxe ao mundo, trouxe porque o Pai Lhe concedeu. Ele precisava ir ao Pai para conseguir o que o Pai daria por meio dEle ao mundo graças a Sua dependência.

A fonte de força de Cristo

Assim, vemos frequentemente Cristo indo ao Pai para comunhão, buscando força dEle. Vamos ler dois ou três versos que enfatizam esse ponto:

E, levantando-Se de manhã, muito cedo, fazendo ainda escuro, saiu, e foi para um lugar deserto, e ali orava (Mr 1:35, ACF).

Por quê? Porque Ele tinha um dia diante dEle para revelar o Pai, um dia para oferecer Deus ao povo. Por isso, Ele precisava acordar antes do amanhecer, e ir ao Pai, e em comunhão e amizade com Ele, receber dEle o que havia de dar ao povo.

E aconteceu que, como todo o povo se batizava, sendo batizado também Jesus, orando Ele, o céu se abriu; e o Espírito Santo desceu sobre Ele em forma corpórea, como pomba; e ouviu-se uma voz do céu, que dizia: Tu és o Meu Filho amado, em Ti Me comprazo (Lc 3:21-22, ACF).

Os Céus se abriam para Cristo quando Ele orava. Os Céus estarão abertos a nós quando orarmos.

Subindo ao monte para orar

Cerca de oito dias depois de proferidas estas palavras, tomando consigo a Pedro, João e Tiago, subiu ao monte com o propósito de orar. E aconteceu que, enquanto Ele orava, a aparência do Seu rosto se transfigurou e Suas vestes resplandeceram de brancura (Lc 9:28-29).

Mas eu lhes digo que Ele fez mais do que uma curta oração naquela noite. Cristo fazia orações curtas em público, mas quando entrava em comunhão com Deus nas horas da noite, era ali que Ele derramava Sua alma diante de Deus, saindo de Sua fraqueza, e Se apegando a Deus, não apenas por Si mesmo, mas por todo o povo, por causa de nós, para que Ele pudesse tomar posse do poder divino. E foi enquanto orava que Seu semblante foi alterado.

Foi quando Moisés esteve na presença de Deus que sua face brilhou com a glória de tal maneira que, quando voltou, o povo não conseguia permanecer diante dele. Foi quando Cristo, como nosso representante, orou naquela noite na montanha, até que Seus discípulos dormissem e o orvalho da noite caísse sobre Ele, que os céus foram abertos para Ele. É em nossa comunhão com Deus que a glória repousa sobre nós, e nossas vestes empoeiradas se transformam em vestes brancas da justiça de Cristo.

A vida de Cristo para Deus

E foi assim, em resposta à Sua comunhão com o Pai, que Ele recebeu de Deus as bênçãos para dar à humanidade. Agora, tendo uma vida *em* Deus, mantida pela comunhão *com* Deus, aquela vida de poder deveria ser usada *para* Deus. A vida de Cristo foi uma vida de sacrifício, uma vida de serviço para Deus. Ele era o representante de Deus, assim como era o representante da humanidade. Ele foi enviado para este mundo para representar o caráter divino, e também para mostrar que o caráter divino é possível revelar-se na humanidade.

Não pensem que Deus é um ser distante. A vida e experiência de Cristo serviram para mostrar ao mundo que Deus pode habitar na humanidade; que Deus fez da humanidade um templo de Sua habitação. E Cristo recebeu a presença do Pai habitando em Sua humanidade para mostrar que a humanidade pode ser templo para o Deus vivo.

Cristo passou toda a Sua vida em serviço para Deus. Toda a força recebida do Pai em Suas horas de oração O acompanhou no ministério. Ele alimentou, ensinou e trabalhou pelo povo, cansou-Se ao andar por toda a Judéia, dando a Sua vida pelo Seu povo. Por fim, deu Sua vida na cruz por eles. Esta é a vida de Cristo, em Deus, com Deus, e para Deus.

A vida de Cristo deve se repetir em nós

Sinto grande alegria quando medito na vida de comunhão e serviço de Cristo aqui neste mundo. Esse quadro da vida de Cristo deve estar sempre diante de nossa mente. Gostaria, porém, de dizer-lhes que a única razão pela qual esses episódios da vida de Cristo foram registrados nas páginas da História é porque Deus intenciona que a mesma experiência se repita em nós. É propósito de Deus que sejamos semelhantes a Cristo; e Ele fez provisão para que isso aconteça. Sei que somos fracos, somos indefesos e indignos. Mas sei também que Deus fez provisões maravilhosas. Deus sabia que éramos indignos. Por isso, Ele fez provisão para que, por meio da mesma humanidade como a que temos hoje aqui, tendo fé em Cristo, Ele pudesse revelar em nós Seu caráter e nos tornar canal de benção para o mundo. Esse é o desígnio de Deus para nós. Devemos nos alegrar nesse pensamento. Tiremos nossos olhos das coisas comuns

e baratas e das quedas da experiência cristã, e olhemos para o trono de Deus e de Cristo, nosso advogado, que ali está para interceder por nós. Creiamos que Deus pretende que tenhamos uma maravilhosa esperança em Seu filho. Este é o Seu plano, e para isso Sua graça é suficiente.

Nossa vida, assim como a de Cristo em Seu ministério terrestre, deve estar em Deus, com Deus e para Deus. “Porque já estais mortos, e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus” (Cl 3:3, ACF). Essa experiência é para nós, e devemos relembrar a cada dia que não temos vida em nós mesmos, que não temos poder algum em nós mesmos, mas que toda nossa vida e poder devem vir de Cristo. Nossa vida, assim como a de Cristo, deve estar entre a montanha e a multidão, subindo a montanha com Deus, conseguindo o que Ele tem para nós, para que possamos compartilhar com as pessoas ao nosso redor.

Quando Cristo alimentou os milhares com Seu milagre, Ele não entregou com Suas mãos o pão ao povo. Ele abençoou o pão, o partiu e deu a Seus discípulos; e foram eles que deram ao povo. Devemos ir a Cristo, e Ele abençoará o pão, e o receberemos de Suas mãos. Dessa forma, com um pão abençoado por Ele, e tendo nEle vida e salvação, devemos levá-lo ao povo. E assim devemos continuar nossa vida de comunhão com Deus.

Vida de comunhão com Deus

E essa vida de comunhão deve ser, nos mínimos detalhes, semelhante à de Cristo. Devemos nascer no Espírito como Ele nasceu no Espírito; devemos ser batizados pelo Espírito Santo assim como Ele o foi. Quando enfrentarmos a tentação, devemos enfrentar como Ele – levados pelo Espírito. Quando retornarmos da vitória sobre a tentação, devemos retornar como Ele, no poder do Espírito. Quando pregarmos, devemos dizer como Ele disse:

O Espírito do Senhor está sobre Mim, pelo que Me ungiu para evangelizar os pobres; enviou-Me para proclamar libertação aos cativos e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos (Lc 4:18).

Ele foi batizado pelo Espírito Santo, e “andou fazendo bem” (At 10:38, ACF). Ele desviava-Se do Seu caminho para dar oportunidade a alguém de se beneficiar dEle. Sua vida foi de serviço e sacrifício próprio. E Ele nos chama a seguir Seu exemplo, não com nossa própria força, mas tendo uma vida em Deus, enraizada no Céu. Ele nos ordena a vir com coragem ao trono da graça, para “recebermos misericórdia e acharmos graça para socorro em ocasião oportuna” (Hb 4:16).

Aprendendo com o serviço

Nossa vida, sendo uma vida com Deus no poder do Espírito, deve também ser uma vida para Deus. Muitas vezes somos impedidos de ter uma experiência mais plena por estarmos com medo de Deus. Tememos que, se nos entregarmos completamente e sem reservas a Ele e dissermos “na morte ou na vida, na saúde ou na doença, toda minha vida será para Deus”, então Deus nos chamará para fazer algo que não queremos. Na verdade, é esse medo que impede Deus de Se revelar a nós e em nós. Deus não Se revela falando de Si mesmo. Ele diz: “tomai sobre vós o Meu jugo e aprendei de Mim”. Em outras palavras, Ele nos chama para aprender pelo serviço.

Não entramos na escola de Cristo para que Ele nos conte a teoria da vida cristã, como simplesmente algo a ser estudado por nós. Deus nos dá o conhecimento de Si mesmo, revelando-Se em nós. E quando Ele quer que conheçamos a experiência e a vitória da fé, Ele nos leva até um Mar Vermelho para nos ensinar o que significa essa vitória. É através da vida com Deus que aprendemos de Deus. Nossas mentes podem estar cheias de ótimas teorias. Contudo, elas serão inúteis, a menos que conheçamos quem é Deus por vermos o que Ele faz por nós, e por observarmos o que Ele pode fazer por aqueles que creem nEle, permanecem nEle e O deixam operar.

Temos grandes lições a aprender sobre Deus, e a lição fundamental é: “andar na luz”. Tudo depende da luz. Tire-a e as flores morrerão, pois elas vivem na luz. Tire a luz de Deus de nós, e nossa experiência cristã desaparecerá, mas a luz continuará. Ela não cessa, mas está sempre em movimento, e cabe a nós nos mover com ela para continuarmos com a luz que temos e abrirmos o canal para mais luz. Vamos ver agora nossa vida *para* Deus.

Negando o eu

Em Mateus 16:24 lemos: “Então, disse Jesus a Seus discípulos: Se alguém quer vir após Mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-Me”. “Negue-se a si mesmo”. Essas palavras têm um significado muito mais amplo do que se distanciar de um lugar de diversão ou abandonar algum alimento que agrada ao paladar e não à saúde. Elas significam o sacrifício do eu, a deserção do eu, o esvaziamento do eu, a própria negação do eu. Pedro negou a Cristo quando disse: “não O conheço”. Essa atitude é um exemplo de como devemos tratar o eu. O eu se levanta e pede reconhecimento? Então diga: “Não te conheço”. Assim como Pedro claramente negou Cristo três vezes, assim nós, quando o eu se levantar e quiser nos controlar, devemos dizer: “Não te conheço; não terei nada a ver contigo”. Neguem o eu, deserdem o eu, deixem que ele morra, e mantenham-no morto.

Paulo disse: “Eu morro a cada dia!” (1Co 15:31, AR). Muitas pessoas são atormentadas em sua experiência humana porque o eu se ergue continuamente. “Nossa”, dizem elas, “eu pensei que havia ganhado completa vitória ontem, e que meu eu havia sido crucificado”. O eu estava crucificado enquanto a fé que o expulsou o manteve fora. Mas no momento em que a fé vacila, o eu se levanta e reafirma o seu poder. A fé que mata o eu deve mantê-lo morto. O eu deve ser crucificado diariamente, e a cada momento, através da fé em Jesus Cristo.

“Então, disse Jesus a Seus discípulos: Se alguém quer vir após Mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-Me” (Mt 16:24) Gostaria de relembrar-lhes hoje o que está incluso na cruz de Cristo [*cross*, em inglês]. Vamos soletrá-la:

C – Crucificação. A primeira letra representa a primeira lição da cruz. Paulo disse em sua carta aos Gálatas:

Estou crucificado com Cristo; logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim; e esse viver que, agora, tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a Si Mesmo Se entregou por mim (Gl 2:20).

E novamente falou nesta mesma carta:

Mas longe esteja de mim gloriar-me, senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual o mundo está crucificado para mim, e eu, para o mundo (Gl 6:14).

Tomar a cruz significa morte para o eu. Levar a cruz significa morrer para eu diariamente e mantê-lo morto. Isso é crucificação, exatamente a primeira letra da palavra cruz [*cross*]. Temos a letra seguinte:

R – Ressurreição. Depois da crucificação está a ressurreição. “Porque, se fomos plantados juntamente com Ele na semelhança da Sua morte, também o seremos na da Sua ressurreição” (Rm 6:5). Gosto de uma outra versão que diz: “Porque, se nós fomos unidos juntamente com Ele na semelhança da sua crucificação, também o seremos na da Sua ressurreição”. Se você soletra o C, você pode soletrar o R, pois, “como Cristo foi levantado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também nós devemos andar em novidade de vida” (Rm 6:4). Cristo viveu Sua vida na Terra por nós. Ele foi crucificado pelas nossas ofensas, mas ressuscitou para nossa justificação. Não precisamos nos lamentar, pois Aquele que fez os céus e a Terra é nosso Salvador e vive hoje por nós. Ele disse quando esteve aqui: “Todo poder Me foi dado no Céu e na Terra”. Ele ganhou esse poder por meio de Sua morte, e quando foi levantado, ressuscitou em novidade de vida. Diz Paulo:

Pois, quanto a ter morrido, de uma vez para sempre morreu para o pecado; mas, quanto a viver, vive para Deus. Assim também vós considerai-vos mortos para o pecado, mas vivos para Deus, em Cristo Jesus (Rm 6:10, 11).

E a nova vida para a qual somos renascidos não é a antiga vida do eu, mas é a vida de Jesus Cristo, aquela vida divino-humana, que não é simplesmente a vida de Deus fora da carne, nem a vida da carne fora de Deus, mas a vida de Deus que tem operado na carne humana. Essa vida chega a nós na ressurreição que se segue à crucificação do eu. Quando o eu morre, Cristo vive; onde o antigo homem foi enterrado, nasce o novo homem; onde o velho homem vivia em pecado, o novo homem anda com Deus. É a vida ressurreta no poder da ressurreição de Cristo.

Paulo disse em sua carta aos filipenses:

[...] considero tudo como perda, por causa da sublimidade do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor; por amor do qual perdi todas as coisas e as considero como refugo, para ganhar a Cristo (Fl 3:8).

Paulo, portanto, considerava a experiência do passado menos que nada, “para o conhecer, e o poder da sua ressurreição” (Fl 3:10). Nós, cristãos, precisamos do poder da ressurreição; precisamos da vida da ressurreição. Agradeço a Deus porque a ressurreição nos é oferecida. Não se satisfaça com nada menos do que isso. É o dom gratuito de Deus em Jesus Cristo. Se eu pudesse, faria com que todos que têm o mínimo de fé se apossassem grandemente do poder de Jesus Cristo. Não há perigo de acabar o suprimento. Seus recursos são infinitos, Seu amor é infinito e infinito é o Seu desejo por nós. Ele só está esperando que nos apeguemos a essa certeza pela fé. Graças a Deus por ser assim.

O – Obediência. Ela anda junto com a cruz. Para todos os que pensam que não podem obedecer à lei de Deus, eu digo: obedçam ao evangelho! Se você tem medo da lei, obedeça ao evangelho, é o suficiente!. O que acontece com os que não obedecem ao evangelho? Leiamos o que diz Paulo:

E a vós, que sois atribulados, descanso conosco, quando Se manifestar o Senhor Jesus desde o céu com os anjos do Seu poder, como labareda de fogo, tomando vingança dos que não conhecem a Deus e dos que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo; os quais, por castigo, padecerão eterna perdição, ante a face do Senhor e a glória do Seu poder (2Ts 1:7-9, ACF).

Amigos, obedçam ao evangelho, e a lei não mais será uma ameaça para vocês. Obedçam ao evangelho, pois sabemos da forma mais clara possível que o evangelho é simplesmente a *lei em Cristo*.

2 Coríntios 10:5 nos mostra até onde vai essa obediência:

Porque as armas da nossa milícia não são carnis, e sim poderosas em Deus, para destruir fortalezas, anulando nós sofismas e toda altivez que se levante contra o conhecimento de Deus, e *levando cativo todo pensamento à obediência de Cristo* (2Co 10:5, grifo nosso).

Aquele que não obedece ao evangelho no pensamento, não obedece ao evangelho de forma alguma. Aquele que não obedece a verdade em pensamento, não obedece à verdade de forma alguma. Nenhuma aparência externa pode satisfazer. A obediência deve estar na vida mais íntima da alma. A vida externa não será nada além de uma revelação do que está dentro. “A boca fala do que está cheio o coração”, disse Cristo em Lucas 6:45. Devemos lembrar que a glória do pensamento puro e da santa ação deve ser dada a Cristo, que nos amou e Se entregou por nós. A obediência se encontra bem no centro da cruz.

S – Sacrifício. Um autossacrifício, ou seja, um sacrifício que oferece o próprio eu, que faz uma entrega completa de tudo a Deus, que se consagra completamente e depõe tudo no altar de Deus. Quem assim se sacrifica não se importa com a opinião dos homens, mas busca unicamente a opinião de Deus; não se importa com a palavra dos homens, mas olha para Deus e busca em Jesus Cristo a Sua palavra. Aquele que se sacrifica vive a vida que Ele viveu na carne, pela fé do Filho de Deus que nos amou e Se entregou por nós.

S – Serviço. Uma vida entregue a Deus, dedicada completamente a Ele. A missão de Cristo aqui era salvar o perdido. Essa deve ser também a missão de cada representante Seu. Deixem-me dizer, meus amigos, no temor de Deus, que não estaremos limpos à Sua vista se não trabalharmos por Ele. O egoísmo não tem lugar no Céu. De fato, a menos que nos livremos do eu, nunca poderemos ir para o Céu. Jesus Cristo é o único que pode nos levar para lá. O eu, por outro lado, nos arrastará para o inferno. Deixemos que Jesus Cristo nos leve! Vamos consagrar nossa vida e tudo que temos ao serviço de Deus, apesar de tudo ser dEle. É demais pedir que deem a Deus o que já pertence a Ele? Qualquer coisa menor que esse sacrifício é roubar a Deus. Somos dEle por criação e por redenção. Pela boca dessas duas testemunhas fica, portanto, estabelecido que somos dEle. Assim, aja como pertencendo a Ele, e deixem que Ele aja como nosso proprietário.

O propósito da vida de Cristo no Céu agora é que a imagem de Deus apareça em nossa vida. Cristo viveu Sua vida aqui em carne para nos mostrar o significado da imagem de Deus. Mas Ele não está satisfeito com isso apenas. Ele quer que cooperemos com Ele, permitindo que esta

vida seja vivida novamente em nós. Cristo disse aos Seus discípulos, logo antes de subir, que Ele enviaria o Seu Santo Espírito para habitar neles. Eu gostaria que isso ficasse bem claro em nossa mente: que o propósito de Deus é que a vida que Cristo viveu seja vivida pelos Seus seguidores. E que vivamos essa vida através da submissão e disposição em entregar nossa vida e deixar Deus ser glorificado em Jesus Cristo.

Esse é o verdadeiro significado da vida cristã! Se eu pudesse, imprimiria em cada cristão o significado de tal privilégio. Se você não O conhece, agarre-se a Jesus Cristo. Deus é capaz de fazer grandes coisas por nós. Ele prometeu fazer grandes coisas por nós, e Sua promessa nunca falha; elas se cumprem hoje, amém, em Jesus Cristo. O que Deus quer que façamos é que exerçamos fé em Suas promessas e O tratemos como nosso Pai amado, que nos deu tudo em Jesus Cristo.

Na cruz temos: crucificação, ressurreição, obediência, sacrifício e serviço. Tudo começa com a morte do eu, seguida pela ressurreição para uma nova vida, a vida de Cristo. Esta se manifesta por meio de implícita obediência a Deus, em Jesus Cristo, e se entrega em sacrifício aos outros. A esse respeito, lemos nas Escrituras:

Nisto conhecemos o amor: que Cristo deu a Sua vida por nós; e devemos dar nossa vida pelos irmãos (1Jo 3:16).

Tal como o Filho do Homem, que não veio para ser servido, mas para servir e dar a Sua vida em resgate por muitos (Mt 20:28).

Porquanto, quem quiser salvar a sua vida perdê-la-á; e quem perder a vida por minha causa achá-la-á (Mt 16:25).

Aquele que se apegua ao desejo pessoal perecerá com o eu. Aquele que se despojar do eu viverá em Jesus Cristo, e achará uma vida que harmonize com a vida de Deus.

Abandono do eu: só uma questão de tempo

A questão é quando iremos abandonar a vida centrada no eu. Vocês estão bem ciente de que os dias da nossa vida não passam de:

[...] setenta anos ou, em havendo vigor, a oitenta; neste caso, o melhor deles é canseira e enfado, porque tudo passa rapidamente, e nós voamos (Sl 90:10).

Abandonaremos nós a vida do eu e receberemos a vida de Cristo? Ou nos apegaremos a essa vida até que seja tomada de nós e seja tarde demais para receber a vida de Cristo? Precisamos conhecer Deus face a face. Nós O conheceremos em Cristo ou no eu? Precisamos conhecer a lei de Deus. Conheceremos essa lei em Jesus Cristo ou em nós mesmos? Essa experiência chegará a todos. A pergunta a ser feita é a seguinte: chegará a nós em Cristo ou sem Cristo? Nossa segurança, nossa glória, nossa alegria está em conhecer essas experiências em Jesus Cristo.

Títulos na escola de Cristo

Gostaria de chamar sua atenção para a experiência de Paulo quando discípulo na escola de Cristo. Antes de se converter, Paulo era um discípulo na escola de Gamaliel. Não sei quais eram os costumes das escolas judaicas naquele tempo, ou se eles conferiram algum título a Paulo. Mas sei que ele era um homem bem instruído, e suponho que ele tenha absorvido toda a sabedoria daquela época conforme lhe havia sido ensinado nas escolas judaicas. Falando de si mesmo, em sua carta aos filipenses, ele disse:

Porque nós é que somos a circuncisão, nós que adoramos a Deus no Espírito, e nos gloriamos em Cristo Jesus, e não confiamos na carne. Bem que eu poderia confiar também na carne. Se qualquer outro pensa que pode confiar na carne, eu ainda mais: circuncidado ao oitavo dia, da linhagem de Israel, da tribo de Benjamim, hebreu de hebreus; quanto à lei, fariseu, quanto ao zelo, perseguidor da igreja; quanto à justiça que há na lei, irrepreensível (Fl 3:3-6).

Falando sobre o mesmo assunto, ele assim se expressa aos Gálatas:

Porque ouvistes qual foi o meu proceder outrora no judaísmo, como sobremaneira perseguia eu a igreja de Deus e a devastava. E, na minha nação, quanto ao judaísmo, avantajava-me a muitos da minha idade, sendo extremamente zeloso das tradições de meus pais (Gl 1:13-14).

Essa era a posição de Paulo quando se ingressou na escola de Cristo. Vamos acompanhar a experiência de Paulo na escola de Cristo, e ver os títulos que ele alcançou.

Tomando como modelo a titulação acadêmica americana, o primeiro título foi:

B.A (Bachelor of Arts): *Born Again* – Nascido de Novo

Este título é o primeiro título que qualquer pessoa recebe na escola de Cristo. Escrevendo aos coríntios, Paulo disse: “E, afinal, depois de todos, foi visto também por mim, como por um nascido fora de tempo” (1Co 15:8). Cristo disse: “Não te maravilhes de te ter dito: Necessário vos é nascer de novo” (Jo 3:7, ARC). Mas em estreita conexão com este “necessário” encontra-se outro. “E do modo por que Moisés levantou a serpente no deserto, assim importa que o Filho do Homem seja levantado” (Jo 3:14). É necessário que nasçamos de novo, e é também necessário que o Filho do homem seja levantado, pois nEle se encontra a vida para o novo nascimento. Assim, o primeiro título é nascer de novo.

O próximo título que Paulo recebeu foi o seguinte:

M.A (Master of Arts): *Moulded Afresh* – Moldado Novamente

Ser refeito completamente pela nova vida. Paulo fala a esse respeito em Colossenses 3:9, 10:

Não mintais uns aos outros, uma vez que vos despistes do velho homem com os seus feitos e vos revestistes do novo homem que se refaz para o pleno conhecimento, segundo a imagem dAquele que o criou

O primeiro título, nascido de novo, nos é concedido para que a nova vida, habitando em nós, possa nos remodelar à imagem de Deus.

O próximo título é:

D.D (Doctor in Divinity): *Delivered Debtor* – Devedor Liberto.

Após receber o novo nascimento e ser moldado para uma nova vida, a que ou a quem o cristão é devedor? Disse Paulo:

Pois sou devedor tanto a gregos como a bárbaros, tanto a sábios como a ignorantes; por isso, quanto está em mim, estou pronto a anunciar o evangelho também a vós outros, em Roma (Rm 1:14-15).

Paulo havia sido liberto. Agora sentia-se devedor para dar aos outros o que ele havia recebido. Ele recebeu esse título e com mérito. Sua vida era prova de que ele merecia de fato o título de D.D – um devedor liberto em Cristo que ofereceu sua vida para dar a outros o que Deus lhe havia entregue.

Creio que Paulo progrediu ainda mais na escola de Cristo e recebeu também o título mais avançado de:

LL.D (Doctor of Laws): *Life Lovingly Dedicated* – Vida Dedicada em Amor.

Estes são os títulos genuínos da escola de Deus: Novo Nascimento, Moldado Novamente, Devedor Liberto, Vida Dedicada em Amor. Esses títulos refletem a qualidade de vida do cristão que já discutimos: vida em Deus, vida com Deus e vida para Deus. Essa foi a experiência de Paulo, e Deus deixou essa experiência registrada porque ela pertence a cada filho Seu.

Poderíamos nos delongar mais sobre esse assunto, mas espero que nossas considerações tenham ajudado a firmar esses pensamentos na mente de cada um de vocês. Eles merecem ser muito mais comentados e ponderados do que as coisas insignificantes e comuns da vida. Que nossa mente se encha das coisas de Deus, da Palavra de Deus. Se vocês assim procederem, certamente Deus lhes comunicará grandes coisas de Sua palavra, e lhes revelará Seus profundos pensamentos. Procuremos alcançar esses títulos em nossa vida cristã. Nenhuma universidade fundada pelo homem pode conferir esses títulos a ninguém. Na escola de Cristo, porém, eles estão abertos a todos. Qualquer um que quiser se graduar com esses títulos, basta se matricular e frequentar a escola de Cristo e receber os títulos que ali estão disponibilizados.

Desejo que vocês levem consigo estes pensamentos hoje: Deus em Jesus Cristo viveu uma vida de perfeição na Terra. Ele vive agora no Céu,

como nosso Sumo Sacerdote, fazendo interseção por nós. Esse Cristo recebeu do Pai a promessa de Seu Espírito para que pudesse nos conceder a vida que Ele viveu. O desejo de Deus é que o próprio caráter que foi formado em Jesus Cristo seja formado também em nós, para a glória de Deus. Se vocês acreditarem que Deus efetua essa obra na vida de cada um de vocês pela crucificação, pela obediência, pelo sacrifício próprio, pelo serviço, Deus abençoará grandemente a vida de vocês em Cristo Jesus.

Sermão 8



A Lei em Cristo – Relação Entre a Lei e o Evangelho

The Bible Echo, 20 e 27 de abril; 4, 11, 18 e 25 de maio; 1º de junho de
1896, pregado em 1895, sem data

Tudo aquilo que o homem perdeu com o pecado foi restaurado “mediante a redenção que há em Cristo Jesus” (Rm 3:24). “Para isto se manifestou o Filho de Deus: para destruir as obras do diabo” (1Jo 3:8). Tudo isso é realizado em nosso favor, “não por obras de justiça praticadas por nós, mas segundo Sua misericórdia, Ele nos salvou mediante o lavar regenerador e renovador do Espírito Santo, que Ele derramou sobre nós ricamente, por meio de Jesus Cristo, nosso Salvador” (Tt 3:5-6).

Contudo, Deus não torna Seu plano de salvação efetivo sem a cooperação do indivíduo. Deus honrou o homem ao conceder-lhe o poder do raciocínio e o livre arbítrio. Apesar de o homem não poder salvar-se por si só, não é plano de Deus salvá-lo sem o seu consentimento. Ele diz:

Vinde, pois, e arrazoemos, diz o SENHOR; ainda que os vossos pecados sejam como a escarlata, eles se tornarão brancos como a neve; ainda que sejam vermelhos como o carmesim, se tornarão como a lã (Is 1:18).

Aquele que tem sede venha, e quem quiser receba de graça a água da vida (Ap 22:17).

No princípio, “criou Deus, pois, o homem à Sua imagem, à imagem de Deus o criou” (Gn 1:27). Essa imagem, contudo, foi desfigurada e quase destruída pelo pecado. Mas “Porque Deus amou ao mundo de tal

maneira que deu o Seu Filho unigênito, para que todo o que nEle crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3:16). Assim, por meio de Cristo, que “é a imagem do Deus invisível” (Cl 1:15), o homem pode ser “criado em Cristo Jesus para boas obras” (Ef 2:10), e restaurado à imagem de Deus, sendo “conformes à imagem de Seu Filho” (Rm 8:29). As maravilhosas provisões da graça de Deus, pelas quais Ele é “justo e o justificador daquele que tem fé em Jesus” (Rm 3:26), visam a nada menos do que isto: que “assim como trouxemos a imagem do que é terreno, devemos trazer também a imagem do celestial” (1Co 15:49).

O instrumento empregado por Deus para levar a efeito esse alvo chama-se “o evangelho”, que é descrito como “o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê” (Rm 1:16). Trata-se do “evangelho da vossa salvação” (Ef 1:13), “o evangelho da graça de Deus” (At 20:24), o “evangelho da paz” (Ef 6:15), o mesmo evangelho que “anunciou primeiro [...] a Abraão” (Gl 3:8, ARC), e depois aos filhos de Israel, “porque também a nós foi pregado o evangelho, *assim como a eles*” (Hb 4:2, AR). Este evangelho de Cristo é o poder de Deus para salvar os crentes, pois “a justiça de Deus se revela no evangelho” (Rm 1:17). A justiça de Deus é revelada no evangelho. É por essa razão que o evangelho é “o poder de Deus para a salvação”. A salvação do pecado e a restauração para uma vida de justiça: é disso que precisamos. Essa experiência nos é fornecida pela encarnação, morte e ressurreição de Cristo, que se tornou “em semelhança de homens” e “foi entregue por causa das nossas transgressões e ressuscitou por causa da nossa justificação” (Rm 4:25). Esse é o evangelho. Paulo diz ainda:

Também vos notifico, irmãos, o evangelho [...], pelo qual também sois salvos [...]; porque primeiramente vos entreguei o que também recebi: que Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras, e que foi sepultado, e que ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras (1Co 15:1-4, ACF).

A eficácia do evangelho também é vista nestas palavras:

Porque Cristo enviou-me, não para batizar, mas para evangelizar; não em sabedoria de palavras, para que a cruz de Cristo se não faça vã. Porque a palavra da cruz é loucura para os que perecem; mas para nós, que somos salvos, é o poder de Deus (1Co 1:17-18, ACF).

O evangelho é o *poder de Deus* para todo aquele que crê. Para aqueles que são salvos, o poder de Deus é um discurso que fala da cruz, porque a cruz de Cristo – o Salvador crucificado morrendo pelo pecado – é o pensamento central do evangelho. Assim lemos novamente:

Mas nós pregamos a Cristo crucificado, escândalo para os judeus, loucura para os gentios; mas para os que foram chamados, tanto judeus como gregos, pregamos a Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus (1Co 1:23-24).

Vemos nessas passagens que a eficácia do evangelho, seu poder para salvação, se encontram no fato de que o evangelho é a mensagem de júbilo da parte de Deus “com respeito a Seu Filho” (Rm 1:3), Jesus Cristo nosso Senhor, que é chamado de “SENHOR, Justiça Nossa” (Jr 23:6). Assim, parece que o evangelho de Deus se torna o poder de Deus para salvação por causa da justiça que é revelada nele; e também porque esta justiça se encontra apenas em Cristo e nunca se separa dEle. Conforme o apóstolo Paulo, nessa verdade se encontra a

esperança do evangelho [...], isto é, Cristo em vós, a esperança da glória; o qual nós anunciamos, advertindo a todo homem e ensinando a todo homem em toda a sabedoria, a fim de que apresentemos todo homem perfeito em Cristo (Cl 1:23, 27-28). E estais perfeitos nEle (Cl 2:10, ARC).

Ideias erradas sobre nossa relação para com o plano da salvação surgiram pela falta de compreensão da plenitude do caráter de Deus. Embora seja verdade que Ele “tem prazer na misericórdia” (Mq 7:18) e “agrada-Se [...] dos que esperam na sua misericórdia” (Sl 147:11), também é verdade que Ele é “tão puro de olhos, que não [pode] ver o mal” (Hc 1:13), e que Ele “executará o juízo e a justiça na terra” (Jr 23:5). Deus exige que Seu próprio caráter, como revelado em Cristo, seja o padrão de caráter para Seus filhos. “Sede vós perfeitos como perfeito é o vosso Pai celeste” (Mt 5:48). “Segundo é santo Aquele que vos chamou, tornai-vos santos também vós mesmos em todo o vosso procedimento” (1Pe 1:15).

Além disso, abundante provisão foi feita em Cristo para que as expectativas de Deus para o homem fossem inteiramente satisfeitas. Paulo reconhece isso ao afirmar que “o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo [...] nos abençoou com todas as bênçãos espirituais nos lugares celestiais

em Cristo” e “nos elegeu nEle [...] para que fôssemos santos e irrepreensíveis diante dEle em amor” e “nos fez agradáveis a Si no Amado” (Ef 1:3, 4, 6, ARC). Mas tudo isso é para um propósito definido, ou seja, para que nós, “libertados do pecado e feitos servos de Deus” (Rm 6:22, ARC), pudéssemos se achados “justos diante de Deus, vivendo irrepreensivelmente em todos os preceitos e mandamentos do Senhor” (Lc 1:6). Mateus confirma esse propósito afirmando a respeito da obra de Cristo: “E lhe porás o nome de Jesus, porque Ele salvará o Seu povo *dos* pecados deles” (Mt 1:21). Não existe provisão feita para salvar o povo *nos* pecados deles.

Para que o homem inteligentemente cooperasse com Deus em Seu propósito de restaurar Sua imagem nele, Deus revelou ao homem o Seu próprio caráter como padrão de perfeição e teste de justiça. Visto que Deus deseja renovar Sua semelhança em nós, sabemos o que Ele é através do que Ele pede de nós. A santidade, a justiça, a bondade de Deus, são estabelecidas em Sua lei, que é declarada ser “santa, justa e boa” (Rm 7:12). A perfeição que Ele requer de nós será revelada em uma vida que esteja em harmonia com “a boa, agradável e perfeita vontade de Deus” (Rm 12:2).

Visto que “o homem não é justificado pelas obras da lei, mas pela fé de Jesus Cristo” (Gl 2:16, AR), e porque não estamos “debaixo da lei, e sim da graça” (Rm 6:14), alguns têm caído no erro de supor que os cristãos nada têm que ver com a lei de Deus. E, por isso, é de grande valor dedicarmos um tempo para considerar os propósitos para os quais a lei nos foi dada, e a relação entre a lei e o evangelho.

Para que seja verdade que “o sangue de Jesus Cristo, Seu Filho, nos purifica de todo pecado” (1Jo 1:7, ARC), devemos “[confessar] os nossos pecados” (1Jo 1:9), e devemos estar cientes do pecado antes de confessá-lo. Isso traz à tona o primeiro propósito da lei: por ela vem o conhecimento do pecado (Rm 3:20). Na verdade, eu “não teria conhecido o pecado, senão por intermédio da lei; pois não teria eu conhecido a cobiça, se a lei não dissera: Não cobiçarás” (Rm 7:7). A maneira pela qual a lei revela o pecado é vista pelo fato de que “toda injustiça é pecado” (1Jo 5:17), e que a lei revela a injustiça quando define a justiça. A lei, sendo a transcrição do justo caráter de Deus, é usada pelo Santo Espírito para “[convencer] o mundo do pecado” (Jo 16:8), mostrando que os homens são “miseráveis, pobres, cegos e nus” (Ap 3:17), quando o caráter deles é posto em contraste com a pureza e santidade de Deus. Quando vemos

Deus assim, exclamamos como Isaías: “Ai de mim! Estou perdido! Porque sou homem de lábios impuros” (Is 6:5), e, como Jó, dizemos: “Por isso, me abomino e me arrependo no pó e na cinza” (Jó 42:6). Tudo isso é esclarecido nas Escrituras. O salmista exclama:

Justo és, ó SENHOR, e retos são os Teus juízos. Os Teus testemunhos que ordenaste são retos e muito fiéis (Sl 119:137, 138, ARC).

A minha língua falará da Tua palavra, pois todos os Teus mandamentos são justiça (Sl 119:172, ARC).

No entanto, embora a lei nos torne conhecido o pecado dessa maneira, apresentando o justo caráter de Deus e sendo ela mesma justiça, ela é completamente incapaz de nos revestir da justiça. Paulo esclarece esse ponto:

Não anulo a graça de Deus; pois, se a justiça é mediante a lei, segue-se que morreu Cristo em vão (Gl 2:21).

[...] se fosse promulgada uma lei que pudesse dar vida, a justiça, na verdade, seria procedente de lei. Mas a Escritura encerrou tudo sob o pecado, para que, mediante a fé em Jesus Cristo, fosse a promessa concedida aos que crêem (Gl 3:21-22).

É aqui que a obra de Cristo nos beneficia. E o próprio objetivo dessa obra é que a justiça *definida* pela lei e *revelada* no evangelho, possa ser cumprida em nós. Paulo esclarece afirmando:

Porquanto o que era impossível à lei, porquanto estava fraca pela carne, Deus, enviando o Seu próprio Filho, em semelhança de carne pecaminosa, e por causa do pecado, condenou, na carne, o pecado. Para que a justiça da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito (Rm 8:3, 4, AR).

Aquele que não conheceu pecado, Ele O fez pecado por nós; para que, nEle, fôssemos feitos justiça de Deus (2Co 5:21).

A justiça da lei foi cumprida por Cristo, que não veio para “revogar, [mas] para cumprir” (Mt 5:17) a lei. Por uma vida de perfeita obediência à vontade do Pai, Ele tornou-Se “obediente até à morte e morte de cruz” (Fl 2:8). Mediante essa obra, Cristo “para nós foi feito por Deus sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção” (1Co 1:30, ARC). Paulo sintetiza:

Porque, como, pela desobediência de um só homem, muitos se tornaram pecadores, assim também, por meio da obediência de um só, muitos se tornarão justos. Sobreveio a lei para que avultasse a ofensa; mas onde abundou o pecado, superabundou a graça, a fim de que, como o pecado reinou pela morte, assim também reinasse a graça pela justiça para a vida eterna, mediante Jesus Cristo, nosso Senhor (Rm 5:19-21).

A obra realizada por Cristo em favor do homem vai além do pagamento pela penalidade de uma lei quebrada; inclui a harmonização do homem com a lei. Paulo escreveu a Tito:

[Cristo Jesus] [...] a Si mesmo Se deu por nós, a fim de remir-nos de toda iniquidade e purificar, para Si mesmo, um povo exclusivamente Seu, zeloso de boas obras (Tt 2:14).

Por essa razão, tornou-se necessário que a justiça não fosse apenas *imputada* a nós, mas também *comunicada*; e que Cristo não apenas vivesse *por* nós, mas que também vivesse *em* nós. Era necessário não apenas que fôssemos “*justificados* pela fé” (Rm 5:1), mas que também fôssemos “*santificados* pela fé” (At 26:18). Assim, “o Verbo Se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a Sua glória [o Seu caráter], glória [o caráter] como do Unigênito do Pai” (Jo 1:14). Os anjos foram usados para transmitir mensagens da parte de Deus, e realizaram importantes obras para Deus. Contudo, apenas o Filho de Deus poderia revelar a justiça de Deus, uma vez que Ele é Deus.

Em Sua vida entre os homens, Cristo tornou-Se a justiça conforme definida na lei. “A lei foi dada por intermédio de Moisés; a graça e a verdade [a graça e a realidade] vieram por meio de Jesus Cristo” (Jo 1:17). Na lei, considerada meramente como um código, temos apenas a forma da verdade. Cristo, porém, é a própria verdade. Paulo esclarece esse ponto:

Eis que tu, que tens por sobrenome judeu, e repousas na lei, e te glorias em Deus; e sabes a Sua vontade, e aprovas as coisas excelentes, sendo instruído por lei; e confias que és guia dos cegos, luz dos que estão em trevas, instrutor dos néscios, mestre de crianças, que tens *a forma* da ciência e da verdade na lei (Rm 2:17-20, ARC).

A lei, portanto, dá a *forma*; Cristo, porém, é a *realidade*. Cristo tinha a lei em Seu *coração*, e, assim, Sua vida era a lei em caracteres vivos. Isso foi mostrado na profecia que falava de Sua obra, séculos antes de haver “nascido de mulher”:

Deleito-me em fazer a Tua vontade, ó Deus Meu; sim, a Tua lei está dentro do Meu coração (Sl 40:8, ARC).

Em Seus ensinamentos, Cristo interpretou o caráter espiritual da lei, mostrando que odiar era o mesmo que cometer assassinato, pensar de maneira impura, o mesmo que cometer adultério, cobiçar, o mesmo que cometer idolatria. Sua vida estava tão completamente em harmonia com os sagrados preceitos interpretados por Ele, que poderia desafiar os que estavam constantemente buscando algo contra Si lançando-lhes a seguinte pergunta: “Quem dentre vós Me convence de pecado?” (Jo 8:46).

Cristo, como Aquele que “não cometeu pecado” (1Pe 2:22), trabalhou nesta vida em perfeita justiça, não em Seu próprio favor, mas para nosso benefício, para que a imagem de Deus pudesse ser revelada novamente em nossa vida. A lei estava dentro do coração de Cristo, e Ele veio fazer a vontade de Deus, a fim de que a mesma lei pudesse ser escrita em nossos corações e fôssemos restaurados à benção de fazer a vontade de Deus, para que a *forma* se tornasse a *realidade* em nós. Essa obra é operada em cada indivíduo através de sua aceitação da obra de Cristo por ele, pela fé na Palavra de Deus, ao ele abrir a porta do coração para Cristo, e permitir que Cristo Se torne a própria vida de sua vida, para que seja “salvo pela Sua vida” (Rm 5:10). Isso é justiça pela fé. Isso significa

[ser] achado nEle, não tendo a minha justiça que vem da lei, mas a que vem pela fé em Cristo, a saber, a justiça que vem de Deus pela fé (Fl 3:9, ARC).

Assim, vemos que a lei nos traz primeiramente o conhecimento do pecado. Estabelece um perfeito patamar de justiça, definindo assim a justiça requerida. Contudo, isso não pode nos conferir tal justiça. A lei não torna o homem pecador; ela simplesmente revela o fato de que ele é um pecador. Não pode dar a justiça; simplesmente mostra a necessidade dela. Mas Deus, que requer a justiça da lei em nosso caráter, fez provisões para que essa justiça nos seja trazida em Cristo, que é o centro do evan-

gelho. O padrão de caráter definido pela lei nos é apresentado em Cristo, no evangelho. Assim lemos:

Mas agora, a justiça de Deus, sem a lei, é manifesta, testemunhada pela lei e pelos profetas; isto é, a justiça de Deus, que é pela fé de Jesus Cristo, para todos e sobre todos os que creem; pois não há distinção. Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus; sendo justificados gratuitamente pela sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus, o qual Deus propôs como propiciação, pela fé no seu sangue, para declarar a sua justiça para a remissão dos pecados passados, mediante a tolerância de Deus; para declarar, neste tempo presente, a sua justiça, para que ele seja justo e também o justificador daquele que crê em Jesus (Rm 3:21-26, AR).

O pecado é revelado pela lei; a justiça é revelada no evangelho. A lei torna conhecida a deficiência; a cura se encontra no evangelho de Cristo. Este é o primeiro passo na relação entre a lei e o evangelho.

Após nos achegarmos a Cristo e sermos justificados pela fé, sem as obras da lei (Rm 3:28), após nos tornarmos “filhos de Deus pela fé em Jesus Cristo” (Gl 3:26), tendo-O recebido, a Ele que é justiça e a lei viva, qual será então nossa relação com a lei? Tal relação ficará mais bem evidenciada quando considerarmos os resultados da genuína fé em Cristo.

Crer em Cristo é receber Cristo; não é consentir com um credo, mas aceitar uma vida; não significa lutar por manter certos costumes exteriores, mas tornar-se “participante da natureza divina” (2Pe 1:4). Cremos e formas não podem salvar as pessoas de seus pecados. Terrível é a lista de pecados daqueles que “tendo forma de piedade, [negam]-lhe, entretanto, o poder” (2Tm 3:5; cf. v. 1-5). Uma nova vida deve ser comunicada antes que o homem possa “viver para Deus” (Gl 2:19):

Se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus (Jo 3:3).

Porque, em Cristo Jesus, nem a circuncisão nem a incircuncisão têm virtude alguma, mas sim o ser uma nova criatura (Gl 6:15, ARC).

Essa experiência depende da fé que cada um exercita por si mesmo. Como diz Paulo, “essa é a razão por que provém da fé, para que seja segundo a graça” (Rm 4:16). Para todos os que sinceramente fazem a

oração, “cria em mim [...] um coração puro”, (Sl 51:10), vem a resposta: “credes que Eu posso fazer isso? [...] Faça-se-vos conforme a vossa fé” (Mt 9:28, 29). “E esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé” (1Jo 5:4). Mas a fé para a vitória é a “fé que opera por amor” (Gl 5:6, ARC).

“Anulamos, pois, a lei pela fé? Não, de maneira nenhuma! Antes, confirmamos a lei” (Rm 3:31). Esta é a vitória que vence o mundo: nosso Cristo tornar-Se presente em todo o Seu glorioso poder pela fé. Mas esse é o Cristo em cujo coração está a lei de Deus, e que disse de Si mesmo: “Tenho guardado os mandamentos de Meu Pai” (Jo 15:10). Que era e que é a lei de Deus personificada. Dessa forma, quando a oração de Paulo “para que Cristo habite, pela fé, no vosso coração” (Ef 3:17, ARC) é respondida, a lei em Cristo é “escrita não com tinta, mas com o Espírito do Deus vivo, não em tábuas de pedra, mas nas tábuas de carne do coração” (2Co 3:3). E, assim, estabelecemos a lei.

A fé só existe de fato onde não houver apenas crença na Palavra de Deus, mas submissão da vontade a Ele; e onde houver um coração que se entregue a Ele, e cujas afeições se fixam nEle. Num ambiente assim, a fé realmente existe e opera pelo amor e purifica a alma. Através dessa fé, o coração é restaurado à imagem de Deus. E o coração que, em seu estado não restaurado, não era sujeito à lei de Deus, e nem o podia ser (cf. Rm 8:7), agora se deleita em Seus santos preceitos. A Bíblia nos diz que “Deus é amor” (1Jo 4:8), e Sua lei é uma expressão desse amor; e Cristo é esta lei do amor expressa na vida. Assim, quando recebemos Cristo no coração, o amor, fruto do Espírito, é recebido também no coração. E quando o princípio do amor é implantado no coração, cumpre-se a promessa da nova aliança: “Na sua mente imprimirei as Minhas leis, também sobre o seu coração as inscreverei” (Hb 8:10; cf. *Caminho a Cristo*, p. 60). Essa experiência é real porque “o cumprimento da lei é o amor” (Rm 3:10). É dessa forma que “estabelecemos a lei” pela fé.

Após a lei ser estabelecida no coração, pela fé, por permanecermos em Cristo, e O deixarmos habitar em nós, a Ele que é a lei viva, será então demonstrado na vida o fruto de tal união com Cristo. “Quem permanece em Mim, e Eu, nele, esse dá muito fruto” (Jo 15:5). Dessa forma, ficaremos “cheios do fruto de justiça” (Fl 1:11). Agora, a lei, que revelava o pecado, mas não podia conferir justiça, testemunha do caráter da justiça que recebemos pela fé em Cristo. “Mas agora, a justiça de Deus, sem a lei, é manifesta,

testemunhada pela lei e pelos profetas” (Rm 3:21). A lei revela o pecado ao definir o que é justiça e nos mostrar o caráter de Deus. O evangelho revela a justiça: “Visto que a justiça de Deus se revela no evangelho” (Rm 1:17). Nós recebemos essa justiça como o dom gratuito de Deus, quando recebemos Jesus Cristo. A lei não pode nos dar aquilo de que precisamos. Ela nos leva a Cristo, e ali recebemos o que ela exige, mas não pode dar. Então, voltamos à mesma lei, e ela dá testemunho do fato de que a justiça que recebemos em Cristo Jesus é a mesma justiça que ela exige, mas não pode comunicar.

Esse era o plano de Deus para que os que cressem em Cristo pudessem alcançar a justiça. Deus ofereceu em Seu Filho a perfeita justiça da lei. Em todos os que abrirem o coração completamente para receber a Cristo, a própria vida de Deus, Seu amor, fará morada neles e os transformará à Sua própria imagem. Dessa forma, *mediante o dom gratuito de Deus, haverão de possuir a justiça exigida pela lei* (cf. *O Maior Discurso de Cristo*, p. 54, 55).

As palavras “abolir”, “tirar”, “destruir” e “mudar” têm estado tão persistentemente conectadas com a lei, da parte de alguns pregadores populares, que chega a existir na mente de muitas pessoas a convicção honesta de que Cristo efetivamente fez tudo isso para com a lei. É verdade que Ele veio para “abolir” algo, “tirar” algo, “destruir” algo e “mudar” algo. Porém, é importante saber exatamente o que foi que Ele aboliu, e o que Ele tirou, e o que Ele destruiu, e o que Ele pretendeu mudar com Sua obra em favor do homem. Esses questionamentos podem ser facilmente esclarecidos pelas Escrituras.

O que foi abolido

Está escrito que nosso Salvador, Jesus Cristo, “destruiu a morte, [e] trouxe à luz a vida e a imortalidade, mediante o evangelho” (2Tm 1:10). Morte é o resultado do pecado. “E o pecado, uma vez consumado, gera a morte” (Tg 1:15). Mas “pecado é a transgressão da lei” (1Jo 3:4). Cristo, portanto, veio para abolir o estado resultante de estar em desarmonia com a lei. Isso Ele fez, não abolindo a lei, mas trazendo-nos à harmonia com a lei.

O que foi tirado

Lemos que Cristo “Se manifestou para *tirar os nossos pecados* (1Jo 3:5, ARC). Ele é o portador dos pecados. Pedro nos informa que

Cristo “carreg[ou] [...] em Seu corpo, sobre o madeiro, os nossos pecados, para que nós, mortos para os pecados, vivamos para a justiça” (1Pe 2:24). Pecado é ilegalidade (*anomia* no grego; cf. 1 João 3:4), e Cristo Se manifestou para tirar, não a lei, mas a ilegalidade.

O que Ele veio destruir

A atitude de Cristo para com a lei é demonstrada na seguinte profecia de Isaías: Ele irá “engrandecer a lei e fazê-la gloriosa” (Is 42:21). Em Seu sermão da montanha, que é, em si mesmo, nada mais do que a interpretação dos princípios contidos nas palavras ditas a Moisés no Monte Sinai, Cristo disse: “Não penseis que vim revogar a Lei ou os Profetas; não vim para revogar, vim para cumprir” (Mt 5:17). “Ele veio para explicar a relação da lei para com o homem, e exemplificar-lhe os preceitos mediante Sua própria vida de obediência” (cf. *Desejado de Todas as Nações*, p. 308). As Escrituras nos informam que “para isto se manifestou o Filho de Deus: para *destruir as obras do diabo*” (1Jo 3:8). As obras do diabo são aquelas que contrariam a lei de Deus. “O diabo peca desde o princípio (1Jo 3:8, ACF), e, em todos os casos, “pecado é a transgressão da lei” (1Jo 3:4).

Além disso, Cristo veio para destruir o próprio diabo. Satanás introduziu neste mundo a rebelião contra Deus e Sua lei. Nesse contexto, a missão de Cristo, bem como Sua obra, consistiu em dar um basta à rebelião e um fim ao seu instigador. A fim de fazer isso, Ele tomou nossa carne, “para que, por sua morte, destruísse aquele que tem o poder da morte, a saber, o diabo” (Hb 2:14).

O que Ele veio mudar

É um bendito conforto sabermos que uma mudança foi operada por Cristo ao dar-Se a Si mesmo pelo homem. Certamente houve a necessidade de que ocorresse uma mudança. Os homens estavam longe da justiça,

[...] alheios à vida de Deus por causa da ignorância em que vivem, pela dureza do seu coração (Ef 2:12). Mas Deus, sendo rico em misericórdia, [...] nos deu vida juntamente com Cristo, [...] e, juntamente com Ele, nos ressuscitou, e nos fez assentar nos lugares celestiais em Cristo Jesus (Ef 2:4-6).

E assim, “todos nós [...] somos transformados, de glória em glória, *na Sua própria imagem*” (2Co 3:18). Contudo, mais do que apenas uma mudança de caráter nos foi provida. As Escrituras nos apresentam a promessa de restauração final:

Pois a nossa pátria está nos céus, de onde também aguardamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo, *o qual transformará o nosso corpo de humilhação*, para ser igual ao corpo da Sua glória (Fl 3: 20, 21).

[...] nem todos dormiremos, mas transformados seremos todos, num momento, num abrir e fechar de olhos, ao ressoar da última trombeta (1Co 15:51, 52).

Gloriosa mudança! Um caráter renovado e um corpo renovado! Essa é a plenitude da salvação que nos é dada em Cristo Jesus.

Torna-se evidente, com base no ensinamento das Escrituras, que Cristo veio para abolir, não a lei, mas a morte; Ele veio para lançar fora, não a lei, mas os nossos pecados; Ele veio destruir, não a lei, mas o diabo e suas obras; veio para mudar, não a lei, mas a nós. Ele fez tudo isso “pelo sacrifício de Si mesmo” (Hb 9:26). Se a lei pudesse ser mudada ou abolida, Cristo não precisaria ter morrido.

O pecado é transitório – a Lei é eterna

De diferentes maneiras Deus nos ensina que o pecado é transitório, enquanto a lei é eterna. Certa ocasião, quando Jesus estava ensinando, “os escribas e fariseus trouxeram à Sua presença uma mulher surpreendida em adultério”, e perguntaram-Lhe o que deveria ser feito nesse caso. Eles não perguntaram porque desejavam ser instruídos, mas “tentando-O, para terem de que O acusar”. Após os algozes da mulher terem feito sua acusação, “Jesus, inclinando-se, escrevia na terra com o dedo” (Jo 8:3, 6). Apesar de ter feito isso sem aparente propósito, Jesus estava traçando na areia, em caracteres legíveis, os pecados particulares dos quais eram culpados os acusadores da mulher (cf. *O Desejado de Todas as Nações*, p. 460). Jesus, portanto, escreveu o registro de pecados *sobre a areia*. Quão facilmente tal registro poderia ser apagado! Um sopro de vento ou uma borrifada de água, e já não mais existiria. Mas Deus escreveu Sua lei,

com o próprio dedo, *sobre tábuas de pedra* – um imutável e imperecível registro de Seu próprio caráter. Esta mesma lei, Ele a escreve no coração do crente, para permanecer ali por toda a eternidade, pois “aquele [...] que faz a vontade de Deus permanece eternamente” (1Jo 2:17). O pecado e a morte, resultantes do pecado, serão aniquilados, pois “o sangue de Jesus Cristo, seu Filho, nos purifica de todo pecado” (1Jo 1:7), e “tragada [será] a morte pela vitória” (1Co 15:54). A Bíblia diz ainda:

Todos os Teus mandamentos são justiça (Sl 119:172). A tua justiça é justiça eterna (Sl 119:142).

Ouvi-Me, vós que conheceis a justiça, vós, povo em cujo coração está a Minha lei (Isa 51:7). Minha salvação durará para sempre, e a Minha justiça não será anulada (Isa 51:6).

Jesus Cristo, ontem e hoje, é o mesmo e o será para sempre (Hb 13:8).

A própria acusação feita contra Deus por Satanás foi a de que Seu plano de governo era defeituoso, e Sua lei, imperfeita. Na verdade, toda a controvérsia entre Cristo e Satanás tem sido conduzida tendo como pano de fundo o seguinte aspecto: será o governo de Deus reconhecido e Sua lei respeitada neste mundo? Ou irá a rebelião vencer e o reino de Satanás ser estabelecido aqui? Não está claro, portanto, que todo aquele que hoje toma a posição de que a lei de Deus foi mudada ou abolida está, na verdade, pondo-se ao lado do “deus deste século” (2Co 4:4) e opondo-se ao “Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo”? (Ef 1:3). Deus, porém, mostrará, para a satisfação do Universo, após ter desmascarado toda obra de satanás, que Sua lei é perfeita e Seu governo é justo:

Quem Te não temerá, ó Senhor, e não magnificará o Teu nome? Porque só Tu és Santo; por isso, todas as nações virão e se prostrarão diante de Ti, porque os Teus juízos são manifestos (Ap 15:4, ARC).

Um padrão necessário

Se aceitarmos a alegação de que a lei de Deus foi mudada ou abolida, chegaremos à conclusão de que não há mais qualquer padrão que teste o caráter da justiça que os homens pretendem ter recebido pela fé. Cada um

então estará em plena liberdade para estabelecer seu próprio padrão a fim de satisfazer suas próprias inclinações. Um ensinamento dessa natureza está atualmente produzindo seu legítimo fruto neste mundo. A santa lei de Deus não é mais conclamada às consciências dos homens para convencê-los do pecado como o foi em dias passados. Por essa razão, a necessidade de um Salvador não é sentida no mesmo grau. Sem um padrão para testar a professa justiça dos homens, a contrafação passa por genuína, e a religião verdadeira é reprovada. É universalmente reconhecido que há uma extrema necessidade de se ter um padrão para todas as transações entre os homens. É por essa razão que temos, por exemplo, padrões de peso e medida. Sem esses e outros padrões haveria a mais terrível confusão no mundo dos negócios. Além disso, esses padrões não podem ser variáveis. Um padrão variável, simplesmente não é padrão. Porventura é o homem mais sábio que Deus? Disse acertadamente uma escritora cristã:

Fossem os homens livres para se apartar das reivindicações do Senhor e estabelecer uma norma de dever para si mesmos, e haveria uma variação de normas para se adaptarem aos vários espíritos, e o governo seria tirado das mãos de Deus. A vontade do homem se tornaria suprema, e o alto e santo querer de Deus – Seu desígnio de amor para com Suas criaturas – seria desonrado, desrespeitado (*O Maior Discurso de Cristo*, p. 51, 52).

Função da Lei

A função da lei de tornar o pecado conhecido e testemunhar da justiça recebida por meio da fé em Cristo pode ser ilustrada pela maneira como se usa um espelho. Quando homem se olha no espelho, pode descobrir que sua face está manchada com sujeira. O espelho não colocou a sujeira lá, e nem pode tirá-la dali. Ele simplesmente revela sua presença. Outros meios devem ser utilizados para remover a mancha. Quando isso é feito, o mesmo espelho é usado para testificar de que a face está limpa. Mas suponha que o homem quebre ou jogue fora o espelho, pelo fato de ter o mesmo mostrado que sua face está manchada, e agora, não plenamente satisfeito com isso, tente ele fazer a limpeza por si só. Pergunto: o que irá agora indicar sua satisfação pelo êxito de seus esforços? Ele pode se sentir melhor pelo fato de ter feito algum esforço para se limpar, porém pode ter

feito somente um serviço incompleto, ou até piorado as coisas. Da mesma forma, estamos manchados pelo pecado. A lei revela esse fato; contudo, ela não pode nos limpar. Existe, porém, “uma fonte aberta para a casa de Davi e para os habitantes de Jerusalém, para remover o pecado e a impureza” (Zc 13:1). Nessa fonte podemos nos lavar e ficar limpos. A lei testifica do caráter da obra efetuada em nosso favor por “Aquele que nos ama, e em seu sangue nos lavou dos nossos pecados” (Ap 1:5, ARC). Mas se a lei for mutável, ou se ela tiver sido abolida, somos deixados em incerteza. Nesse caso, a justiça própria pode passar por justiça, porque poderemos nos satisfazer em tentar alcançar o padrão que nós mesmos estabelecemos.

O penhor de uma Lei imutável

O fato de a lei de Deus não ter sido posta de lado é o penhor de nossa segurança no Céu: “Falai de tal maneira e de tal maneira procedei como aqueles que não de ser julgados pela lei da liberdade” (Tg 2:12). Essa lei é o padrão no juízo. Harmonia com a lei de Deus é a condição de entrada no reino. Todo aquele que busca ser admitido ali é testado por ela. A lei é um transcrito do caráter de Deus. Para não ser lançado fora do reino, faz-se necessário alcançar esse padrão em sua perfeição. Contudo, não podemos alcançar tal padrão, a menos que recebamos Cristo; e quando recebemos Cristo, sabemos que temos o padrão que passará no teste. Se qualquer um fosse admitido no reino sem estar em harmonia com a lei de Deus, tal pessoa levaria o pecado para dentro do mundo vindouro. O próprio fato de que a lei de Deus não pode ser mudada e nem abolida é nossa segurança no reino eterno, a garantia de que “não se levantará por duas vezes a angústia” (Na 1:9).

A Lei sem Cristo e a Lei em Cristo

Observem a diferença entre a lei de Deus como um código rígido, e a mesma lei vinda a nós em Cristo. Uma ordem que, sem Cristo, é uma regra rígida, em Cristo se torna uma promessa viva. A lei, sem Cristo, como simples código rígido, diz: “Faça isso” e “Não faça aquilo”. Mas a mesma lei, em Cristo, se torna uma viva promessa, uma dentre as “preciosas e mui grandes promessas” (2Pe 1:4) que Deus tem nos dado. *“Em toda ordem ou mandamento dado por Deus, há uma promessa, a mais*

positiva, a fundamentá-la” (*O Maior Discurso de Cristo*, p. 76). Quando lemos: “Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a Terra” (Mt 5:5), vemos aí claramente uma promessa. Quando lemos na lei: “Não matarás”, podemos ler esse mandamento sem Cristo, simplesmente como uma ordem; por outro lado, podemos lê-lo em Cristo como uma promessa viva. Em outras palavras, Cristo, por meio de Sua vida, promete a cada um de nós: “Tu não matarás”. Eu não posso, de mim mesmo, deixar de odiar, mas isso significa quebrar o sexto mandamento. Tento não fazer isso, mas ainda faço. Dou meia volta e descubro que essa mesma ordem, em Cristo, escrita pelo Espírito Santo do Deus vivo nas tábuas de carne do meu coração, brilha como uma promessa e me diz: “Tenho uma promessa para você. Você me recebeu. Por isso, você não vai matar”.

Sem Cristo, a lei, como um código, me diz: “Não furtarás”. Eu, porém, não consigo deixar de furtar. Dou então meia volta e descubro que essa mesma lei, em Cristo, brilha como uma promessa, e me diz agora: “Você é alguém que tem roubado. Eu tenho uma promessa a lhe fazer: Você não vai roubar”.

A lei revela o pecado ao definir o que é justiça, e então nos dirige a Cristo, Aquele que é o centro do evangelho. Ali a justiça da lei é revelada. [Ver Apêndice A, seção A].

Obediência plena

Obediência parcial é um caminho muito espinhoso; obediência plena é o fardo leve que nos é prometido. Quando dizemos ao Senhor que guardaremos todos os seus mandamentos, Ele imediatamente toma posse de nós e diz que o faremos. Não abolimos a lei pela fé; pelo contrário, “é a fé, e a fé somente, que nos torna participantes da graça de Cristo, a qual nos habilita a render obediência” (*Caminho a Cristo*, p. 60, 61). Tal obediência, porém, não é alcançada mediante a ordem “você deve obedecer”, dada ao crente, mas, sim, pelo abundante derramamento, em seu coração, do amor de Deus. Esse amor lhe dá a bendita certeza firmada nesta promessa: “Você obedecerá!”. A experiência de obediência não funciona assim: “Você deve cumprir a lei, caso contrário não vai viver”, mas assim: “Porque você vive agora nAquele que é o

Deus vivo, você cumprirá a lei”. Isso é justiça pela fé. Essa é a genuína representação do evangelho.

O mesmo padrão de justiça foi estabelecido perante o homem em todas as eras. Nos tempos antigos, a instrução foi: “Teme a Deus e guarda os Seus mandamentos, porque isto é o dever de todo homem” (Ec 12: 13). A morte de Cristo não causou nenhuma mudança nesse ensinamento, pois “a circuncisão é nada, e a incircuncisão nada é, mas, sim, a observância dos mandamentos de Deus” (1Co 7:19, ARC), e “este é o amor de Deus: que guardemos os Seus mandamentos; e os Seus mandamentos não são pesados” (1Jo 5:3, ARC). Além disso, a provisão para que alcancemos esse padrão de justiça também tem sido a mesma em todas as épocas. O Senhor disse dos antigos, através do profeta:

Dar-vos-ei coração novo e porei dentro de vós espírito novo; tirarei de vós o coração de pedra e vos darei coração de carne. Porei dentro de vós o Meu Espírito e *farei que andeis nos Meus estatutos, guardeis os Meus juízos* e os observeis (Ez 36:26, 27).

O mesmo fundamento de esperança para vitória na vida cristã nos é apresentado na oração inspirada do grande apóstolo:

Ora, o Deus da paz, [...] vos aperfeiçoe em todo o bem, para cumprirdes a Sua vontade, operando em vós o que é agradável diante dEle, por Jesus Cristo (Hb 13:20, 21).

Síntese

Estamos agora preparados para resumir os resultados de nosso estudo sobre a relação entre a lei e o evangelho. Descobrimos que a lei revela o pecado, ao definir o padrão da justiça, e que a justiça requerida pela lei é revelada no evangelho. Descobrimos que o evangelho é o evangelho *de Cristo*, e que a justiça que ali é revelada é a justiça operada em nosso favor por Cristo por meio de Sua vida de perfeita obediência à lei de Deus. Dessa forma, o evangelho é a provisão de Deus não apenas para cumprir, em Cristo, as exigências da lei *por* nós, mas também para cumprir as exigências dessa mesma lei *em* nós por intermédio de Cristo. Isso é alcançado quando recebemos Cristo, a própria lei encarnada,

dentro de nossos corações pela fé, de tal maneira que podemos dizer com o apóstolo: “Já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim” (Gl 2:20).

O fruto de tal união com Cristo é visto na vida que se harmoniza com a mesma lei que foi a inspiração para a vida dEle. E a lei que em primeiro lugar revelou o pecado, agora dá testemunho do genuíno caráter dessa justiça “que é pela fé de Jesus Cristo” (Rm 3:22, ARC). Assim, o que a lei não podia fazer, visto que estava fraca por causa da nossa carne, foi feito em nosso favor ao ser essa mesma lei posta na carne de Cristo, e, por meio dEle, em nossa carne, “para que a justiça da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito” (Rm 8:4).

Essas considerações nos conduzem à conclusão de que O EVANGELHO É SIMPLEMENTE A LEI EM CRISTO. Portanto, qualquer tentativa de abolir a lei constitui uma tentativa de abolir Cristo e o evangelho; e qualquer tentativa de mudar a lei representa uma tentativa de mudar o caráter de Cristo e desviar o propósito do evangelho. Um coração cheio de amor por Cristo e pelo Espírito da verdade não tem nenhum desejo de alcançar esses resultados. Ao contrário, dirá como o coração cheio de gratidão: “Grande paz têm os que amam a tua lei; para eles ela não será uma pedra de tropeço” (Sl 119:165, tradução de Spurril).

Sessão 3 – Apêndices

Apêndice A



Declarações de Ellen White sobre a União entre a Lei e o Evangelho

Apresentaremos em primeiro lugar uma carta escrita poucos dias antes da publicação da segunda parte do sermão de Prescott “A Lei em Cristo”. As demais declarações se encontram em ordem cronológica a partir de 1888. Todos os grifos são nossos. Seções e comentários entre colchetes são da autoria do compilador.

6 de junho de 1896
Carta 96, 1896, a Uriah Smith

[Existe uma correlação muito significativa entre os conceitos expressos nos dois últimos parágrafos da seção A Lei sem Cristo e a Lei em Cristo do sermão de Prescott “A Lei em Cristo”. A mesma relação existe entre o último texto usado por Prescott e uma carta que Ellen White escreveu cinco dias depois que esses parágrafos foram publicados. Esta carta endereçada a Uriah Smith é uma evidência adicional do apoio de Ellen White aos pensamentos compartilhados por Prescott. Segue abaixo a carta em sua totalidade.]

“Sunnyside” Cooranbong, Nova Gales do Sul, Austrália, 6 de junho de 1896

Ao Irmão Smith,
Battle Creek, Michigan
Prezado irmão,

(As páginas anexas apresentam alguns pontos que foram apresentados a Ellen White na noite passada, e que ela gostaria que fossem enviados para você. Faz alguns dias que ela vem sofrendo os efeitos do

frio e do excesso de trabalho, e se encontra hoje sem condições de ler ou escrever. Transcrevi o assunto conforme ela me apresentou. Enviamos pelo correio de S. F. algumas cópias de artigos e cartas que Ellen White gostaria que você lesse. Como não estávamos certos se você estava em Battle Creek, o material foi enviado ao irmão Tenney, com orientações para que ele lesse e encaminhasse a você. Atenciosamente, M. Davis)

“De maneira que a lei nos serviu de aio para nos conduzir a Cristo, a fim de que fôssemos justificados por fé” (Gl 3:24). Nessa passagem, o Espírito Santo, por meio do apóstolo, está se referindo especificamente à lei moral. *A lei nos revela o pecado* e nos leva sentir nossa necessidade de Cristo e buscar refúgio nEle a fim de alcançarmos perdão e paz mediante a prática do arrependimento para com Deus e fé para com nosso Senhor Jesus Cristo.

A falta de disposição para renunciar a opiniões preconcebidas e aceitar *esta verdade* constitui a base de grande parte da oposição manifestada em Minneapolis contra *a mensagem do Senhor* por intermédio dos irmãos Waggoner e Jones. Por incitar aquela oposição, Satanás foi bem sucedido em afastar de nosso povo, em grande medida, o poder especial do Espírito Santo que Deus ansiava lhes comunicar. O inimigo os impediu de alcançar a eficiência que poderia ter sido deles ao levarem a verdade ao mundo, assim como os apóstolos a proclamaram após o dia de Pentecoste. *A luz que deve iluminar toda a Terra* com sua glória foi resistida, e pela ação de nossos irmãos tem sido, em grande medida, excluída do mundo.

Não devemos considerar Deus como se Ele estivesse à espera do pecador para puni-lo por seu pecado. O pecador traz punição sobre si mesmo. Suas próprias ações põem em ação uma cadeia de circunstâncias que trazem um resultado certo. Cada ato de transgressão produz uma reação sobre o próprio pecador, opera nele mudança de caráter, tornando-o mais susceptível a transgredir novamente. Ao escolherem pecar, os homens se separam de Deus e se desligam do canal de bênção, e o resultado certo é a ruína e morte.

A lei é uma expressão do pensamento de Deus: quando a recebem *em Cristo*, ela se torna nosso pensamento. Ela nos eleva acima do poder dos desejos e tendências naturais, acima das tentações que nos conduzem ao pecado. “Grande paz têm os que amam a tua lei; para eles não há tropeço” [Sl 119:165]. Nada os levará a tropeçar.

Não há nenhuma paz na injustiça. Os ímpios estão em guerra contra Deus. Mas quem recebe a *justiça da lei em Cristo* está em harmonia com o Céu. “Encontraram-se a graça e a verdade, a justiça e a paz se beijaram” [Sl 85:11]. (*The Ellen G. White 1888 Materials*, p. 1574-1576).

Novembro de 1888
Manuscrito 15, 1888, Aos Irmãos Reunidos
na Assembleia da Associação Geral

[Este manuscrito foi endereçado aos delegados da assembleia da Associação Geral de Minneapolis. Nele se faz referência à assembleia de 1886, que ocorreu enquanto Ellen White se encontrava na Suíça, e na qual G. I. Butler distribuiu seu livro *The Law in the Book of Galatians* [A Lei no Livro de Gálatas].]

Sei que seria perigoso condenar a posição do Dr. Waggoner como totalmente errônea. Tal postura agradaria ao inimigo. Eu vejo a beleza da verdade na apresentação da *justiça de Cristo em relação à lei* conforme o doutor tem colocado diante de nós. Muitos de vocês afirmam que se trata de luz e verdade. Todavia, vocês até o momento não a apresentaram nessa perspectiva. Será que ele, mediante oração e fervorosa pesquisa das Escrituras, não teria chegado a ver luz ainda maior sobre algumas questões? O que ele tem apresentado se harmoniza perfeitamente com a luz que aprouve a Deus me revelar durante todos os anos de minha experiência. Se nossos pastores aceitassem a doutrina que tem sido apresentado tão claramente – a justiça de Cristo em conexão com a lei (e reconheço que eles precisam aceitá-la) – o preconceito deles não teria um poder controlador, e as pessoas seriam alimentadas com a porção que lhes cabe de alimento em tempo oportuno. Peguemos nossas Bíblias, e, com oração humilde e um espírito disposto a aprender, acheguemo-nos ao grande Mestre do mundo. Oremos como Davi: “Desvenda os meus olhos, para que eu contemple as maravilhas da Tua lei” (Sl 119:18).

[...] A verdade deve ser apresentada como é em Jesus. Se houver entre nós pessoas que vão ficar agitadas pelo fato de serem apresentadas nesta reunião ideias contrárias ao que elas têm acreditado, ponham um fim então às críticas não santificadas de vocês e investiguem com sinceridade o assunto, pois ele santificará a alma.

Dois anos atrás, quando estava na Suíça, minha atenção foi chamada durante a noite por uma voz que dizia: “Siga-me.” Acho que me levantei e segui meu guia. Parecia que eu estava no Tabernáculo de Battle Creek, e meu guia me deu instruções referentes a muitas coisas ocorrendo na assembleia [1886]. Farei um resumo de algumas coisas que foram ditas: “O Espírito de Deus não tem exercido uma influência controladora nesta reunião. O espírito que tomou conta dos fariseus está penetrando no meio deste povo, que tem sido grandemente favorecido por Deus”.

Muitas coisas foram faladas que não lhes apresentarei. Foi-me dito que havia a necessidade de grande reavivamento entre os líderes que possuem responsabilidades na causa de Deus. Em nenhum dos lados havia perfeição em todos os pontos no assunto em discussão. Vocês devem pesquisar as Escrituras em busca de evidências da verdade. “Há apenas alguns, mesmo dentre os que afirmam crer nela, que compreendem a mensagem do terceiro anjo, apesar de se tratar da mensagem para este tempo e verdade presente. Mas quão poucos abraçam essa mensagem em toda sua importância e a apresentam ao povo no poder que ela possui! Para muitos, sua força é muito pequena”.

Disse meu guia: *“Existe ainda muita luz a ser irradiada da lei de Deus e do evangelho da justiça. Esta mensagem, entendida em seu verdadeiro caráter, e proclamada no Espírito, iluminará a Terra com sua glória. A grande questão decisiva deve ser colocada diante de todas as nações, línguas e povos. A obra final da mensagem do terceiro anjo será acompanhada de um poder que enviará os raios do Sol da Justiça por todos os caminhos e atalhos da sociedade, e decisões serão tomadas em favor de Deus como o Governador supremo. Sua lei será respeitada como a norma do Seu governo”.* (*The Ellen G. White 1888 Materials*, p. 164-166).

27 de maio de 1890

“Canais Vivos de Luz”, artigo da Review and Herald

Deveria haver entre os ministros de Deus uma profunda investigação das Escrituras de maneira que pudessem anunciar todo o conselho de Deus. A relação de Cristo para com a lei é compreendida muito vagamente. Alguns pregam a lei e creem que seus irmãos não estão cumprindo todo o seu dever a menos que apresentem o assunto da maneira exata

como eles o fazem. Esses irmãos se esquivam de apresentar a justificação pela fé. Contudo, tão logo Cristo for descoberto em Sua verdadeira posição em relação à lei, a concepção errônea que tem existido sobre esse importante assunto será removida. *A lei e o evangelho estão tão unidos que a verdade não pode ser apresentada como é em Jesus sem que esses dois assuntos estejam combinados em perfeita harmonia.* A lei representa o evangelho de Cristo velado; e o evangelho de Jesus não é nada mais, nada menos do que a lei explicada, mostrando seus princípios de longo alcance. “Examinai as Escrituras”, é a ordem de nosso Senhor. Investiguem para descobrir o que é a verdade. Deus nos deixou um teste para provar toda doutrina: “À lei e ao testemunho! Se eles não falarem desta maneira, jamais verão a alva” [Is 8:20]. Examinem as Escrituras com diligência, sinceridade, sem se cansarem, a fim de descobrirem o que Deus ali revelou a respeito de vocês mesmos, dos deveres, obra, responsabilidades e futuro de vocês, de modo que vocês não venham a cometer erro algum enquanto buscam a vida eterna. Ao pesquisarem as Escrituras, vocês poderão conhecer a mente e a vontade de Deus. E mesmo que a verdade não coincida com as ideias de vocês, vocês terão a graça para depor todo preconceito que os prende em seus próprios costumes e práticas. Dessa forma, poderão perceber o que é a verdade pura e não adulterada. Atentem para a Palavra de Deus. Obedeça-lhe de coração. Cristo possui uma compaixão e ternura ilimitada para todos os que se arrependem. Ele perdoará o transgressor. (*The Ellen G. White 1888 Materials*, p. 674).

27 de dezembro de 1890 Diário, Washington, D.C.

Sinto a responsabilidade em minha alma de *apresentar não somente a lei, mas o evangelho*. Um não é completo sem o outro. [...]

A lei e o evangelho andam de mãos dadas. Um é o complemento do outro. A lei sem a fé no evangelho de Cristo não pode salvar o transgressor da lei. O evangelho sem a lei é ineficaz e impotente. *A lei e o evangelho formam um todo perfeito.* O Senhor Jesus pôs o fundamento do edifício. Ele diz: “Ele colocará a pedra de remate, em meio a aclamações: Haja graça e graça para ela! (Zc 4:7). Ele é o Autor e o Consumador de nossa fé, o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim, o primeiro e o último. Os

dois unidos – o evangelho de Cristo e a lei de Deus – produzem amor e fé genuínos. (*The Ellen G. White 1888 Materials*, p. 779, 783).

**Manuscrito 36, 1890,
“O Perigo de Falsas Ideias sobre Justificação pela Fé”**

[...] Por um lado, os religiosos [fundamentalistas] em geral divorciam a lei do evangelho, ao passo que nós, por outra parte, quase fizemos o mesmo de outro ponto de vista. Não expusemos às pessoas a justiça de Cristo e a ampla significação de Seu grande plano de redenção. Deixamos de lado a Cristo e Seu incomparável amor, introduzimos teorias e raciocínios e pregamos sermões argumentativos. (*The Ellen G. White 1888 Materials*, p. 882).

**27 de fevereiro de 1891
Diário, “Cristo Justiça Nossa”**

A lei e o evangelho, revelados na Palavra, devem ser pregados ao povo, pois, *unidos, a lei e o evangelho convencerão do pecado*. [...] Tanto a lei quanto o evangelho estão unidos. *Em nenhum sermão devem os dois permanecer divorciados*. (*The Ellen G. White 1888 Materials*, p. 1892).

**13 de dezembro de 1892
“Deixem que a Trombeta Dê um Sonido Certo”,
artigo da *Review and Herald***

Assim como o arco-íris é formado pela união da luz solar com a chuva, o arco-íris que circunda o trono representa a combinação do poder da misericórdia com o da justiça. Não é a justiça somente que deve ser mantida, pois isso eclipsaria a glória do arco-íris da promessa acima do trono. Nesse caso, os homens só veriam a penalidade da lei. Caso não existisse a justiça e nenhuma penalidade, não haveria nenhuma estabilidade no governo de Deus. É a combinação de juízo e misericórdia que torna a salvação completa. É a união entre os dois que nos leva, ao contemplarmos o Redentor do mundo, bem como a lei de Jeová, a exclamar: “A Tua clemência me engrandeceu” [2Sm 22:36]. Sabemos que o *evangelho*

representa um sistema perfeito e completo, revelando a imutabilidade da *lei* de Deus. Ele inspira o coração com *esperança* e *amor* a Deus. A misericórdia nos convida a entrar pelos portais da cidade de Deus; e a justiça é satisfeita de maneira que concede a toda alma obediente plenos privilégios como membro da família real, como filho de Rei celestial. Se tivéssemos um caráter defeituoso, não teríamos condição de transpor os portais que a misericórdia abriu ao obediente. A justiça se coloca na entrada e exige santidade em todos os que desejam ver Deus. Se a justiça se extinguisse, e fosse possível que a misericórdia divina abrisse as portas a toda a raça humana, independentemente do caráter, haveria uma condição de inimizade e rebelião no Céu pior do que a que existiu antes de Satanás ser expulso. A paz, a felicidade e harmonia celestiais seriam arruinadas. A transferência dos homens da Terra para o Céu não mudarão seu caráter. A felicidade dos redimidos no Céu é resultado do caráter formado nesta vida segundo a imagem de Cristo. Os santos no Céu terão primeiramente sido santos na Terra. (*The Ellen G. White 1888 Materials*, p. 1080).

20 de março de 1894 “Cristo o Centro da Mensagem”

Deus, em Seu amor, abriu-nos o mais extraordinário canal de preciosa verdade pelo qual tem percorrido livremente, para a igreja e o mundo, os tesouros da graça de Cristo. “Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigênito, para que todo o que nEle crê não pereça, mas tenha a vida eterna”. Que amor é esse – que amor maravilhoso e insondável! – que levou Cristo a morrer por nós enquanto ainda éramos pecadores. Que perda é para a alma que compreende as fortes reivindicações *da lei*, mas deixa de compreender *a graça de Cristo* que superabundou [cf. Rm 5:20]. É verdade que *a lei* de Deus revela *o amor* de Deus quando esta é pregada segundo *a verdade em Jesus*. Por isso, o dom de Cristo a este mundo culpado deve ser intensamente pregado em todo sermão. Não é de admirar que corações não têm se comovido pela verdade, visto que esta tem sido apresentada de modo frio e sem vida. Não é de admirar que a fé tem vacilado diante das promessas de Deus, visto que ministros e obreiros têm fracassado em apresentar *Jesus em Sua relação com a lei de Deus*. Com que frequência eles não deveriam ter assegurado

às pessoas que “Aquele que não poupou o Seu próprio Filho, antes, por todos nós O entregou, porventura, não nos dará graciosamente com Ele todas as coisas? [Rm 8:32]. (*The Ellen G. White 1888 Materials*, p. 1225).

1º de maio de 1895
Carta 57, 1895 a O. A. Olsen

A menos que o pecador faça da contemplação do Salvador crucificado o interesse principal de sua vida, e, pela fé, aceite os méritos que é seu privilégio reivindicar, este é tão incapaz de ser salvo quanto Pedro de andar por sobre as águas sem que mantivesse o olhar fixo em Jesus. Tem sido o propósito determinado de Satanás eclipsar a visão de Jesus e levar as pessoas a olhar para o ser humano, confiar no ser humano, a ponto de ficarem acostumadas a esperar dele o socorro. Faz anos que a igreja vem olhando para o homem, e esperando muito dele em vez de olhar a Jesus, em quem se centraliza nossa esperança de vida eterna. Portanto, Deus concedeu a Seus servos *um testemunho* que apresentou *a verdade como é em Jesus*, que é *a terceira mensagem angélica em linhas claras e distintas*.

As palavras de João [devem] ser proclamadas pelo povo de Deus a fim de que todos possam discernir a luz e andar na luz:

Quem vem das alturas certamente está acima de todos; quem vem da terra é terreno e fala da terra; quem veio do Céu está acima de todos e testifica o que tem visto e ouvido; contudo, ninguém aceita o *Seu testemunho*. Quem, todavia, Lhe aceita *o testemunho*, por sua vez, certifica que Deus é verdadeiro. Pois o enviado de Deus fala as palavras dEle, porque Deus não dá o Espírito por medida. O Pai ama ao Filho, e todas as coisas tem confiado às Suas mãos. Por isso, quem crê no Filho tem a vida eterna; o que, todavia, se mantém rebelde contra o Filho não verá a vida, mas sobre ele permanece a ira de Deus (Jo 3:31).

Este é o *testemunho* que *deve ir por toda a extensão e largura da terra*. Ele apresenta a lei e o evangelho, unindo os dois num todo perfeito. (Ver Romanos 5 e 1 João 3:9 até o fim do capítulo). *Essas preciosas passagens serão impressas em cada coração aberto para recebê-las*. “A revelação das Tuas

palavras esclarece e dá entendimento aos simples” [Sl 119:130] – aos que são contritos de coração. “A todos quantos O receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, a saber, aos que creem no Seu nome” [Jo 1:12]. Esses não têm mera fé nominal, uma teoria da verdade, uma religião legal, mas creem com vistas a um propósito: apropriar-se dos ricos dons de Deus. Eles rogam pelo dom, para que o possam dar a outros. Esses podem dizer: “Porque todos nós temos recebido da Sua plenitude e graça sobre graça” [Jo 1:16]. (*The Ellen G. White 1888 Materials*, p. 1338, 1339).

25 de maio de 1896

“Pregando a Lei e o Evangelho”, artigo do *The Bible Echo*

[Temos aqui outra correlação significativa entre o que Ellen White estava escrevendo sobre a lei e o evangelho e as apresentações de Prescott. Numa coluna bem ao lado da sexta seção do artigo de Prescott intitulado “The Law in Christ; Or, The Relation Between the Law and the Gospel” [A Lei em Cristo, Ou a Relação entre a Lei e o Evangelho], publicado em 25 de maio de 1896 no *The Bible Echo*, encontra-se um artigo de dois parágrafos de Ellen White intitulado “Preaching the Law and the Gospel” [Pregando a Lei e o Evangelho]. Visto que o *Bible Echo* era uma revista missionária destinada a não adventistas, Ellen White está claramente escrevendo aos “religiosos [tradicionais]” que “geralmente separam a lei e o evangelho”, e deixam de lado a lei. O apelo dela aos adventistas do sétimo dia, “por outro lado”, era para que pregassem o evangelho, e não simplesmente a lei, conforme o Manuscrito 36 de 1890 claramente afirmou. (Ver seção E)]

[...] O evangelho tem sido publicado a uma grande parte da raça humana. Mas a lei de Deus, o fundamento de Seu governo, tem sido obscurecida pelas superstições e invenções dos homens. (*The Bible Echo*, 25 de maio de 1896).

Apêndice B



Declarações de Ellen White que Mostram que os Mandamentos de Deus e a Fé de Jesus são Igualmente Importantes

As citações a seguir são fruto de uma pesquisa nos *Ellen G. White 1888 Materials* [Materiais de Ellen G. White relacionados com a Assembleia de 1888, publicado pelo Ellen G. White Estate em 4 volumes], em que se procurou investigar o uso que ela fez das frases “os mandamentos de Deus” e a “fé de Jesus”, conforme se encontram em Apocalipse 14:12. Os resultados são muito instrutivos. Observe especialmente a Seção A, p. 217, onde ela compara a “os mandamentos de Deus e a fé de Jesus” com “a lei e o evangelho indo de mãos dadas”. Essas frases foram grifadas, bem como outros pensamentos pertinentes. A paginação da citação no *1888 Materials* está indicada entre colchetes ao final dos parágrafos.

Dezembro de 1888

Manuscrito 24, 1888, “Minneapolis em Retrospectiva”

Ao irmão E. J. Waggoner foi concedido o privilégio de falar claramente e apresentar seus pontos de vista sobre a justificação pela fé e a justiça de Cristo em relação à lei. Não se tratava de nenhuma luz nova, mas luz antiga colocada onde ela deveria estar na mensagem do terceiro anjo. Qual é a *essência dessa mensagem*? João observa um povo. Ele diz: “Aqui está a paciência dos santos; aqui estão os que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus” (Ap 14:12, King James Version). João contempla esse povo imediatamente antes de ver o Filho do Homem

“tendo na cabeça uma coroa de ouro e na mão uma foice afiada” (v. 14). (*The Ellen G. White 1888 Materials*, p. 211).

A fé de Jesus tem sido ignorada e tratada com indiferença e descuido. Ela não tem ocupado a posição de proeminência em que foi revelada a João. A fé em Cristo como a única esperança do pecador tem sido, em grande medida, deixada de lado, não apenas nos sermões, mas na experiência religiosa de muitíssimos que professam crer na terceira mensagem angélica. Nesta reunião, dei testemunho de que a mais preciosa luz estava brilhando das Escrituras na apresentação do grande tema da *justiça de Cristo em conexão com a lei*, a qual deveria constantemente ser mantida diante do pecador como sua única esperança de salvação. Isso não era luz nova para mim, pois ela me havia sido dada por uma autoridade superior durante os últimos 44 anos, e eu a tinha apresentado a nosso povo pela pena e voz nos testemunhos do Seu Espírito. Pouquíssimos, porém, haviam correspondido, salvo por assentimento intelectual, aos testemunhos apresentados sobre esse tema. No geral, muito pouco se havia falado e escrito sobre este grande tema. Os sermões de alguns podem ser corretamente comparados com a oferta de Caim – destituídos de Cristo. (*The Ellen G. White 1888 Materials*, p. 212).

A mensagem do terceiro anjo consiste na proclamação dos *mandamentos de Deus* e da *fé de Jesus Cristo*. Os *mandamentos de Deus* têm sido proclamados, mas a *fé de Jesus Cristo* não tem sido proclamada pelos adventistas do sétimo dia como sendo de igual importância, *a lei e o evangelho indo de mãos dadas*. Não consigo encontrar linguagem para expressar esse assunto em sua plenitude.

“A fé de Jesus”. Fala-se dela, mas ela não é compreendida. Em que consiste a *fé de Jesus* em sua relação com a mensagem do terceiro anjo? Jesus tornando-Se o portador do nosso pecado para que pudesse Se tornar o Salvador que perdoa o pecado. Ele foi tratado como merecemos ser tratados. Ele veio a nosso mundo e tomou sobre Si nossos pecados para que pudéssemos nos apropriar de Sua justiça. Fé na capacidade de Cristo de nos salvar ampla, completa e inteiramente: esta é a *fé de Jesus*. (*The Ellen G. White 1888 Materials*, p. 217).

Junho de 1889
Manuscrito 30, 1889, “Experiências Após a Assembleia de
Minneapolis”

A mensagem que foi dada ao povo nessas reuniões apresentava em linhas claras não apenas *os mandamentos de Deus* – uma parte da terceira mensagem angélica –, mas *a fé de Jesus*, que envolve mais do que geralmente se supõe. E será um benefício para a terceira mensagem angélica que ela seja proclamada *em todas as suas partes*, pois o povo precisa de cada jota ou til dela. Se proclamarmos *os mandamentos de Deus* e raramente mencionarmos a outra metade, a mensagem ficará desfigurada em nossas mãos. (*The Ellen G. White 1888 Materials*, p. 367).

Nada deixei por fazer daquilo que tive qualquer evidência de que era meu dever realizar. E no que diz respeito a Battle Creek, nada mais posso fazer além do que já fiz. Os que não se uniram a mim nem aos mensageiros de Deus nessa obra, mas, ao contrário, exerceram sua influência para criar dúvidas e incredulidade, eu não os julgo. Cada til de influência lançada no lado do inimigo receberá sua recompensa de acordo com suas obras. Deus estava operando por meu intermédio para apresentar ao povo uma mensagem relacionada com *a fé de Jesus* e a justiça de Cristo. Há pessoas que não têm trabalhado em harmonia, mas de modo a contrafazer a obra que Deus me deu para fazer. Devo deixá-los com o Senhor. (*The Ellen G. White 1888 Materials*, p. 370, 371).

O Senhor não fica satisfeito em ver homens confiando em sua própria capacidade ou boas obras, ou numa religião legalista. A confiança deve estar em Deus, no Deus vivo. A mensagem presente que Deus incumbiu Seus servos de proclamar ao povo não representa nenhuma luz nova ou assunto original. Trata-se de uma antiga verdade que se perdeu de vista, exatamente como Satanás magistralmente se empenhou para que assim fosse. O Senhor tem uma obra a ser feita por todo aquele que faz parte de Seu povo fiel: colocar *a fé de Jesus* no lugar correto ao qual ela pertence – na terceira mensagem angélica. *A lei* tem sua importância, mas é impotente *a menos que a justiça de Cristo seja colocada ao lado da lei* para que faça brilhar sua glória sobre todo o padrão real de justiça. “Por

consequinte, a lei é santa; e o mandamento, santo, e justo, e bom” (Rm 7:12). (*The Ellen G. White 1888 Materials*, p. 375).

Fiquem fora do caminho, irmãos. Não se coloquem entre Deus e Sua obra. Se vocês próprios não sentem nenhuma responsabilidade pela mensagem, liberem então o caminho para aqueles que sentem essa responsabilidade, pois há muitas almas esperando para sair das fileiras do mundo, das igrejas – incluindo a igreja católica – cujo zelo superará em muito o dos que até o momento têm composto o grupo de irmãos dedicados à proclamação da verdade. Por essa razão, os trabalhadores da undécima hora receberão o seu salário. Esses verão a batalha se aproximando e darão à trombeta um somido certo. Quando a crise estiver diante de nós, quando o tempo de calamidade chegar, eles virão para a frente da batalha, cingir-se-ão com toda a armadura de Deus, exaltarão a lei de Deus, permanecerão fieis à *fé de Jesus* e preservarão a causa de liberdade religiosa que os reformadores defenderam arduamente e pela qual sacrificaram suas vidas. (*The Ellen G. White 1888 Materials*, p. 378).

13 de setembro de 1889

Manuscrito 27, 1889, “Conselhos a Ministros”

A mensagem que salva almas, a terceira mensagem angélica, é a mensagem a ser proclamada ao mundo. *Os mandamentos de Deus* e a *fé de Jesus*, ambas são *importantes, imensamente importantes*, e devem ser pregados com igual força e poder. A primeira parte da mensagem tem recebido a primazia; a última parte, só é mencionada casualmente. *A fé de Jesus* não é compreendida. Precisamos falar sobre ela, precisamos vivê-la, orar sobre ela e educar o povo a trazer para o círculo familiar essa parte da mensagem. “Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus” (Fl 2:5). (*The Ellen G. White 1888 Materials*, p. 430).

Outubro de 1889

Manuscrito 22, 1889, Entrada de Diários

Não poderemos enfrentar as provações deste tempo sem Deus. Só teremos a coragem e fortaleza dos mártires da antiguidade quando formos chamados a ocupar a posição em que se encontravam. Deus supre

Seu povo com uma medida de graça proporcional a cada emergência. Cumpre-nos receber os suprimentos diários de graça para as emergências de cada dia. Dessa forma, crescemos em graça e no conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo; e caso a perseguição nos sobrevenha, e precisemos ficar confinados às paredes de uma prisão por causa da *fé de Jesus* e da guarda da *santa lei de Deus*, “tua força será como os teus dias” [Dt 33:25]. Caso retornassem tempos de perseguição, graça seria concedida para despertar toda a energia da alma capaz de revelar verdadeiro heroísmo. Contudo, há uma grande quantidade [de heroísmo] do cristianismo nominal que não tem sua origem em Deus, a Fonte de todo poder e força. Deus não nos concede poder para nos tornar independentes e autossuficientes. Devemos sempre fazer de Deus nossa única dependência. (*The Ellen G. White 1888 Materials*, p. 460).

Dezembro de 1889

Manuscrito 18, 1889, “Mensagem Alusiva ao Movimento Dominical”

Deveríamos estudar diligentemente a Palavra de Deus e orar, com fé, para que Deus refreie os poderes das trevas, pois, até o momento, a mensagem chegou a poucos, comparativamente falando; e o mundo deve ser iluminado com sua glória. A verdade presente – *os mandamentos de Deus e a fé de Jesus* – ainda não soou como deveria. Há muitos praticamente à sombra de nossas próprias portas por cuja salvação nenhum esforço pessoal sequer foi feito. (*The Ellen G. White 1888 Materials*, p. 502).

1889

Manuscrito 13, 1889, “Permanecendo Firmes em favor dos Marcos”

A passagem do tempo em 1844 foi um período de grandes eventos, descortinando diante de nossos olhos atônitos a purificação do santuário em andamento no Céu e tendo clara relação com o povo de Deus na Terra, [também] as mensagens do primeiro e do segundo anjos, e a terceira, desfraldando a bandeira sobre a qual se acham gravados: “*Os mandamentos de Deus e a fé de Jesus*”. Um dos marcos dessa mensagem era o templo de Deus, visto no Céu por Seu povo amante da verdade, e a arca contendo a lei de Deus. A luz do sábado do quarto mandamento

irradiava seus potentes raios sobre o caminho dos transgressores da lei de Deus. A não imortalidade dos ímpios constitui também um marco. Não me lembro de mais nada que possa estar incluído na categoria dos antigos marcos. Todo esse protesto contra mudanças nos antigos marcos é tudo imaginário. (*The Ellen G. White 1888 Materials*, p. 518).

Novembro de 1890

Carta 1f, 1890, “Aos Irmãos em Posições de Responsabilidade”

[Os parágrafos a seguir encontram-se, de forma praticamente idêntica, também no artigo “Deixem que a trombeta Dê um Sonido Certo”, p. 1078 e 1080, publicado na *Review and Herald* de 6 de dezembro de 1892 e 13 de dezembro de 1892]

Enquanto a bandeira da verdade é segurada firmemente, proclamando a lei de Deus, que cada pessoa se lembre de que a *fé de Jesus* está conectada com *os mandamentos de Deus*. O terceiro anjo é representado como estando voando no meio do céu, simbolizando a obra daqueles que proclamam a primeira, segunda e terceira mensagem angélica. Todas elas estão interligadas. As evidências da permanente e sempiterna verdade dessas grandes verdades – que tanto significam para nós e têm despertado tão intensa oposição do mundo religioso – não estão extintas. Satanás está constantemente procurando lançar sua sombra infernal sobre essas mensagens, de modo que o povo de Deus não venha a discernir claramente sua importância, seu tempo e lugar. Todavia, elas perduram, e hão de exercer seu poder sobre nossa experiência religiosa enquanto o tempo durar. (*The Ellen G. White 1888 Materials*, p. 724, 725).

O arco-íris acima do trono, o arco da promessa, testifica a todo o mundo que Deus nunca se esquecerá de Seu povo em suas lutas. Que Jesus seja nosso tema. Vamos apresentar, com a pena e com a voz, não apenas *os mandamentos de Deus*, mas a *fé de Jesus*. Isso promoverá verdadeira piedade de coração como nada mais pode fazer. À medida que apresentarmos o fato de que todos são súditos de um governo moral, a razão os instruirá de que isso é verdade, e de que devem fidelidade a Jeová. Esta vida é nosso tempo de provação. Somos colocados sob a disciplina e o governo de Deus a fim de formarmos um caráter e adquirir

hábitos para a vida superior. Tentações certamente virão sobre nós. A iniquidade abunda. Quando menos esperamos, capítulos sombrios e demasiadamente terríveis [de nossa vida] se abrirão a fim de oprimir a alma. Não precisaremos, porém, fracassar nem nos desanimar enquanto tivermos a consciência de que o arco da promessa está acima do trono de Deus. Estaremos sujeitos a fortes provações, oposição, perdas de entes queridos e aflições. Sabemos, porém, que Cristo passou por tudo isso. Essas experiências são valiosas para nós. As vantagens não restringem, de modo algum, a essa curta existência. Elas alcançam as eras eternas. Por meio da paciência, fé e esperança, demonstradas em todos os passageiros episódios da vida, estamos formando um caráter para a vida eterna. Tudo cooperará para o bem daqueles que amam a Deus. (*The Ellen G. White 1888 Materials*, p. 728, 729).

24 de março de 1891

Boletim da Conferência Geral, 13 de abril de 1891

“Nossos Perigos Atuais”

Existe a mais elevada razão para valorizarmos o verdadeiro sábado e nos posicionarmos em sua defesa, pois é o sinal que distingue o povo de Deus do mundo. O mandamento que o mundo anula será, por esse mesmo motivo, o mandamento ao qual o povo de Deus dará uma honra maior. É justamente quando os infiéis desprezam a Palavra de Deus que os fiéis Calebes são convocados. É nesse momento que se posicionarão firmes no posto de dever, sem ostentação e sem vacilar diante do opróbrio. Os espiões incrédulos estavam a ponto de destruir Calebe. Ele viu as pedras nas mãos dos que haviam trazido um falso relatório, mas isso não o deteve. Ele tinha uma mensagem, e iria transmiti-la. Esse mesmo espírito será demonstrado por aqueles que são leais a Deus. O salmista diz: “A Tua lei está sendo violada. Amo os Teus mandamentos mais do que o ouro, mais do que o ouro refinado [Sl 119:126, 127]. Quando os homens se aconchegam ao lado de Jesus, Quando Cristo habita no coração pela fé, o amor deles pelos mandamentos de Deus fica mais forte, na mesma proporção em que se acumula o desprezo que o mundo lança sobre os Seus santos mandamentos. É nesse tempo que o sábado deve ser apresentado diante das pessoas tanto pela pena como pela voz. Quando o quarto

mandamento e aqueles que os observam forem ignorados e desprezados, os fiéis sentem que chegou o tempo, não para esconderem sua fé, mas para exaltarem a lei de Jeová mediante o desfraldar da bandeira em que se encontra inscrita a mensagem do terceiro anjo, *os mandamentos de Deus e a fé de Jesus*. (*The Ellen G. White 1888 Materials*, p. 902).

16 de janeiro de 1896

Carta 6, 1896

“Aos Irmãos que Ocupam Posições de Responsabilidade na Obra”

Um dos perigos aos quais o povo de Deus estará exposto é este: as ilusões que estão sobrevivendo a um mundo que se afastou da verdade. Essas terão um poder tão enganoso que o apóstolo, sob a inspiração do Espírito de Deus, declara: “Se possível fora, enganariam até os escolhidos” [Mt 24:24]. Nossa obra agora é confirmar nossa alma na fé – aquele tipo de fé operante, que opera por amor e purifica a alma. Fé viva, ativa e operante: esta é a fé que devemos ter. Cristo exige isso de nós. Verdadeiramente Cristo precisa de nós agora para representar a Ele e não ao poder opressor, dominador, denunciatório, rígido e frio do príncipe das trevas. Os que são amigos de Cristo farão agora tudo quanto Ele lhes ordenar. Levantem-se, portanto, tomando toda a armadura para, tendo feito tudo, permanecerem firmes. Que o templo da alma seja purificado do preconceito, daquela raiz de amargura e ódio que está contaminando muitos. Apeguem-se ao Poderoso. Comuniquem luz a outros, com palavras animadoras e com coragem no Senhor. Trabalhem para difundir aquela fé e confiança que é o único consolo de vocês. Que se ouça de cada lábio e voz: “Aqui está a perseverança dos santos, os que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus”; “Eis que venho como vem o ladrão. Bem-aventurado aquele que vigia e guarda as suas vestes, para que não ande nu, e não se veja a sua vergonha”; Alegremo-nos, exultemos e demos-lhe a glória, porque são chegadas as bodas do Cordeiro, cuja esposa a si mesma já se ataviou, pois lhe foi dado vestir-se de linho finíssimo, resplandecente e puro. Porque o linho finíssimo são os atos de justiça dos santos” [Ap 14:12; 16:15; 19:7, 8]. (*The Ellen G. White 1888 Materials*, p. 1483, 1484).

Quem entenderá agora essas coisas que escrevo? Há homens que já conheceram a verdade, que já se banquetearam com a verdade, mas

agora estão divididos entre sentimentos de infidelidade. Há um passo apenas entre eles e o precipício da ruína eterna. O Senhor está vindo; e os que se aventuram a resistir à luz que Deus concedeu em rica medida em Minneapolis, que não humilharam o coração diante de Deus, hão de continuar na vereda da resistência, afirmando: “Quem é o SENHOR para que Lhe ouça eu a voz”? [cf. Êx 5:2]. A bandeira que será levada por todos os que proclamaram a mensagem do terceiro anjo está sendo revestida de outra cor que praticamente a destrói. Isso está sendo feito. Apegar-se-á nosso povo firmemente à verdade? “Aqui está a paciência dos santos, aqui estão os que guardam *os mandamentos de Deus* e a *fé de Jesus*” [Ap 14:12, King James Version]. (*The Ellen G. White 1888 Materials*, p. 1486).

15 de abril de 1901

**Sermão, Boletim da Conferência Geral, 16 de abril de 1901,
“Um Apelo a Nossos Ministros”**

Muitíssimos se ocuparão em apresentar algum teste que não se encontra na Palavra de Deus. Nosso teste se encontra na Bíblia: os mandamentos de Deus e o testemunho de Jesus Cristo. “Aqui estão os que guardam *os mandamentos de Deus* e a *fé de Jesus*” [Ap 14:12, KJV]. Esse é o *verdadeiro teste*, mas muitos outros testes surgirão entre o povo. Eles serão introduzidos em grande número, por uma pessoa aqui e outra ali. Haverá um contínuo surgimento de algum elemento estranho para chamar a atenção do verdadeiro teste de Deus. (*The Ellen G. White 1888 Materials*, p. 1752).